



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA

Outro olhar sobre a multidão: Práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife

Orientador: Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink

Recife, 2012

EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA

**OUTRO OLHAR SOBRE A MULTIDÃO: PRÁTICAS DE
SOCIABILIDADES ENTRE OS TORCEDORES ORGANIZADOS
DOS CLUBES DE RECIFE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, em fevereiro de 2012, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink

Recife, 2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

S729o Souza, Eduardo Araripe Pacheco de.
Outro olhar sobre a multidão : práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife / Eduardo Araripe Pacheco de Souza. - Recife: O autor, 2012.
160 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2012.
Inclui bibliografia.

1. Antropologia. 2. Futebol – Aspectos sociais. 3. Torcida de futebol – Organização. 4. I. Reesink, Edwin Boudewijn (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2012-55)

EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA

**OUTRO OLHAR SOBRE A MULTIDÃO: PRÁTICAS DE
SOCIABILIDADES ENTRE OS TORCEDORES ORGANIZADOS
DOS CLUBES DE RECIFE**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em
Antropologia.**

Aprovado em: 16/02/2012.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink (Orientador – UFPE, representado por
Tânia Neumann Kaufman)**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof. Dr. Antônio Carlos Motta de Lima (Examinador Titular Interno)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof^a.Dr^a. Carmen Silva Rial (Examinadora Titular Externa)

Departamento de Antropologia - UFSC

DEDICATÓRIA

Ao Eterno, pela saúde e perseverança.

À minha esposa, Carol, pela “nova aliança”.

Aos meus filhos, Eduardo e Sarah, como exemplo.

A memória de meu pai, José, como reconhecimento.

À minha mãe, Nadja, pela dedicação.

Aos meus irmãos, Sérgio, Alexandre e André, pelo respeito.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, pelas ricas oportunidades de convívio, possibilitando crescimento espiritual e acadêmico. Entre os momentos do “café da Ademilda” até as argüições da pré-banca, as experiências e sentimentos serão lembrados com carinho.

Agradeço como forma de reconhecimento, aos professores Antônio Motta, Bartolomeu Tito, Roberta Campos e Mísia Reesink, do PPGA, e a professora Carmen Rial, da UFSC, pelas importantes críticas e sugestões feitas ao trabalho, mas, sobretudo pelo respeito e atenção dispensados a minha pessoa.

Compartilho e dedico os resultados desta pesquisa, como agradecimento, a professora Tânia Kaufman, com quem compartilhei minhas primeiras experiências de pesquisas acadêmicas, ainda na etapa da especialização, e que, além de ter participado das orientações iniciais desta dissertação, manteve-se sempre disponível, como amiga e docente, tendo contribuído diretamente para a conclusão do trabalho.

Faço referência especial ao meu orientador, professor Edwin Reesink, por ter acreditado na viabilidade desta pesquisa, tendo compartilhado seu tempo e seus conhecimentos na construção desta dissertação. Por sua atenção, dedicação, respeito, compromisso e interesse pelo ensino, agradeço-lhe com carinho e admiração, desejando e acreditando na possibilidade de outras parcerias.

Ao Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco e a Polícia Militar de Pernambuco, que através do Comando da Região Metropolitana e do Batalhão de Choque, respectivamente, viabilizaram a consulta e pesquisa em documentos relativos às prevenções nos estádios de futebol do Recife.

Ao Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco, em especial ao Dr. Aílton Alfredo, juiz responsável, a Marianna e Deolinda, pelas oportunidades de consultas documentais e acompanhamento das audiências durante os jogos.

Aos amigos Luciano Borges e Abel de Castro, pelos estudos conjuntos, pelas contribuições e pelas divisões das angústias acadêmicas, pela amizade.

Aos colegas de atividade profissional, pelas oportunidades, incentivos e pelas muitas vezes em que se revezaram, substituindo-me em reuniões e encontros, possibilitando-me frequência as aulas, participação em seminários e congressos.

Aos amigos João Batista, Wagner, Elizabeth Amorim e Hugo Tadeu, pelo apoio, carinho e interesse.

A Carlos, Maria das Dores, Carina, Catharina, Samarone, pelo apoio dado a Carol, minha esposa, e a meus filhos, durante minhas ausências.

Com carinho e gratidão, a Alexandre e Ana Cláudia, por estarem sempre próximos.

À minha esposa e meus filhos, pela companhia, amor, carinho, dedicação, compreensão. Por eles iniciei, decidi continuar e concluir a pesquisa.

Agradeço a todos os componentes de Torcidas Organizadas que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa. Por eles dedico este “outro olhar”.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco. **Outro olhar sobre a multidão: Práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE. Recife, 2011.

RESUMO

Uma série de relatos sobre episódios violentos protagonizados por Torcidas Organizadas nos estádios de futebol do Brasil foram registradas durante a década de 1990, promovendo grande repercussão na mídia e opinião pública nacionais, incentivando pesquisadores e teóricos do futebol a centrarem suas análises nas possíveis relações entre violência no futebol e Torcidas Organizadas. Este estudo tem como objetivo analisar as práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de futebol de Recife/PE. Além de possibilitar que as causas geradoras da violência nos estádios sejam problematizadas sob perspectivas históricas e sociológicas, a relevância deste trabalho privilegia uma perspectiva antropológica ao propor um “outro olhar” sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas. Através desse olhar relativizador, buscamos analisar e compreender as três maiores Torcidas Organizadas da cidade de Recife/PE através de sua organização social, suas práticas de sociabilidades e pelas repercussões causadas na dinâmica atual da forma de torcer nos estádios brasileiros. Ao imergirmos no campo da pesquisa, através das técnicas antropológicas de observação participante, interlocuções e entrevistas com torcedores - além da análise de dados secundários como documentos, estatutos e registros disponibilizados por órgãos públicos responsáveis pela organização do futebol em Pernambuco, possibilitou-nos compreender que esses grupos sociais – as Torcidas Organizadas, ao longo das últimas duas décadas, criaram novas possibilidades de interação, coesão e manutenção grupal. O estudo por fim, revela que as Torcidas Organizadas de futebol podem ser vistas não apenas como meros espectadores do futebol arte, e menos ainda, como potenciais protagonistas da violência urbana; o que oferecemos com nosso relato, é uma perspectiva de entender o fenômeno, não de forma *apriorística* e determinista, mas como um campo fértil, rico em possibilidades e aberto a outros estudos, análises e pesquisas antropológicas.

Palavras-chave: Torcida Organizada, Sociabilidade, Futebol.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco. **Outro olhar sobre a multidão: Práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE. Recife, 2011.

ABSTRACT

A series of reports about violent episodes played by football Organized Fans at the stadiums in Brazil were recorded during the 90's Age, promoting great repercussion in the media and national public opinion, encouraging researchers and theorists of football to focus their analysis on possible relationships between violence in football and football Organized Fans. This study aims to analyze the practice of sociabilities between the organized fans of the Recife's football clubs, at Pernambuco State. In addition to enabling the causes which create violence in the stadiums are established under historical and sociological perspectives, the relevance of this work favours an anthropological perspective to the propose "another look" about the phenomenon of the Organized Fans. Through this relative look, we seek to analyze and understand the three major Organized Fans Recife City through its social organization, their practices of sociabilities and the repercussions on the current dynamics of the support in Brazilian stadiums. When We go deeper into the field of anthropological research, through the techniques of participant observation, dialogues and interviews with fans- beyond of the analysis of secondary data like documents, statutes and records made available by public agencies responsible for the organisation of football in Pernambuco, allowed us to understand these social groups – the O.F., over the past two decades have created new possibilities of interaction, group cohesion and maintenance. The study finally reveals that the football Organized Fans can be seen not only as sheer spectators of football art, and even less, as potential protagonists of urban violence; What we offer with our reporting, is a perspective to understand the phenomenon, not a priori and deterministic form, but as a fertile field, rich in possibilities and open to other studies, analyses and anthropological researches.

Keywords: Organized, Sociability, Football Fans.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Lei 10.671, de 15 de maio de 2003 – Estatuto de Defesa do Torcedor.

Anexo 2: Portaria 001/11 – Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco, proibindo entrada de Torcida Organizada nos estádios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		12
1	CAPÍTULO 1 - TORCIDA ORGANIZADA COMO OBJETO: VISITANDO A HISTÓRIA E A LITERATURA	21
1.1	TORCIDAS ORGANIZADAS: BREVE HISTÓRICO SOBRE O FENÔMENO	22
1.2	DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA E TORCIDAS ORGANIZADAS: REFLETINDO EVIDÊNCIAS, PROBLEMATIZANDO ESTIGMAS	37
2	CAPÍTULO 2 – REVELAÇÕES DE UMA ETNOGRAFIA DAS ARQUIBANCADAS VIVAS	60
2.1	O ESTÁDIO: ESPAÇO E TEMPO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS	61
2.2	OS SETORES E AS PERSONAGENS DOS ESTÁDIOS	67
2.3	DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA EM DOIS ATOS: “AS ARQUIBANCADAS TÊMVIDA”	76
2.4	ETNOGRAFIA EM OUTROS “CAMPOS”: PESQUISA DOCUMENTAL E ESTATÍSTICA	89
3	CAPÍTULO 3 – TORCIDAS ORGANIZADAS E SUAS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES: PROPOSTA DE UM “NOVO OLHAR”	100
3.1	TORCIDA ORGANIZADA: MAIS QUE UM “BANDO”, UM <i>GRUPO SOCIAL</i> , UMA <i>ASSOCIAÇÃO</i>	101
3.2	IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE RECIFE	108
3.3	RELAÇÕES DE <i>ALIANÇA</i> E SUAS INFLUÊNCIAS NA MUDANÇA DO <i>MODUS OPERANDI</i> DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE RECIFE	125
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	138

ANEXO A – ESTATUTO DO TORCEDOR_____143

ANEXO B – PORTARIA 001/11-JETEP_____158

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por tema as práticas de sociabilidades entre os integrantes das Torcidas Organizadas (T.O) dos clubes de futebol da cidade de Recife. O estudo destes grupos sociais, inserido na temática dos esportes e especificamente do futebol, mostra-se relevante na medida em que possibilita, como laboratório, reflexões e compreensões dos valores essenciais e contraditórios da sociedade brasileira. Trabalhos importantes, produzidos ainda na década de 1980, como os de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta¹, inseriram ao campo de estudos da Antropologia nacional o futebol, campo este, bastante explorado pela Sociologia, disciplina que muito contribuiu e cuja relevância continua a ser sentida nas produções atuais.

“Não estudar o esporte, no presente, seria um pouco como se Malinowski não houvesse estudado o *kula* entre os trobriandeses, como se Evans-Pritchard não houvesse analisado as relações entre o povo *nuer* e os bovinos, ou como se, escolhendo-se nos dias de hoje o mundo mediterrâneo como campo de estudo, não se analisasse o fenômeno turístico.” (Bromberger, 2008: p.241)².

A pesquisa foi realizada com três Torcidas Organizadas, a maior de cada um dos três principais clubes de futebol de Recife, sendo escolhidas a *Grêmio Recreativo Torcida Jovem Fanático*, fundada em 1984, composta por torcedores do Clube Náutico Capibaribe; o *Grêmio Recreativo Torcida Organizada Inferno Coral*, criada em 1992 e ligada ao Santa Cruz Futebol Clube; e a *Torcida Jovem do Sport*, fundada em 1995, vinculada ao Sport Club do Recife. Sugere-se que o fenômeno das Torcidas Organizadas tenha origem no continente europeu, no final da década de 1960, expandindo-se por todo mundo sob a influência dos *hooligans*³ ingleses, chegando ao Brasil por volta de 1969, de forma “*organizada*” e independente dos clubes, sendo a “*Gaviões da Fiel*”, do Corinthians paulista, a pioneira nesse modelo de torcidas no

¹ Dentre as várias contribuições destes autores, destaco o artigo “*Football Mulato*”, de Gilberto Freyre, produzido em 1983, constituindo-se um dos primeiros escritos sobre a temática do futebol no país, e a coletânea “*universo do futebol*”, em 1982, organizada por Roberto DaMatta.

² Bromberger, C. *As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia*; in, Horizontes antropológicos/UFRGS. Ano 14, n.30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008, p. 241.

³ O termo *hooligan* é uma exportação inglesa, tal como o futebol propriamente dito. Surgiu na Inglaterra, entre 1870 e 1880, período em que a versão profissional do futebol se afirmou. O dicionário de inglês da Universidade de Oxford diz que o vocábulo é proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada Houlihan, que viveu em Londres na Era Vitoriana e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (Murad, 2010: p.56).

país⁴. Percebi que o perfil dos componentes das T.O dos clubes de Recife é semelhante ao que foi observado em estudos correspondentes, realizados com torcidas de outros Estados do Brasil. Em sua maioria, esses torcedores são jovens, entre 13 e 30 anos de idade, oriundos das camadas sociais menos favorecidas, desempregados ou ligados ao comércio informal, moradores das periferias dos grandes centros urbanos.

As características básicas que constituem o padrão de comportamento dos *torcedores organizados* são repercussões claras do contexto social maior no qual estão inseridos, destacando-se o superficialismo, o anonimato, a inconstância e o caráter transitório das relações. Esses grupos são criados numa tentativa de compensações afetivas e do isolamento vivenciado na metrópole, seja para a obtenção de identidade, lazer e cooperação, ou mesmo como forma de auto-afirmação e destaque, numa sociedade que prioriza o singular. A ausência desses contatos primários, sobretudo nas relações familiares e religiosas, possibilita que os *torcedores organizados* busquem no interior dos grupos, como alternativa, suprir a carência desses aspectos. As Torcidas Organizadas apresentam características de solidariedade, companheirismo, fraternidade e lealdade, formando agrupamentos coesos que as mantêm, e criam atrativos para os novos jovens que se filiam, proporcionando a sensação de que no grupo eles serão mais fortes. (Pimenta, 1997: p.98).

O uso de emblemas estampados nas camisas e bandeiras, o andar em grupos, demarcando os espaços urbanos por meio de pichações, delimitando espaços nos setores dos estádios, através de faixas de incentivo ou protesto, comunicando-se por gestos ou cânticos, os *torcedores organizados* são elementos constitutivos da identidade do torcedor através desses sistemas de representação. Para Tadeu Silva (2011), com quem dialogo sobre o conceito de *identidade*, a representação ocupa um papel central na teorização contemporânea sobre a identidade nos movimentos sociais. Questionar a identidade e a diferença significa, neste contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (Tadeu Silva, 2011: p.91). As dinâmicas, a estética, os símbolos e as performances das torcidas serão abordadas como estratégias de atração de novos membros e da visibilidade junto aos veículos de comunicação de massas, dentro de uma cultura midiática que se faz presente no mundo futebolístico atual.

⁴ Detalhes sobre o histórico das Torcidas Organizadas serão apresentados no primeiro capítulo.

Estudos sobre Torcidas Organizadas começaram a despertar o interesse de pesquisadores sociais e estudiosos sobre o futebol do Brasil a partir da década de 1990, após o registro de uma série de episódios violentos protagonizados por *torcedores organizados*⁵ em estádios de futebol, principalmente após uma briga generalizada no estádio do Pacaembu, em São Paulo, no dia 20 de agosto de 1995, entre componentes das torcidas “*Mancha Verde*”, da Sociedade Esportiva Palmeiras, e “*Independente*”, do São Paulo Futebol Clube. Esses incidentes tiveram grande repercussão na mídia⁶ nacional e internacional, incentivando várias análises sobre as possíveis relações entre violência no futebol e Torcidas Organizadas. Importantes trabalhos foram produzidos por pesquisadores de Programas de Pós-Graduação do país, alguns dos quais foram utilizados como referenciais teóricos nesta pesquisa, como Toledo (1996), Pimenta (1997), Heloísa Reis (2006) e Maurício Murad (2007).

As análises dos fatores que geram a violência entre torcedores de futebol devem considerar o processo de desenvolvimento e urbanização ocorrido nas grandes cidades brasileiras, ao longo dos últimos 60 anos, período marcado também por consideráveis modificações no contexto político e social do país, cujos efeitos tiveram grande repercussão na vida e nas relações sociais da população,

“As raízes da violência relacionada ao futebol estão na sociedade brasileira. A formação de indivíduos apáticos ou agressivos e violentos ocorre a partir de sua sociabilidade primária, quando já podem ser percebidas tendências a manifestações agressivas ou apáticas; ou será mais explicitada na juventude, podendo permanecer na fase adulta”. (Reis, 2006: p.15).

Não se pode negar a presença da violência *no* futebol, conseqüentemente, entre os torcedores, sejam eles *organizados* ou não. Contudo, o futebol enquanto processo lúdico possibilita a reeducação social, ao passo que se fundamenta na igualdade de oportunidades, respeito às diferenças, assimilação de regras e exacerbação das identidades, o que foi trabalhado por Norbert Elias (1990) como “*processo civilizatório*”. A análise de uma Torcida Organizada, à medida que reúne integrantes de vários segmentos sociais, crenças religiosas, gêneros e níveis de escolaridade,

⁵ Chamarei de “*torcedores organizados*” os componentes associados as Torcidas Organizadas, como forma de diferenciá-los dos torcedores do mesmo clube que não fazem parte desses agrupamentos, os quais chamo de “*torcedores comuns*”.

⁶ Adotarei o termo mídia para fazer referencia aos meios de comunicação eletrônicos, que se encontram sujeitos as ingerências do campo jornalístico. (Bourdieu, 1996, *apud* Rial, 2008: 23).

possibilita uma compreensão importante e geral dos grupos sociais e de suas formas de organização. O futebol é uma metáfora possível de estruturas existenciais básicas, uma representação da vida social. É um dos rituais de maior substância da chamada cultura popular (Murad, 2007: p. 17).

Meu interesse pelo tema desta pesquisa surgiu como consequência direta das repercussões dos episódios de violência registrados durante a década de 1990, destacados anteriormente. Meus primeiros contatos com um estádio de futebol aconteceram ainda quando criança, talvez com 6 ou 8 anos de idade e, semelhante a maioria das crianças brasileiras, acompanhando o pai e os irmãos mais velhos⁷. No início dos anos noventa, passei a frequentar os estádios de Recife na companhia de um de meus irmãos mais velhos, vizinhos e amigos da escola; mas, a essa época, percebia as Torcidas Organizadas apenas como um grupo “diferente” que animava o estádio e que, se possível, deveria ser evitado em função das notícias lidas nos jornais e noticiadas pela TV, algo que nem sempre era possível, já que muitas vezes eu só tinha condições de comprar o ingresso para os setores populares, locais frequentados pelas T.O. Entretanto, ainda não tinha interesse por essa *alteridade*.

Contudo, foi através da experiência profissional que meu olhar sobre os *torcedores organizados* mudou. Em 1999, já na condição de Cadete do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, durante um estágio profissional, entrei pela primeira vez em um estádio de futebol para executar um serviço que repetiria por muitas outras vezes, a prevenção de acidentes e segurança do público. O ambiente era “familiar”, entretanto, as personagens dispostas nas arquibancadas assumiram papéis diferentes. Os *torcedores organizados*, agora bastante perceptíveis, eram o motivo das maiores preocupações de quem é responsável pela ordem pública na praça desportiva. As notícias apresentadas pela mídia deixaram de ser meras divulgações sobre esses grupos, mas, importantes fontes de informações para o planejamento das operações nos estádios, e desta forma, Torcida Organizada era sinônimo de violência.

Os dez anos seguintes, àquela primeira experiência, considero como fundamentais para o processo que hoje se materializa nesta pesquisa. Passei a compor,

⁷ Essa característica me parece comum entre os frequentadores dos estádios de futebol, e também foi percebida nos *torcedores organizados* com quem mantive interlocuções. Após os 13 ou 14 anos, contudo, optaram por assistir aos jogos na companhia de colegas, até se associaram aos grupos organizados.

como oficial da instituição, o grupo responsável pelo planejamento dos principais jogos realizados em Pernambuco, desde jogos de campeonatos locais até jogos da taça Libertadores das Américas e da seleção brasileira, e que somados ultrapassam duas centenas. Nesta condição, meu olhar, altamente influenciado pelas repercussões midiáticas e pelas posições defendidas por colegas da Polícia Militar, passou a ser confrontado e questionado pela minha experiência empírica.

As notícias divulgadas pelos meios de comunicação relatavam uma violência dentro dos estádios, cujos responsáveis eram os *torcedores organizados*, situação que não era percebida em minha prática profissional, ou mesmo, situações que conseguimos solucionar através de diálogos com os representantes dos torcedores, eram divulgadas nos dias seguintes com uma dimensão completamente diferente da realidade. A essa altura, já começava a fazer leituras sobre a origem do fenômeno das Torcidas Organizadas, sobre o *hooliganismo* e fenômeno de massas, questionando-me sobre os motivos que levavam vários jovens a fazer parte desses grupos de torcedores, mesmo diante de repercussões e imagens estereotipadas, sobretudo influenciadas e reproduzidas pela mídia. Em uma das leituras fui impactado por uma curta narrativa de Bill Buford (2010), ao analisar a relação e a repercussão da imprensa sobre os *hooligans* ingleses,

“Em Valência, uma equipe da televisão espanhola oferecera dez libras a qualquer torcedor que estivesse disposto a atirar pedras, ao mesmo tempo em que ficasse pulando e berrando palavrões”.
(Buford, 2010: p.48).

Percebendo ainda que minhas dúvidas, adquiridas na experiência profissional, em muito se assemelhavam aos questionamentos dos teóricos e estudiosos que se dedicam ao estudo da violência no futebol, passei a refletir sobre o que isso tudo significava, e por quais motivos passei a tentar compreender as Torcidas Organizadas através de “outro olhar”. Assim, após a conclusão de uma especialização em História, eu não tinha mais dúvidas, necessitava explorar esse objeto por outro caminho, através de uma *alteridade próxima*⁸. A solução encontrada foi estabelecer um diálogo entre o objeto familiar e as teorias e métodos da antropologia social.

Esse trabalho é uma etnografia das Torcidas Organizadas *Fanático, Inferno Coral e Jovem do Sport*. Através dela busco compreender a organização social desses

⁸ Termo que se tornou apropriado para estudar fenômenos próximos aos pesquisadores (Peirano, 2006: p.62).

grupos, suas práticas de sociabilidades, as mudanças na forma de torcer nos estádios locais introduzidas por suas práticas, suas formas de identificação e representatividade. As observações foram realizadas em pesquisa de campo durante a realização de jogos válidos pelo campeonato pernambucano de futebol dos anos de 2010 e 2011, e do campeonato brasileiro de 2010, sobretudo nos chamados “*clássicos*”, momento em que os clubes, aos quais as Torcidas Organizadas observadas estão vinculadas, se enfrentaram. Ao todo foram quase quarenta encontros, sendo realizados registros em diário de campo, conforme apresento na tabela abaixo:

DATA	JOGO	LOCAL	COMPETIÇÃO
13JUL2010	NÁUTICO X ASA/AL	AFLITOS	NACIONAL
17JUL2010	SPORT X PONTE PRETA/SP	ILHA DO RETIRO	NACIONAL
24JUL2010	NÁUTICO X BAHIA/BA	AFLITOS	NACIONAL
07AGO2010	NÁUTICO X SPORT	AFLITOS	NACIONAL
17AGO2010	SPORT X SÃO CAETANO/SP	ILHA DO RETIRO	NACIONAL
05SET2010	SANTA CRUZ X GUARANY/CE	ARRUDA	NACIONAL
21SET2010	NÁUTICO X FIGUEIRENSE/SC	AFLITOS	NACIONAL
25SET2010	SPORT X BAHIA/BA	ILHA DO RETIRO	NACIONAL
23OUT2010	SPORT X NÁUTICO	ILHA DO RETIRO	NACIONAL
31JAN2011	SPORT X VITÓRIA/PE	ILHA DO RETIRO	ESTADUAL
06FEV11	SANTA CRUZ X SPORT	ARRUDA	ESTADUAL
20MAR2011	SANTA CRUZ X NÁUTICO	ARRUDA	ESTADUAL
03ABR2011	SPORT X SANTA CRUZ	ILHA DO RETIRO	ESTADUAL
17ABR2011	NÁUTICO X SPORT	AFLITOS	ESTADUAL
24ABR2011	SPORT X NÁUTICO	ILHA DO RETIRO	ESTADUAL
01MAI2011	NÁUTICO X SPORT	AFLITOS	ESTADUAL
08MAI2011	SPORT X SANTA CRUZ	ILHA DO RETIRO	ESTADUAL

15MAI2011	SANTA CRUZ X SPORT	ARRUDA	ESTADUAL
21MAI2011	SPORT X ICASA	ILHA DO RETIRO	NACIONAL
03AGO2011	CORINTHIANS X AMÉRICA/MG	PACAEMBU/SP	NACIONAL
09AGO2011	SPORT X NÁUTICO	ILHA DO RETIRO	NACIONAL

O trabalho de campo constitui em uma tomada direta de contato com a realidade social, o que implica uma investigação participante, já que é preciso viver, ou conviver, com a comunidade para conhecê-la, o melhor método consiste em viver *como* a comunidade (Copans, 1971: p.39). Assim, considerando minha inserção no campo, através da experiência como profissional do Corpo de Bombeiros, necessitei “*desnaturalizar*” meu olhar sobre o objeto, de maneira que pudesse compreender o grupo social Torcida Organizada por um “olhar antropológico”, isto porque,

“A partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”. (Oliveira, 2006: p.18).

A descrição constitui parte importante do meu trabalho de campo. Contudo, as observações e registros não se limitaram a participação em dias de jogos, nas arquibancadas dos estádios do Recife, mas também, em encontros promovidos por instituições públicas, como o poder judiciário estadual e a Polícia Militar, e instituições privadas de ensino superior, além de reuniões preparatórias que antecederam alguns *clássicos* e decisões de campeonato, promovidas pela Federação Pernambucana de Futebol. Além desses debates que problematizaram questões relativas à violência nos estádios, também visitei as sedes das torcidas organizadas nos momentos que antecederam aos jogos, o que me possibilitou acompanhar os preparativos e a organização grupal das torcidas.

Foi consultada a bibliografia especializada das Ciências Sociais, pertinentes as temáticas da vida urbana, violência urbana, violência no futebol, grupos urbanos, e sociabilidades, além de consultas a documentos e levantamentos estatísticos disponibilizados pela Federação Pernambucana de Futebol (FPF), Juizado Especial do

Torcedor de Pernambuco (JETEP), Polícia Militar de Pernambuco (PMPE), Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBMPE) e levantamento documental em jornais do Estado (Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio e Folha de Pernambuco).

Inicialmente enfrentei resistência para conseguir concretizar as entrevistas, já que normalmente os trabalhos feitos sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas abordam, diretamente ou indiretamente, a temática da violência que produz grande resistência nos torcedores entrevistados. Somente argumentando que minha proposta é apresentar *outras possibilidades, que não à violência*⁹, sempre me identificando como pesquisador ganhei a confiança dos informantes. As interlocuções (conversas informais) foram bem viabilizadas, já que, conhecendo as estruturas físicas dos estádios não tive problemas em localizar os pontos de concentração dos torcedores antes dos jogos, sendo estes momentos mais propícios aos diálogos. Algumas vezes, utilizei contatos pela Internet, sobretudo com os diretores, nas ocasiões em que não puderam me receber nas sedes sociais. Técnica semelhante foi utilizada por Oliveira (2006),

“Mesmo diante das dificuldades, esta técnica não poderia ser desprezada, considerando que, descrito o ritual, por meio do olhar e do ouvir – suas músicas e seus cantos –, faltava-lhe a plena compreensão de seu sentido para o povo que o realizava e sua significação para o antropólogo que o observava em toda sua exterioridade”. (Oliveira, 2006: p.22).

A etapa da escrita, momento em que se interpreta o que foi obtido na pesquisa empírica, foi assim organizada neste trabalho:

No Capítulo I, realizo uma reconstrução histórica do fenômeno das Torcidas Organizadas, suas possíveis origens, as influências do *hooliganismo*, e o surgimento dos primeiros grupos no Brasil e em Pernambuco. Em seguida, realizo uma incursão por algumas literaturas produzidas no Brasil, buscando estabelecer três pontos de diálogo com os autores: (a) *Relação entre contexto social, violência urbana, e violência no futebol*; (b) *Relação entre a violência nos estádio e as Torcidas Organizadas*; (c) *Torcidas Organizadas e o estigma da violência*. Esse diálogo proposto visa compreender as percepções dos autores sobre o papel dos *torcedores organizados* no contexto do futebol brasileiro atual e a possível relação desses grupos com a violência

⁹ Utilizei esta expressão logrando oferecer aos meus entrevistados, outra possibilidade para esclarecer o fenômeno, que não à violência.

nos estádios, bem como compreender em que medida é analisado o fenômeno das T.O para além da questão da violência nos estádios de futebol.

O Capítulo II é dedicado a descrição etnográfica. Ao descrever as experiências sociais e particulares dos componentes das três torcidas, busco compreender suas representações simbólicas através do significado atribuído aos seus emblemas, valores, hábitos, práticas em dias de jogos e no convívio da Sede social - suas sociabilidades. Os estereótipos são confrontados através das interlocuções e entrevistas, o que nos possibilitou uma *alteridade próxima*. Utilizo publicações de jornais, documentações de órgãos públicos e estatísticas, além de ilustrações com fotos dos encontros realizados em dias de jogos.

No terceiro capítulo, retomo as observações do campo de pesquisa para analisar e compreender, através das práticas de sociabilidades dos *torcedores organizados* dos clubes de Recife, a forma como esses grupos sociais se organizam e se relacionam, qual a importância das relações de alianças entre as torcidas para a coesão grupal, manutenção e identificação desses torcedores, bem como perceber quais mudanças na *forma de torcer* nos estádios do Recife foram identificadas como consequências dessas práticas. Através destas sociabilidades, portanto, proponho um “*outro olhar*” sobre as Torcidas Organizadas, um olhar relativizador que possibilite que estes grupos sejam percebidos não apenas como meros espectadores do futebol, e menos ainda, como potenciais protagonistas da violência urbana.

Por fim, defendemos que esse “*outro olhar*” abre espaço para um campo fértil e rico em possibilidades para outros estudos, análises e pesquisas antropológicas.

CAPÍTULO 1

TORCIDA ORGANIZADA COMO OBJETO: VISITANDO A HISTÓRIA E A LITERATURA.

O estudo dos esportes, mais especificamente do futebol, apesar de uma produção importante existente no âmbito da Sociologia brasileira, ainda dá seus primeiros passos nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia. Dentre os pioneiros neste campo de pesquisas, Gilberto Freyre e Roberto DaMatta¹⁰, produziram obras importantes e seminais que utilizam o futebol como objeto de análise e compreensão da realidade social do país. A partir da década de 1990, vários outros estudos vêm sendo produzidos e têm contribuído para o crescimento deste fértil campo de pesquisa acadêmica no Brasil. A construção destes trabalhos foi grandemente influenciada pelos estudos produzidos na Europa, principalmente na Inglaterra, relativos à teoria do “processo civilizador” (Elias, 1990), e ao fenômeno do *hooliganismo* (Elias & Dunning, 1986)¹¹, cuja relevância para a compreensão da violência no futebol e do surgimento das Torcidas Organizadas brasileiras é inquestionável, motivo pelo qual continuam sendo referências para os trabalhos atuais.

Este capítulo dedica-se a discussão de algumas destas produções, as quais foram utilizadas como referências na construção desta dissertação, por possibilitarem análises sobre a relação entre violência, cidade, futebol, Torcidas Organizadas e relações sociais. Penso que são leituras obrigatórias a todos que se lançam ao desafio de compreender o surgimento do fenômeno das T.O no Brasil. A partir destes trabalhos, procuro compreender a posição defendida, os argumentos apresentados e o papel atribuído pelos autores, aos *torcedores organizados* de futebol, diante da problemática da violência nos estádios brasileiros, apresentando, em seguida, a posição que defendo sobre o tema. Antes, considero importante desenvolver uma breve reconstrução histórica sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas, no Brasil e na cidade do Recife, antes de adentrar nas considerações sobre o referencial teórico citado.

¹⁰ Dentre as varias contribuições destes autores, destaco o artigo “*Football Mulato*”, de Gilberto Freyre, produzido em 1983, constituindo-se um dos primeiros escritos sobre a temática do futebol no país, e a coletânea “*universo do futebol*”, 1982; organizada por Roberto DaMatta.

¹¹ Dentre os trabalhos produzidos sobre o *hooliganismo*, destacou-se a obra de Norbert Elias e Eric Dunning, intitulada “*A busca da excitação*”, que foi publicada em português pela Difel, em 1986.

1.1 TORCIDAS ORGANIZADAS: BREVE HISTÓRICO SOBRE O FENÔMENO

Não há precisão quanto ao local e data do surgimento das Torcidas Organizadas no futebol mundial, contudo, sugere-se que tenha início no continente Europeu, no final da década de 1960, expandindo-se por todo mundo sob a influência dos *hooligans*¹² ingleses. O *hooliganismo* no futebol parece ter se tornado, a partir das últimas décadas do século XX, uma problemática mundial. Desde a década de 1980, foi com essa denominação que o mundo conheceu os problemas da violência relacionada ao futebol, inicialmente pensados como um problema local da Inglaterra (Dunning, 2003: 31)¹³. Para esse autor, todos os esportes competitivos conduzem ao aparecimento de agressão e violência, mas, por sua popularidade e seus valores masculinos, é no futebol que elas encontram um terreno fértil: “*É nesse conteúdo cultural que a expressão da violência física socialmente aceita e ritualizada aparece*” (Dunning, 2003: 17).

Sugere-se que, no Brasil, inicialmente sob o rótulo de *torcidas uniformizadas*¹⁴, o movimento teve origem na década de 1940. Dentre os estudiosos que se dedicaram a reconstruir o surgimento e desenvolvimento dos grupos de *torcedores organizados* no Brasil, acredita-se que agrupamentos de torcedores de futebol existem no país desde 1940, quando foram fundadas, no caso da cidade de São Paulo, algumas denominadas *torcidas uniformizadas* dos clubes mais populares - Sport Club Corinthians paulista, São Paulo Futebol Clube, e a então recém-formada Sociedade Esportiva Palmeiras (Toledo, 1996: 59).

Nesse período, o uso de bandeiras, faixas, banda musical e camisetas dos clubes, mesmo tendo grande semelhança com as Torcidas Organizadas atuais, alimentavam objetivos distintos. Inicialmente, as *Torcidas Uniformizadas* tinham um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência dos espetáculos esportivos. Essas torcidas nasceram inspiradas e bastante delineadas pelas fortes

¹² O termo *hooligan* é uma exportação inglesa, tal como o futebol propriamente dito. Surgiu na Inglaterra, entre 1870 e 1880, período em que a versão profissional do futebol se afirmou. O dicionário de inglês da Universidade de Oxford diz que o vocábulo é proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada Houlihan, que viveu em Londres na Era Vitoriana e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (Murad, 2010: p.56).

¹³ DUNNING, E. *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: Paidotribo, 2003.

¹⁴ O termo *uniformizada* é anterior ao termo *organizada*. Hoje, as maiores torcidas preferem o termo *organizada* para destacar que existe uma dada organização para além da mera uniformização (uso de uma camisa comum) de seus sócios nas arquibancadas (Toledo, 1996: 26).

motivações ideológicas da época, cuja sensibilidade política estava alicerçada e difundida em torno das idéias de raça, nação, ordem e, sobretudo, juventude:

“Durante esse período, que ficou marcado internacionalmente pela deflagração da II Guerra Mundial e, nacionalmente, pelo Estado centralizador de Getúlio Vargas, (...) essas primeiras organizações torcedoras evocavam aspirações nacionalistas, com grande anuência e chancela dos setores da elite que ocupavam os cargos dirigentes no âmbito dos esportes, dos meios de comunicação e de parte dos aparelhos do Estado”. (Toledo, 1996: 62).

Ao se referir às primeiras *torcidas uniformizadas* do Brasil, Giulianotti (2010), defende que:

“Esses torcedores tendiam a ser socialmente estabelecidos, tendo entre trinta e quarenta anos de idade, casados e com filhos, e eram elogiados pela mídia e pelas autoridades do futebol por sua atmosfera de apoio com celebração esportista. Mais tarde, foram substituídos por uma cultura de torcedores mais jovens, mais partidária e agressiva” (Giulianotti, 2010: 85).

Contudo, o ano de 1942 é aceito, pela maior parte dos pesquisadores sobre o futebol, como marco inicial das Torcidas Organizadas brasileiras, a partir do nascimento da “charanga do Flamengo”¹⁵, no Rio de Janeiro, com objetivo nítido de torcer por seu clube e animar os demais torcedores nos estádios. Esses grupos eram reunidos sob a liderança de um *torcedor símbolo*¹⁶, que apresentava uma extrema identificação com seus clubes e se confundia com a própria imagem da agremiação, uma espécie de símbolo do time: *“(...) havia torcedores que representavam toda a torcida do time e tinham prestígio na imprensa. Tratava-se, pois, de “torcedores símbolos”, cuja liderança era tão intensa, que mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa”* (Santos, 2004: 78).

Os jovens que antes da década de 1950 tradicionalmente iam aos jogos acompanhados pelos pais, tios ou avôs e, conseqüentemente debaixo do controle familiar, começaram a partir da década de 1970 a freqüentar os estádios com amigos da mesma faixa etária, perdendo-se esse *mecanismo regulador* da família. Sobretudo os jovens, com predominância dos ocupantes das classes mais populares, foram atraídos

¹⁵ Segundo Toledo (1996: 21), o fundador dessa “charanga” foi Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor símbolo do clube nas décadas de 30 e 40.

¹⁶ Ainda hoje são identificados, nos estádios de futebol de Recife, esses *torcedores símbolos*: O “Zé do Rádio”, torcedor do Sport, e o “Mazinho da buzina”, torcedor do Santa Cruz F.C, são bons exemplos disso.

para grupos que se organizaram, com ou sem padronização de uniformes, inicialmente apenas nos dias dos jogos, em busca de uma possibilidade do encontro com valores que os identificassem e os tornassem pertencentes a um grupo que os acolhessem, indistintamente de cor, religião, nível educacional ou econômico. Necessitavam apenas estar dispostos e disponíveis a defenderem os símbolos e valores da torcida. Surgem as Torcidas Organizadas.

O hooliganismo e as torcidas brasileiras: Influências e distinções

Em decorrência da repercussão mundial dos episódios envolvendo os *hooligans*, os transtornos que começaram a ser registrados nos estádios brasileiros, a partir da década de 1990, passaram a ser associados, analisados e repercutidos, sob a óptica da violência, tanto pela mídia quanto por especialistas em segurança pública, na procura de explicações e justificativas, mas, principalmente, em busca de possibilidades de soluções para o problema.

Em linhas gerais, mesmo considerando as influências do *hooliganismo* na formação das T.O do Brasil, Pimenta (1997) procurou destacar que no país organizou-se uma *estrutura, entre esses grupos, burocratizada*, e que parece distinta da organização identificada entre os *hooligans*, mesmo considerando semelhanças nas ações práticas e das violências produzidas nas arquibancadas dos estádios brasileiros, nos seus arredores e nos pontos de convergência destes grupos, com as práticas dos *hooligans*. O que caracteriza o surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil, segundo Pimenta (1997), não é a identificação com o clube do coração, considerando que várias práticas de identificação eram realizadas por grupos uniformizados já na década de 1940, como o uso freqüente de fitas nas cores do clube colocadas nas abas do chapéu do torcedor. Contudo, o que as determina e caracteriza, enquanto novidade é a forma “organizativa” desses grupos:

“Os grupos de torcedores que se juntavam nas arquibancadas, a partir dos anos 40, não podem ser considerados “organizados” – nos moldes atuais -, visto ser a sua constituição diferenciada. Em que pese a utilização de bandeiras, faixas, camisetas dos clubes, banda musical, não tinham e nem pensavam em formar uma estrutura burocrática. Tinham sim, apenas, a intenção de torcer e se divertir nos jogos de seus times. Porém, há de ser considerado esse movimento de torcedores o marco inicial para a existência de uma organizada”. (Pimenta, 1997: 66).

A partir das décadas de 60 e 70, as massas passam a ter um comportamento diferenciado nas arquibancadas dos estádios, começando a ter maior participação na vida dos clubes, cobrando das equipes, dos jogadores e dos dirigentes, um melhor desempenho. A identificação desses grupos é percebida pela vestimenta, pela virilidade, pelos cânticos de guerra, pelas transgressões das regras legais, pelas coreografias, pelo sentimento de pertencimento ao grupo (Pimenta, 2010: 66). Hoje, essa tentativa de influenciar na administração dos clubes e nos resultados das equipes, faz parte da rotina da maioria dos principais clubes brasileiros e tem grande repercussão na mídia esportiva, sobretudo pelos conflitos decorrentes desta relação. Abaixo destaco uma destas repercussões publicada em um jornal eletrônico do Recife, especializado em futebol:

*“Após a derrota para o Goiás na tarde deste sábado alguns torcedores do Sport protestaram contra jogadores, o técnico e a diretoria do clube. Os protestos começaram ainda dentro do estádio quando torcedores que ficam atrás do banco de reservas xingaram bastante o treinador, chegando até a subir no alambrado com muita raiva. Depois começaram os atos de vandalismo. Antes do início das entrevistas coletivas, garrafas de cerveja foram arremessadas em direção aos carros dos jogadores. Depois já durante a coletiva de PC Gusmão, um grupo de torcedores começou a jogar pedra, quebraram vidros do ônibus do clube e de carros, tanto da assessoria do Sport como da imprensa. A polícia foi acionada, mas quando chegou a situação já estava mais tranqüila. A equipe do GoleadaPE estava presente e viu toda movimentação. Que fique claro que os atos não foram feitos exclusivamente por integrantes de torcidas organizadas, mas torcedores comuns do clube também participaram”.*¹⁷

Mesmo sem realizar uma análise pontual sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas brasileiras, Giulianotti (2010) associa o processo de formação desses grupos a influência do *hooliganismo*, enfatizando que após o surgimento das *uniformizadas carnalizadas*, já mencionado nesta pesquisa, transformações passaram a ser notadas nos torcedores dos estádios brasileiros, principalmente entre os mais jovens, os quais desenvolveram uma cultura mais partidária e agressiva, notadamente entre as décadas de 1970 e 1980. Nos anos 80, segundo o autor, a exposição midiática sobre o *hooliganismo* foi decisiva para os registros violentos nos estádios de futebol de

¹⁷ Matéria publicada no dia 23 de outubro de 2011, após jogo entre as equipes do Sport-PE versus Goiás-GO, realizado durante o campeonato brasileiro da Série B de 2011. Disponível em: <<http://www.goleadape.com.br/>>. Acesso em 10 dez 2011.

outras partes do mundo. Giulianotti (2010), entretanto, dedica parte de suas reflexões sobre a história do futebol e sobre a influência do *hooliganismo*, a produzir uma leitura crítica sobre a explicação “figuracional” da escola de Leicester¹⁸ e, conseqüentemente, da análise dos fenômenos do *hooliganismo* e do “*processo civilizador*”, produzidas por Elias (1990) e Dunning (1992). De acordo com suas considerações, o ponto de vista sociológico de Elias é enraizado na noção de “*figurações sociais*”, ou seja, as pessoas se relacionam por meio de redes de interdependência social, e mais substantivamente, um “*processo civilizador*” se dá nas sociedades ocidentais (principalmente na Inglaterra e na França) desde a Idade Média (Giulianotti, 2010: 68). Esse processo é influenciado por um complexo desenvolvimento, em longo prazo, inter-relacionado, que inclui o crescimento econômico, uma expansão da divisão do trabalho, um monopólio estatal de taxaço e de violência. O “*processo civilizador*” é utilizado para explicar que, em relação ao *hooliganismo*, a violência dos torcedores está relacionada aos grupos sociais onde todos seriam, de alguma forma, afetados pelo processo. Com isso, discorre criticamente:

“Historiadores e antropólogos argumentaram que o ‘processo civilizador’ de Elias é historicamente inexato, evolucionista e etnocêntrico, e que implica que as sociedades anteriores ou não industriais fossem subdesenvolvidas, selvagens e bárbaras (Robinson, 1987; Leach, 1986; Mennell, 1989)”. (Giulianotti, 2010: 70).

Ciente das críticas existentes sobre as teorias produzidas por sua “escola”, Dunning (2011), na tentativa de esclarecer, o que para ele é, “*um equívoco relativamente generalizado*”, sobre a teoria de Elias, argumenta:

“(...) Elias não usa o conceito de ‘processo civilizador’ de maneira fundamentalmente moral e avaliativa. Ele também costumava inserir a expressão ‘civilização’ e seus derivados entre aspas a fim de claramente assinalar isso. ‘Processo Civilizador’ era, para Elias, um termo técnico. Ele não pensava que pessoas posicionadas num patamar mais avançado do processo civilizador como nós, por exemplo, em relação ao povo da Grã-Bretanha feudal ou da Alemanha ou França, medievais, fossem em qualquer sentido

¹⁸ Referência ao Centro de Sociologia dos Esportes, do Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester, do norte da Inglaterra, cuja produção sobre a temática dos esportes passou a ser referencia para todos os departamentos acadêmicos do mundo. Dentre as produção da “escola de Leicester”, destaco *A busca da excitação (1986)*, escrito por Dunning e Elias.

“melhores que” ou “moralmente superiores” àqueles”. (Dunning, 2011: 13)¹⁹.

As críticas formuladas por Giulianotti (2010), assim como por outros teóricos, talvez foram formuladas a partir de interpretações sobre argumentos defendidos por Dunning, como os que se seguem:

“O fato de a desordem do espectador violento ocorrer mais freqüentemente no futebol que em qualquer outro esporte seria, portanto, em parte, função da composição social das multidões que atrain. O futebol é o esporte mais popular do mundo, a maioria de seus espectadores são homens e vêm das faixas mais baixas da escala social, isto é, de meios sociais onde as normas, quando comparadas às das classes médias e altas, tendem a legitimar uma maior incidência de agressividade, bem como, de violência no cotidiano (...).” (Dunning, 2011: 21-22).

A violência desses torcedores “*não pode ser simplesmente ligada às classes médias baixas e à sua socialização peculiarmente “grosseira”*” (Giulianotti, 2010: 70). Ao contrário dos argumentos de *Leicester*, argumenta Giulianotti, os *hooligans* do futebol raramente vêm dos locais mais pobres das cidades. A pesquisa de campo com os *hooligans* do Reino Unido sugere que eles são muito mais incorporados à sociedade dominante do que estruturalmente excluídos dela, já que os hábitos dos *hooligans* demandam que o indivíduo possua capital econômico e cultural, sendo o dinheiro importante para a socialização nos *pubs* e para viajar aos jogos no Reino Unido (Giuliantti, 2010: 76).

O surgimento das Torcidas Organizadas marca a divisão do espectador do futebol em dois grupos: o *torcedor comum*²⁰, que frequenta o estádio sem estar vinculado associativamente a uma T.O, indo aos jogos normalmente na companhia de amigos ou familiares, pertencente a todas as faixas etárias, e que frequenta os estádios por amor ao futebol e pelo clube de preferência; e o *torcedor organizado* ou *uniformizado*, que se associa a um determinado grupo, incorporando suas características. Nos moldes atuais, a Organizada considerada mais antiga do Brasil é a “Gaviões da Fiel”, do Corinthians paulista, fundada em 01 de julho de 1969. Foi a primeira a ter uma estrutura organizativa regida por regras estatutárias, composta por

¹⁹ DUNNING, E. “Figurando” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. In *Dossiê*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.42, n.1, jan/jun, 2011, p.11-26.

²⁰ Termo que utilizo apenas para distinguir o torcedor que não é integrante de Torcida Organizada.

presidente, conselheiros, diretores eleitos e sócios, objetivando fiscalizar e apontar os erros dos dirigentes do clube e protestar contra a ordem vigente no país²¹ (Pimenta, 1997: 67). Essa nova associação de torcedores propiciou também uma das poucas oportunidades de reuniões de público organizado durante o regime militar, e daí a propagação de sua estrutura para todos os clubes importantes do Brasil foi concretizada (Giulianotti, 2010: 85). Sobre esta possível manifestação reivindicatória, Santos (1998), apresenta uma narrativa de um ex-presidente da torcida “Gaviões da Fiel”, que de certa forma, através da foto, comprova que havia relativa atitude por parte da torcida:

“Numa época de ditadura, a Gaviões foi a primeira entidade que abriu uma faixa – “anistia ampla e irrestrita” – para cem mil pessoas. Na época, o pessoal que estava saindo do país veio pedir para a Gaviões (...). Eles disseram que ninguém tinha coragem de abrir uma faixa para cem mil pessoas: “você vão ter que abrir”, e os gaviões compraram a briga. (...) Na época foi tudo mundo para o banquinho do DOI-CODI. O presidente na época era o Julião e os policiais vieram aqui e pegaram todo mundo”. Ninguém tinha feito isso na época da ditadura, então, os Gaviões deram uma força diferente das outras torcidas”. (SANTOS, 2004: 84).



Imagem: Faixa exposta pela torcida “Gaviões da Fiel”, em fevereiro de 1979, durante o jogo Corinthians x Santos, com os dizeres: “anistia ampla, geral e irrestrita”. Fonte: <http://www.ant.com.br/futebolcoisademulhersim.wordpress>>.

²¹ O que chamamos por “ordem vigente” corresponde ao período de intervenção militar no Brasil estabelecido após 1964. Segundo Linhares (1990: 370), no fim de 1968, sucedem-se conflitos de rua no Brasil, onde milhares de pessoas desfilam em manifestações contra a ditadura militar. Como resposta do governo, é editado o Ato Institucional nº 05, que entre outras coisas, fechou o congresso nacional, cassou vários parlamentares e estabeleceu a censura prévia.

Toledo (1996) defende que os *torcedores organizados* necessitam se diferenciar dos demais frequentadores dos estádios, criando formas próprias de torcer e de se organizar, argumento que me parece óbvio, tendo em vista que para ser considerado um grupo, por seus próprios integrantes, necessita de sinais diacríticos, no linguajar da etnicidade, ou seja, sinais que marcam visivelmente o pertencimento a um grupo distinto. O futebol, como se conhece atualmente, é fruto das sociedades competitivas instauradas com a Revolução Industrial (Toledo, 1996: 102). Sendo assim, as T.O buscam prestígio e visibilidade, sobretudo através da mídia e, neste sentido, são diferentes dos *hooligans*, sobretudo, pelas características sociais, culturais e valores grupais, apesar de existirem muitas semelhanças entre as práticas dos dois grupos. Sobre as Torcidas Organizadas, enfatiza:

“Ainda que existam diferenciações formais entre as Torcidas Organizadas, sobretudo no que se refere à organização, tamanho, patrimônio construído, elas se assemelham quanto à morfologia interna evidenciada por níveis socioeconômicos e culturais bastante congruentes. A rigor, substancialmente, distinguem-se somente pelo fato de aderirem a times variados”. (Toledo, 1996: 105).

O surgimento dessas torcidas seguem uma tendência da profissionalização do esporte, sendo a contrapartida popular do universo do futebol profissional dimensionado em clubes, federações, justiça desportiva, confederação (Toledo, 2000: 129). As torcidas redimensionam a relação torcida/futebol profissional e, especialmente, a relação espectador-espetáculo de futebol, no sentido de que, através da sua mobilização coletiva nos estádios e sua aparição permanente na mídia, como valor estético e informativo agregado, o espectador ganha ainda mais centralidade dentro do espetáculo futebolístico (Toledo, 2000: 133). Essa “*espetacularização*”, produzida pela mídia, em torno da violência atribuída as Torcidas Organizadas também foi registrada nos episódios que envolveram *hooligans*, e nesses casos, a exploração midiática também foi responsável pela explosão de violência nos estádios europeus, sobretudo na década de 1980. Na América Latina, o fenômeno da violência entre torcedores de futebol foi registrado anteriormente ao Brasil. Esses grupos são denominados “*Barras Bravas*”:

“O fenômeno “Barras Bravas” começa a surgir na América Latina no início e meados dos anos 80, com práticas semelhantes ao hooliganismo inglês, promovendo uma história de anarquia e mortes. Além de terríveis confrontos entre eles que acirravam as rivalidades, parece-me que eles têm o objetivo de demonstrar quem é o mais poderoso e o mais forte”. (Pimenta, 1997: 73).

Atualmente, grandes ou pequenas, as Torcidas Organizadas estão presentes em quase todos os clubes de futebol do Brasil, mesmo dentre aqueles que não possuem times com grande tradição de conquistas no futebol brasileiro. Apresentam estruturas organizacionais muito parecidas com as das principais e maiores T.O do país, diferenciando-se apenas na quantidade de associados e, conseqüentemente, na estrutura logística e patrimônio. Como exemplo, citamos: “*Torcida CEN Loucura*”, do Clube Esportivo Naviariense, de Mato Grosso Sul; “*Torcida Fúria Pantaneira*”, do Corumbaense F.C, também do Mato Grosso do Sul; e “*Torcida Genocídio*”, do Sport Club Genus, de Rondônia²².

As torcidas brasileiras chegaram a um nível de organização que lhes permitiu criar a *Confederação Nacional das Torcidas Organizadas* (CONATORG). Fundada no dia 13 de outubro de 2010, com o objetivo de unir reivindicações de todas as torcidas em âmbito nacional, conta com apoio de diversas organizações, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que, de acordo com o secretário de finanças da Central, o apoio às torcidas se dá pelo fato da CUT acreditar na importância da luta contra a criminalização dos movimentos sociais. Desta forma, a justificativa do apoio dado pela CUT deve-se ao fato de considerar as Torcidas Organizadas como “movimento social”, movimento “popular” e, desta forma, sofrer perseguição: “*A torcida organizada, assim como o MST e a própria CUT, sofre um processo constante de criminalização, pois, entre outras coisas, consegue organizar a massa de torcedores para lutar pelos seus direitos*”²³. Dentre as cidades com maior tradição e expressão no fenômeno das Organizadas encontramos a cidade de Recife.

O fenômeno das Torcidas Organizadas na cidade do Recife

O futebol pernambucano possui uma vasta relação de Torcidas Organizadas, que desde o início da década de setenta já chamavam atenção nas arquibancadas dos estádios da capital. Torcidas como “*Bafo do leão*”, “*Gang da Ilha*”, “*Treme-terra*”, todas do Sport Club do Recife; “*Os cobrões*” e “*Santamante*”, do Santa Cruz F. C; e a “*Timbucana*”, do Clube Náutico Capibaribe, eram as que mais atraíam os jovens da época, os quais se reuniam antes das partidas com a intenção de preparar as bandeiras e

²² Disponível em <<http://www.organizadasbrasil.com.br>>.

²³ Disponível em: <<http://vozdarua.wordpress.com>>.

os materiais que seriam utilizados na entrada dos times no campo de jogo, bem como nos momentos de comemoração de gols. No relato de um interlocutor, um dos pioneiros da torcida “*Bafo do Leão*”, fundada no final da década de 1970, percebemos o saudosismo desses primeiros integrantes:

“As bandeiras eram feitas na casa de algum “membro” que tinha mãe costureira. “Agente” comprava os panos e ela costurava, e aí, algum carro trazia para o jogo. O papel picado era preparado antes do jogo, com jornal velho que todo mundo juntava, ali mesmo na entrada do campo, até que a diretoria (citando a diretoria do clube) deu uma sala pra gente guardar o material. Isso é que era torcida. As de hoje (referência as torcidas que surgiram durante a década de 1990 e que atualmente são as maiores), mandam fazer tudo fora, não tem amor, só tem beleza!”²⁴.

O relato acima, além de expor o valor simbólico que a T.O representa na vida do interlocutor, sugere que há pleno conhecimento das mudanças que foram introduzidas pelas torcidas mais jovens, como consequência direta da profissionalização do futebol e do apelo midiático, criando novos papéis para esses grupos.

Analisando o processo de formação das Organizadas do Brasil, no início da década de oitenta, Santos (2004) confirma a relevância das torcidas de Recife no processo de surgimento das Torcidas Organizadas:

“Surgiram inúmeras torcidas em todas as regiões do país, com quantidade de associados bastante grande, como por exemplo: “Super raça gremista”, “Torcida jovem”, “Garra tricolor”, “Máfia força azul”, todas do Grêmio, do Rio Grande do Sul; “Fanáticos” e “Ultras”, do Atlético Paranaense; “Bafo do leão” e “Gang da ilha”, do Sport Club do Recife; e Máfia vermelha”, do América de Natal.” (Santos, 2004: 82).

Até a metade da década de 1980, as Organizadas dos clubes do Recife eram concebidas a partir de uma liderança familiar, normalmente irmãos ou primos que criavam um grupo e convidavam amigos para se associar, somando-se aqueles que durante os jogos permaneciam perto da “*charanga*”²⁵ e simpatizavam com a animação e os cânticos entoados. Esses simpatizantes aderiam ao grupo e em pouco tempo passavam a condição de sócios, ofertando ajudas financeiras que seriam utilizadas na

²⁴ Interlocução realizada com um integrante da torcida “Bafo do Leão”, antes de um jogo do campeonato brasileiro de 2011.

²⁵ Termo utilizado pelos torcedores mais antigos e que faz referência ao conjunto de instrumentos utilizados para animar os jogos. Atualmente, as torcidas organizadas chamam esses instrumentos de “bateria”.

compra de novos instrumentos musicais, tecidos para a confecção das bandeiras e das camisas. Eram torcidas *carnealizadas*²⁶. Além da presença nos jogos, organizavam caravanas para acompanhar os times fora da capital, alugando ônibus de turismo, proporcionando outras atividades de lazer durante as viagens.

Esse quadro começou a mudar a partir do início da década de 1990, onde grande parte dessas torcidas perderam prestígio e membros, basicamente em decorrência do surgimento de novos grupos, com predominância de adolescentes e jovens fortemente inspirados nas Organizadas de outros Estados, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, os quais adotaram novos *padrões de comportamento*²⁷. Dentre essas novas torcidas, destaco a *Fanáutico*, a *Inferno Coral* e a *Torcida Jovem do Sport*, as quais criaram um *modus operandi* distinto das torcidas originais e que são consideradas as principais do Estado na atualidade. O fenômeno das *alianças* entre Torcidas Organizadas foi fundamental nesse processo, motivo pelo qual aprofundaremos nossa análise no terceiro capítulo.



À direita, torcida “*Santamente*”, maior do Santa Cruz F.C na década de oitenta (Foto do site do Santa Cruz). À esquerda, imagem da Torcida Inferno Coral, maior Organizada do clube na atualidade (foto do autor).

²⁶ O termo faz referência as primeiras torcidas uniformizadas, como a charanga do Flamengo, cujos torcedores utilizavam roupas com as cores do time e tocando música em tom elevado, ao ritmo do samba, em apoio ao time. Esses torcedores tendiam a ser socialmente estabelecidos, entre trinta e quarenta anos de idade, comparecendo aos jogos na companhia das esposas e filhos (Giulianotti, 2010: p.85).

²⁷ Idéia para designar o novo estilo de se viver, no qual a vestimenta, os cânticos de guerra, a masculinidade, as transgressões às regras sociais, a virilidade, a linguagem militar, o pertencimento a um grupo coeso e forte, o respeito aos mais experientes e a violência constituem a base das relações travadas entre seus membros (Pimenta, 1997: p.136).

Atualmente as principais *Organizadas* do Recife seguem o padrão nacional de administração e organização das principais torcidas de clubes brasileiros, burocratizadas e formadas por uma diretoria executiva e compostas de presidente e vice-presidente que são eleitos pelos associados ou indicados por um conselho, e são classificadas como instituições de direito privado sem fins lucrativos. Essas três torcidas possuem sedes sociais²⁸ fora dos estádios, apesar de utilizarem salas dentro dos clubes para guardar materiais, bandeiras e instrumentos da bateria, e que servem como pontos de concentração e apoio nos dias de jogos. Os recursos financeiros são obtidos através da venda de produtos das próprias torcidas e de torcidas aliadas, como camisas, bonés, agasalhos, canecas, chaveiros, canetas, entre outros, comercializados nas lojas das sedes, lojas virtuais, centros comerciais da cidade, e nos estádios em dias de jogos. Abaixo, foto da sede da *Torcida Inferno Coral* (direita) e da loja da *Jovem do Sport* (esquerda)²⁹.



A Torcida Jovem do Sport, tomada aqui como exemplo, possui treze integrantes compondo sua administração, tendo um presidente, vice-presidente, secretário, um diretor geral, um diretor de patrimônio, quatro diretores de material, um diretor de vendas e conselho fiscal que é composto por três membros.

O perfil dos integrantes dessas torcidas também acompanha uma tendência nacional. Predominantemente são jovens, entre 13 e 30 anos de idade, na maioria homens, apesar da participação de garotas crescerem a cada ano, o que pude constatar nas observações realizadas ao longo da pesquisa de campo, através da existência das

²⁸ Aprofundo a importancia das sedes para os membros das torcidas no capítulo III.

²⁹Disponíveis em: <<http://www.grtoinfernocoral.com.br>> ; <<http://www.fanautico.com.br>>.

facções exclusivamente compostas por mulheres³⁰. A maior parte dos *torcedores organizados* são estudantes do ensino médio, oriundos de escolas públicas, e uma parcela significativa não estuda ou não desempenha atividades remuneradas. Entretanto, os poucos universitários identificados fazem parte das diretorias. Essas características estão próximas das que foram percebidas em outros estudos sobre torcedores organizados. A pesquisa realizada por Reis (2009: 83), sobre o perfil dos torcedores organizados do Estado de São Paulo, destaca que “*são, atualmente, agrupamentos tipicamente juvenis, pois sua composição está na faixa etária entre 18 e 28 anos*”. Vale observar que o estudo de Murad (2010: 35), realizado no Rio de Janeiro, apresenta resultados similares, o que me leva a pensar que o fenômeno é mais generalizado no Brasil:

“Têm idade entre 14 e 25 anos, maioria desempregados ou na “informalidade”; provenientes de quase todas as faixas de renda e escolaridade, em especial da chamada classe média baixa e da 5ª série do ensino fundamental à 2ª série do ensino médio, embora haja universitários também; predomínio de homens, com 10% a 15% de mulheres; ligações com drogas, gangues urbanas e o crime organizado a partir dos anos 1990; comunicação em rede, pela internet; treinamento em lutas marciais e uso de táticas militares”.

Durante o desenvolvimento da pesquisa realizei diversas visitas ao Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco³¹, obtendo informações importantes sobre o perfil dos torcedores que foram notificados³² em dias de jogos e que cumprem medidas educativas por terem praticado crimes de menor potencial ofensivo³³. Dentre os registros do ano de 2010, por exemplo, que totalizaram 243 processos, 97% dos notificados são homens e 3% mulheres. Desse total, quarenta pessoas alegaram fazer parte de alguma Torcida Organizada³⁴, dos quais quinze (ou 37,5%) possuem apenas o ensino fundamental; vinte e três pessoas (ou 57,5%) estão cursando ou concluíram o ensino médio; e duas (equivalente a 4%) cursam ou concluíram algum curso superior.

³⁰Os subgrupos femininos serão abordados no terceiro capítulo, sendo observados nas três torcidas observadas.

³¹Outras informações sobre o JETEP serão apresentadas e detalhadas no segundo capítulo, onde apresento minha descrição etnográfica.

³²Torcedores que cometeram atos considerados infrações de menor potencial ofensivo.

³³De acordo com o Estado Brasileiro, são consideradas infrações de menor potencial ofensivo os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a dois anos, segundo o Art.61 da Lei 9099/1995.

³⁴Através da consulta aos formulários de registro no Juizado, observei que não há nenhum campo de informação onde o infrator registre sua vinculação com alguma torcida organizada, o que dificultou muito essa identificação. Somente acompanhando algumas palestras educativas, pude identificar os 40 jovens que se apresentaram como sócios de Organizadas. Desta forma, pude chegar aos dados apresentados.

Aproximadamente 63% são jovens entre 18 e 22 anos, 16% entre 23 e 28 anos, e 21% são maiores de 29 anos de idade. Os resultados, apesar de indicativos, apresentam coerência com as informações presentes nos estudos citados anteriormente.

As três Torcidas Organizadas observadas ocupam, em dias de jogos, setores específicos nos estádios, notadamente as arquibancadas que ficam por trás das barras, cujos preços cobrados são mais baixos. Criaram uma forma própria de torcer, permanecendo de pé durante todo o jogo, desenvolvem coreografias e entoam cânticos próprios, assumindo a responsabilidade de incentivar o time de coração durante todo o jogo, desempenhando a “função torcedor como socialmente prescrita”, na sua plenitude. A descrição etnográfica narrada no segundo capítulo detalhará melhor a *performance* e o *modus-operandi* desses grupos.

A *Torcida Organizada Jovem Fanático*, ou simplesmente *Fanático* é a mais antiga dentre as etnografadas, fundada em 05 de fevereiro de 1984. Possui Sede social própria localizada na Avenida Conde da Boa Vista, bairro da Boa Vista, área central da cidade do Recife, onde são comercializados seus produtos. A torcida tem ainda 55 subgrupos, denominados *Pavilhões*, presentes em diversos bairros da capital e municípios do Estado, além do 40º Pavilhão localizado em Maceió-AL³⁵.

Fundada no dia 25 de abril de 1992, através da fusão de três outras Torcidas Organizadas do Santa Cruz F.C (*Santamante*, *Força Jovem* e *Os Cobrões*), a *Torcida Organizada Inferno Coral* é a maior e mais conhecida das *Organizadas* do clube. O nome “*Inferno Coral*” é justificado pelos associados como proposta de transformar o estádio do Arruda em um grande “*caldeirão*”³⁶ em dias de jogos. Sua Sede social está localizada na Rua Bolívar, bairro do Arruda, zona norte da capital pernambucana, possuindo ainda 09 sub-sedes espalhadas por diversos bairros da cidade. Seus subgrupos são denominados *Núcleos*.

A *Torcida Jovem do Sport* foi fundada em 29 de outubro de 1995, por dissidentes da torcida organizada “Gang da Ilha” após serem derrotados em uma eleição para a diretoria. Única dentre as *Organizadas* da cidade a utilizar uma cor de camisa

³⁵ Disponível em: <<http://www.fanautico.com.br>>.

³⁶ O termo “caldeirão” é utilizado no meio futebolístico quando uma torcida consegue preencher a capacidade de público de um estádio, incentivando a equipe local, tentando, desta forma, desestabilizar os jogadores da equipe adversária.

distinta das cores predominantes do clube pelo qual torce³⁷, a *Jovem do Sport* optou pela cor amarela como predominante e característica do grupo, o que faz com que muitos torcedores adversários os tratem por “*amarelos*”. Um dos atuais diretores da torcida, durante uma interlocução, e que participou do processo da escolha da cor, em 1995, revelou:

“Foi uma mistura de homenagem e protesto pelo título de campeão brasileiro de 1987, porque disseram que o Sport não era o campeão. Aí, o amarelo é a cor da estrela no peito e do módulo amarelo, pra todo mundo engolir”.³⁸

A Sede social está localizada na Rua da Aurora, bairro da Boa Vista, centro do Recife, um dos pontos de venda de seus produtos, que também são comercializados na loja virtual existente no site institucional da torcida.

Quanto ao número de associados das três torcidas pesquisadas, as informações são imprecisas, existindo apenas especulações por parte das suas diretorias e vários quantitativos são divulgados em sites de relacionamentos dos grupos. Durante a realização da pesquisa a Federação Pernambucana de Futebol iniciou o cadastramento de todos os *torcedores organizados* do Estado, devendo ser obrigatória a apresentação de carteira de identificação da torcida na entrada dos estádios a partir de 2012, contudo, os dados ainda não estão disponíveis.

³⁷ As cores do Sport Club do Recife são a vermelha e a preta.

³⁸ O campeonato nacional de 1987 foi dividido em dois módulos: verde e amarelo, equivalentes as séries A e B, respectivamente, do atual formato do campeonato brasileiro. O regulamento previa, ao final do campeonato, que os campeões e vice-campeões dos dois módulos disputassem o título de campeão brasileiro do ano. O Flamengo-RJ e Internacional-RS, campeão e vice do módulo verde, recusaram-se a disputar o quadrangular final com o Sport e o Guarani-SP, campeão e vice do módulo amarelo, os quais disputaram o título entre si, sendo conquistado pelo Sport. Apesar de reconhecido pela FIFA e pela CBF, o título em favor do Sport-PE, o Flamengo-RJ ainda questiona na justiça o título.

1.2 DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA E TORCIDAS ORGANIZADAS: REFLETINDO EVIDÊNCIAS, PROBLEMATIZANDO ESTIGMAS

Conforme mencionei na introdução deste capítulo, a teoria do “processo civilizador” (Elias, 1990) ³⁹ e os estudos sobre a violência no futebol, com destaque para o surgimento do fenômeno do *hooliganismo*, sobretudo com a publicação de “*A busca da excitação*” (Elias & Dunning, 1992) ⁴⁰, foram fundamentais para o desenvolvimento das primeiras pesquisas sobre a violência no futebol e Torcidas Organizadas no Brasil. Parte significativa dos estudos que foram produzidos a partir da década de 1990 adotou os argumentos propostos por esses autores, ora como sustentação teórica, ora como hipótese a ser confirmada ou questionada.

A partir destas considerações, as leituras que foram selecionadas como referenciais teóricos para esta discussão foram organizadas a partir de três pontos de diálogo que proponho: (a) *Relação entre contexto social, violência urbana, e violência no futebol*; (b) *Relação entre a violência nos estádio e as Torcidas Organizadas*; (c) *Torcidas Organizadas e o estigma da violência*. Esses pontos foram estabelecidos com o propósito de compreender as percepções dos autores sobre o papel dos *torcedores organizados* no contexto do futebol brasileiro atual e a relação destes com a violência nos estádios, bem como identificar em que medida esses trabalhos analisam o fenômeno das T.O para além da questão da violência nos estádios de futebol. Esclareço que, dentre as literaturas escolhidas, duas analisam diretamente o fenômeno das Torcidas Organizadas, suas dinâmicas e aspectos sociais, Pimenta (1997) e Toledo (1996),

³⁹ Sobre o “processo civilizador”, Dunning, de forma bastante resumida, defende que esse processo seria, para Elias, o desdobramento de cinco partes-interdependentes que interagem entre si: (a) formação do Estado; (b) pacificação sob o controle do Estado; (c) crescente diferenciação social e extensão das cadeias de interdependência; (d) crescente igualdade de oportunidades entre as classes sociais, entre homens e mulheres e entre as gerações mais jovens e mais velhas; (e) riqueza crescente. (Dunning, 2011, E. ‘*Figurando*’ o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. Artigo publicado no Dossiê, Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.42, n.1, jan/jun, 2011, p.11-26).

⁴⁰ Segundo o próprio Dunning, a relevância deste livro é duradoura porque ele demonstra claramente que os esportes modernos emergem em primeiro lugar como parte de um “processo civilizatório” e que a principal função do esporte é a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva, e que ele serve também para criar oportunidades de sociabilidade e movimento em uma variedade de formas complexas e controladas (GESTALDO, E. *Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning*. In, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.227, jul/dez. 2008).

enquanto Reis (2006) e Murad (2007) discorrem sobre a relação entre violência e futebol.

Contexto social, violência urbana, e violência no futebol

A violência no futebol é inquestionável, ocorrendo dentro e fora dos estádios. Contudo, analisar a violência nos estádios de futebol sem levar em consideração o contexto social e suas raízes, constitui-se grande equívoco. Ao defender que a violência é gerada socialmente e que suas soluções são complexas, assim como a própria relação entre futebol e violência, Reis (2006), antecipa que a violência presente entre os membros de uma Torcida Organizada, jovens em sua grande maioria, pode nos revelar diversas verdades e realidades que recusamos admitir ou não nos permitimos refleti-las:

“Os fatores geradores de violência são vários e complexos, mas pode-se afirmar que a disseminação de uma cultura de que a violência e o futebol sempre caminharam juntos contribui para a permissividade da violência nos estádios e dificulta sua minimização. A “relação simbólica” entre esporte e violência não é um privilégio do futebol”. (Reis, 2006: 17).

Há uma construção social desta relação, tanto de fato, como nas concepções desta relação na sociedade e entre diversos tipos de agentes: a visão nativa que deve ser investigada. De forma semelhante, para Toledo (1996), o futebol está diretamente vinculado ao contexto histórico e cultural cujos atores, sejam eles torcedores, jogadores, cronistas ou dirigentes, estão inseridos. Não há, portanto, como compreender o futebol brasileiro e seus problemas, desvinculado de seu todo social. Antes, deve ser levada em consideração a existência de especificidades e particularidades, enquanto atividade esportiva, exigindo do pesquisador o equilíbrio necessário durante a compreensão da dinâmica das relações sociais que envolvem, por exemplo, torcedores nos estádios, contudo, sem perder de vista a relação destes com sociedade maior. Em seu trabalho, realiza importantes paralelos entre a afirmação do futebol, como esporte predileto dos brasileiros, principalmente após as conquistas das Copas de Mundo de 1958, 1962 e 1970, e o período que marca a expansão dos grandes centros urbanos do Brasil. Neste contexto há o surgimento das *Torcidas Uniformizadas*, “*carnavalizadas*”, que dariam lugar, posteriormente, as *Torcidas Organizadas* com as características atuais.

Neste sentido, uma das abordagens de Pimenta (1997) está concentrada no processo de urbanização, nas novas práticas sociais e na violência como elementos

constitutivos da sociedade brasileira⁴¹. Segundo o autor, existe uma nítida relação entre a construção da violência urbana no Brasil e as repercussões sociais advindas do período sob a administração militar (1964-1985), argumentando ainda que a desarticulação das relações sociais impulsionada pelas radicais mudanças no eixo político-econômico, manifestamente defendido na “revolução militar”, propiciou o afloramento de comportamentos diversos, principalmente de desrespeito da pessoa humana (Pimenta, 1997: 24). A postura burocrática/militar⁴² tão característica das Torcidas Organizadas do Brasil é fruto do contexto político/social em que surgem. Portanto, defende Pimenta (1997: 25), que o resultado da ação dos governos militares, para a sociedade brasileira, gerou:

(a) *“Um processo de individualização promovido pela competitividade, reproduzindo um aumento efetivo do distanciamento do homem nas relações sociais, em que o convívio é realizado em um espaço desarmônico entre os grupos sociais e os indivíduos, inviabilizando a construção de identidades sociais coletivas”;*

(b) *“Profundas transformações políticas e econômicas”;*

(c) *“Práticas de agressividade e violências institucionalizadas no seio dos aparelhos repressivos do Estado (militar)”;*

(d) *“O êxodo rural e a aceleração urbana desarticulada proporcionaram, na sociedade brasileira, o desenvolvimento de uma cultura da violência, tendência sentida, especialmente, nos grupos de jovens que passaram a cultivar uma afinidade com os símbolos e os códigos da violência”.*

Desta forma apresenta-se como uma das principais conclusões de sua pesquisa a existência de um nexos causal entre a violência da sociedade contemporânea e a violência praticada nos campos de futebol e seus arredores:

“A violência entre as Torcidas Organizadas – grupos inseridos nas complexas relações sociais contemporâneas -, ultrapassa todos os limites das explicativas determinadas e redutivas, assim, se pode insinuar que estão em curso nos centros urbanos, um processo de violência que marca e constroem as relações grupais e intergrupais, de forma banal, débil e vazia, construindo a idéia da existência de uma cultura de violência” (Pimenta, 1997: 26).

⁴¹ Sobre as repercussões do processo de urbanização das grandes cidades nas relações sociais, e suas consequências para o fenômeno da violência urbana, dedicaremos maiores considerações no capítulo II.

⁴² Referindo-se a postura militar, defende que as torcidas fazem de seus confrontos verdadeiras guerrilhas urbanas. Utilizam-se de táticas de “guerra”, linguagem militar – linha de frente, batedores, comando, emboscadas, armadilhas – e centralizam o poder de mando para um grupo restrito (Pimenta, 1997: p.136). Já relatamos, no histórico sobre as torcidas do Recife, que a *Fanático* utiliza o termo “pavilhões” para suas subdivisões, enquanto a *Jovem do Sport* usa o termo “comando”, e a *Inferno Coral* utiliza o termo “Núcleos”.

A ausência de controle social espontâneo, que em outro momento apresento como *mecanismo regulador*, antes proporcionado pela família, pela comunidade e pela religião, será apresentado por muitos cientistas sociais como uma das principais heranças da desestruturação das relações sociais na vida urbana, fomentando as condições ideais para o desenvolvimento da violência e da criminalidade. No Brasil, especificamente, as grandes cidades, por se constituírem nos centros mais dinâmicos de sua economia, representam espaços nos quais suas contradições se tornam mais evidentes, a riqueza e a opulência convivendo com a mais flagrante miséria (Oliven, 1982: 26)⁴³.

Ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação regional, racista, musical, religiosa, ou torcedores agressivos de futebol cuja prática de uma violência sem significado aparente, surge como parceira inseparável dessas manifestações, que ora se exprimem nos bairros periféricos, ora se deslocam para o centro da cidade. Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão (Sposito, 1994).⁴⁴

Contudo, sabe-se que alternativas a essa desestruturação nas relações são criadas e recriadas na vida urbana. Por um lado existem mecanismos sociais que perduram e/ou se adaptaram às novas condições, mesmo nos bairros mais pobres: processos que se mantêm “estruturantes”. Por outro lado, o processo denominado *desindividualização*, utilizado por Maffesoli (2010) destaca o aparecimento de micro-grupos urbanos como resposta a massificação indiferenciada dos grandes centros. Esse fenômeno é chamado pelo autor de *tribos urbanas*. O uso do termo “tribo” difere daquele aplicado habitualmente na Etnologia, a fim de designar os grupos humanos constituintes das sociedades “primitivas”, sobretudo os nativos das Américas, África e Oceania, sendo atualmente aplicado as sociedades complexas dos grandes centros urbanos. As Torcidas Organizadas dos clubes de futebol podem ser identificadas nesse processo, onde cada integrante assume um papel definido e os valores grupais sobrepõem-se aos valores individuais:

⁴³ OLIVEN, R. G. *Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil*. In: BOLCHI, R.R. *Violência e cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁴⁴ SPOSITO, M.P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 161-178, 1994.

“A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Está claro que, como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são estáveis”. (Maffesoli, 2010: 31).

Mesmo após a reabertura política, a partir de 1985 e os esforços realizados para garantir a redemocratização e estabilização econômica, o Brasil, considerado um país em desenvolvimento, ou como chamam atualmente “emergente”, ainda apresenta problemas sociais que são de ordem primária, sem conseguir atingir níveis satisfatórios de infra-estrutura habitacional, sanitária, educacional e de saúde que satisfaçam as necessidades da maioria de sua população equiparado em vários aspectos aos piores índices de desenvolvimento humano (IDH), e que são registrados nos países Africanos, e uma das maiores taxas de desigualdade do mundo, mas que por outro lado situa-se entre os 20 países com maiores economias do mundo. Todos esses fatores são apontados como geradores e potencializadores da violência nos grandes centros. É devido a motivações estruturais e históricas, políticas e conjunturais, que a violência cresce e generaliza-se na sociedade brasileira, de forma assustadora e descontrolada, alcançando a tudo e a todos quase indiscriminadamente (Murad, 2007: 26). Como veremos mais adiante, a violência presente nos estádios, incluindo a praticada pelas Torcidas Organizadas, também é reflexo das péssimas condições de conforto, higiene e organização, oferecidos nos estádios brasileiros.

A busca pela construção das identidades sociais, a partir do panorama apresentado, também recebe destaque nas análises revisadas. Toledo (1996) dedica atenção especial ao “processo de negociação” dessas identidades no espaço urbano, sobretudo pelos jovens filiados às *Organizadas*. Os principais aspectos que constituem o modo de vida dos *torcedores organizados*, suas práticas e padrões de sociabilidades nos grandes centros urbanos, devem ser analisados em conjunto com a sociedade na qual estão inseridos. O torcedor sempre é alguém que também desempenha uma gama potencialmente grande de outros papéis. Ele é o trabalhador, o estudante, a dona de casa, o malandro, o marginal, o policial, o dirigente, o político. A condição de torcedor de futebol é apenas mais uma entre tantos outros papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade (Toledo, 1996: 12). Analisa ainda, que em dias de jogos é

criada uma divisão natural das opiniões e preferências em relação ao evento. Parece um contínuo que inclui os que efetivamente participam do jogo, os torcedores, e os que apenas acompanham indiretamente a movimentação nas ruas da cidade, ou seja, os que toleram ou ignoram o futebol:

“Para os que estão ‘fora do jogo’, o comportamento geral dos torcedores representa sempre uma potencialidade de perigo, desvio, perturbação e violência. No entanto, para os outros, que participam efetivamente do cotejo, compartilhando certas permissividades, o jogo de futebol consiste num dos momentos em que a simples aglomeração em identidades e oposições – nós contra eles – adquire a forma de uma consciência particular de um Nós, que interfere na lógica das relações mais cotidianas e rotineiras na cidade”. (Toledo, 2008: 133-134)⁴⁵.

A violência entre as Torcidas Organizadas também permeia esta rede de relações formada por um tecido social débil. A maioria dos filiados às Torcidas Organizadas são jovens, em média de 13 a 22 anos de idade, e que buscam a construção de suas identidades sociais *“Assim, a violência aparenta funcionar como instrumento de solidificação e de desenvolvimento da personalidade de seus membros, e os membros vêem nas T.O o espaço possível para suas manifestações individuais e coletivas”* (Pimenta, 1997: 21).

Ao estabelecer uma análise sobre as mudanças no comportamento dos torcedores ao longo dos anos oitenta, conforme dito anteriormente, Pimenta (1997) defende que os torcedores passaram a atuar com mais agressividade utilizando o estádio como local de demonstração de truculência e violência. Contudo é necessário compreender os motivos que levam torcedores a praticarem esses atos, tornando-se necessário analisar a violência – em seu sentido mais amplo -, produzida na sociedade brasileira, em que os indivíduos e os grupos estão inseridos, pois lhe parece que esses dois momentos, a paixão do homem brasileiro pelo futebol e a violência produzida nas praças desportivas, não estão desarticuladas dos aspectos econômico, político, social, cultural, psicológico e antropológico que contribuem para explicar a violência numa determinada sociedade:

⁴⁵ TOLEDO, L.H. *A cidade das torcidas: Representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, 2008.

“Dentro de uma praça esportiva, as regras sociais se afrouxam, propiciando momentos de transgressões não permitidas nas relações grupais fora do campo do jogo, surgindo, então, as trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo. (...) Na história do futebol brasileiro, indistintamente de ser ele amador ou profissional, temos inúmeras passagens que atestam a presença de momentos de violência, não só dentro do campo entre os jogadores, mas também, entre torcedores”. (Pimenta, 1997: 53).

A violência nos estádios de futebol e as Torcidas Organizadas

Durante a década de 1990 houve uma ampla divulgação de episódios envolvendo torcedores de futebol e violência nos estádios do Brasil, sobretudo, a partir de 1995, quando foi registrado um dos casos de maior repercussão na mídia esportiva do país. Durante uma partida realizada no estádio municipal do Pacaembu, em São Paulo, envolvendo as equipes de juniores do Palmeiras e do São Paulo, vários torcedores, de ambas as equipes, invadiram o gramado e iniciaram uma espécie de *batalha campal*. O saldo desse conflito foi à morte de um torcedor e vários outros gravemente feridos, tudo registrado pelas câmeras das principais redes televisivas do país. A partir desse episódio, os acontecimentos de violência nos estádios brasileiros receberam grande cobertura e divulgação por parte da mídia, além de acalorados debates em programas de estúdios televisivos. Contudo, a grande maioria dessas divulgações, em geral sensacionalistas, está desprovida de uma análise criteriosa com base em estudos desenvolvidos por instituições científicas, ou na tentativa de estabelecer uma relação plausível entre a violência nos estádios e a violência social.

As Torcidas Organizadas são compostas por jovens cujo cotidiano, supõe-se, a violência ocupa papel central. Pimenta (1997) estabelece como problema de pesquisa *“quais seriam as razões e os motivos que levam um grupo de jovens a agir com tanta agressividade e violência, tendo em vista estarem essas pessoas ligadas por um acontecimento de alegria, emoção e prazer* (p.13). A violência nos estádios não é fato novo, porém, a partir dos anos 90, com as mortes, agressões frequentes, depredações de espaços públicos e transportes públicos, como metrô e ônibus, grupos diferentes começam a promover confrontos que implicam em lutas corporais além dos limites do estádio (Pimenta, 1997: 16). Essas que são atitudes consideradas antissociais e que se tornaram corriqueiras nas grandes cidades brasileiras em dias de jogos, podem e devem ser refletidas, suas motivações questionadas, e suas conseqüências avaliadas.



Imagem: Torcedores da *Jovem do Sport* (esquerda) e *Inferno Coral* (direita), “surfando” transporte coletivo em dia de jogo. Disponível em: <[HTTP://www.jconline.com.br](http://www.jconline.com.br)>.

Ao estudar, especificamente a relação entre o futebol e a violência, a partir de comparações entre episódios violentos nos estádios do Brasil e da Espanha, Reis (2006), propõe que as raízes da violência relacionada ao futebol estão na sociedade brasileira, logo, “a violência de torcedores de futebol também está diretamente relacionada com a formação do indivíduo e com o seu entorno social” (Reis, 2006: 16). Nos estádios espanhóis, por exemplo, a maior parte dos torcedores que se envolveram em atos violentos não teve práticas esportivas na infância ou juventude, o que no Brasil corresponde ao ensino da disciplina de Educação Física, nas escolas do ensino fundamental e médio, além das escolinhas de diversos esportes praticados em clubes particulares ou promovidos por programas sociais, e que, da mesma forma, está distante da realidade da grande parcela dos jovens que cometem atos violentos nos estádios. Dunning (2008), ao refletir sobre o papel pedagógico e “civilizador” dos esportes, afirma que: “Esta idéia surgiu no Século XIX e depende, para sua operacionalização, da inculcação nos jovens, desde muito cedo, dos valores do amadorismo, como o ‘fair play’ e a idéia de que competir é mais importante do que vencer” (Dunning, *apud* Gestaldo, 2008: 227).⁴⁶

Os estádios, neste contexto, foram apenas locais escolhidos por grupos juvenis para a realização de manifestações violentas em um período em que havia uma permissividade e impunidade para tal, assim como também foi no Brasil até aproximadamente 1996 (Reis, 2006: 33). A relação “simbiótica” entre esporte e

⁴⁶ GESTALDO, E. *Esporte, violencia e civilização: uma entrevista com Eric Dunning*. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.227, jul/dez. 2008.

violência não é um privilégio do futebol, contudo, o fato de existir uma disseminação de uma cultura de que a violência e o futebol, desde o início, caminharam juntos favorece a tolerância de práticas violentas nos estádios do mundo todo.

As raízes da violência na Europa, em geral, apóiam-se em problemas sociais como o alcoolismo, o abuso e o consumo de outras drogas e o racismo (Reis, 2006: 85), o que também parece está presente na realidade brasileira. Murad (2007) concorda com a necessidade de reeducação, prevenção e punição, no âmbito esportivo, através de experiências que foram analisadas e consideradas bem sucedidas em países como Colômbia, Irã, Afeganistão e Japão⁴⁷, o que chamou de *“tripé de medidas necessárias e irrecusáveis para o tratamento da violência esportiva em geral, futebolística em particular”* (Murad, 2007: 164). A violência está generalizada por todas as épocas e organizações sociais, sendo manifestações que atingem em maior ou menor grau a todas as pessoas, independentemente de seu nível de cultura, de escolaridade, faixas etárias, gênero, raça, religião e classe social. Tudo aponta para uma universalidade da violência, tendo variações a partir das condições sociais e oscilando em sua frequência e intensidade (p.167).

No capítulo que se dedica a discutir a relação *“violência e torcidas organizadas”*, Murad (2007) faz uma importante e polêmica afirmação. O autor afirma que *“as manifestações de agressividade entre os torcedores, em primeiro lugar, e, logo a seguir, entre os atletas, formam a dimensão do fenômeno da violência no futebol, que tem mais vitrine na mídia e, pelo acento que lhe é dado, deixa a impressão de ser mais grave do que realmente é”*. Em seguida, discorrendo sobre as T.O, afirma que *“As torcidas organizadas, em cujo universo o problema da violência é mais evidente, são parcelas muito pequenas no conjunto de milhões e milhões de fãs independentes ou, como são chamados em alguns estados brasileiros, torcedores anônimos”* (ib.: p.34). Mais adiante conclui o pensamento:

“(...) neste ambiente urbano com quase 6 milhões de habitantes na cidade e mais de 14 milhões no estado, [referência ao Rio de Janeiro], (...) os torcedores organizados não passam de 140 mil, segundo os arquivos da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Astorj). Uma minoria no somatório geral dos fãs. Mais que isso: os 5% responsáveis pelas cenas freqüentes de vandalismo lamentável

⁴⁷Sobre a viabilidade de medidas educativas e preventivas realizadas no futebol pernambucano, destacarei o trabalho do JETEP – Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco -, no capítulo IV.

não são números relativos aos universo total dos torcedores, mas sim, à parcela organizada deles. Portanto, uma minoria dentro da minoria”. (Murad, 2007: 35).

Concordo, a partir desta pesquisa, quando o autor propõe que a mídia produz e explora uma imagem sobre a violência nos estádios de futebol diferente da que realmente existe, bem como, quando afirma que uma parcela mínima entre os *torcedores organizados* é responsável pelos atos de vandalismo, maculando a imagem de todo grupo. Contudo, ficar restrito a uma discussão que estabelece uma relação direta entre a violência nos estádios e os *torcedores organizados*, desconsiderando a complexidade do assunto, parece-me, no mínimo insuficiente, sobretudo, quando teremos de considerar a existência de outros fatores que podem favorecer a violência no âmbito do futebol, como ele próprio expõe:

“(...) diversos aspectos violentos, diretos ou indiretos, de caráter mais geral, que acontecem no futebol, mas que não são exclusivos nem próprios do futebol. (...) Dentro de campo podem ser citadas a impunidade, a intolerância e a competição excessiva, entre outras. Fora dos gramados, podemos dar destaque ao autoritarismo de dirigentes, aos contratos de trabalho draconianos, às grandes diferenças salariais e as manipulações da mídia. É possível encontrarmos uma gama razoável de práticas de violência subjacentes (...)”. (Murad, 2007: 174).

Entretanto, o mesmo autor discorda daquilo que é proposto por Elias & Dunning (1992) quanto a relação entre violência/esportes, partindo do princípio que o esporte não é violento em sua essência, trabalhando assim a noção de violência *no* futebol, e não violência *do* futebol: “*As práticas da violência no universo das modalidades esportivas existem, sim, contudo são mais de caráter “pontual” do que “essencial”* (Murad, 2007: 170). Retoma a idéia de que a mídia tem grande responsabilidade pela visibilidade dada à violência nos estádios, pois, acredita que superdimensiona os fatos violentos ocorridos no futebol:

“(...) a mídia tem uma grande e incontornável responsabilidade no que diz respeito (e é bom que as jurisdições não sejam confundidas) não exatamente às circunstâncias e/ou às práticas de violência no mundo do futebol, mas, sim, àquilo que podemos classificar como “sensação” ou “sentimento de violência”. (Murad, 2007: 171).

Desta forma, a imagem da violência produzida socialmente seria bem maior do que a sua dimensão real. Neste ponto, encontramos paralelos na teoria de Dunning (2008), sobre a existência de um “pânico moral” produzido pela mídia ao relatar

assuntos relacionados aos *hooligans* e a violência nos estádios ingleses, a partir da década de 1960, o que também foi registrado no Brasil durante a década de 90:

*“Havia um problema crescente naquela época associado à delinqüência juvenil, como os Teddy boys, os mods, os rockers e os skinheads, mas o pânico da mídia contribuiu para a produção de uma “profecia autocumprida”, no curso da qual o problema do hooliganismo se tornou realmente pior. Os estádios de futebol passaram a ser definidos por candidatos a hooligan como arenas, para onde sempre iam “forasteiros” prontos para ser atadados. A mídia explorou esse fato. Depois de 1966, os “skinheads”, com suas cabeças raspadas e sua forma de vestir típica da classe trabalhadora se tornaram a forma arquetípica do hooligan, mesmo que alguns deles tivessem vindo (e ainda vêm) de ambientes “respeitáveis” de classe média”.*⁴⁸

Também percebo que no seu *Ensaio sobre o conflito*, Simmel (2005: 88) considera que *“a sociedade existe onde um número de indivíduos entra em interação”* e, desta forma, sendo uma forma de interação é uma forma de associação. Segundo ele, toda associação contém um elemento de conflito, destacando dois tipos principais: o conflito *intragrupal* e o *intergrupal*. No primeiro tipo, a discórdia será tanto mais intensa quanto mais as partes envolvidas tiverem algo em comum e forem próximas umas das outras. Acredito que seja uma maneira para explicar o surgimento das divisões que foram observadas no interior das três torcidas analisadas, chamadas de *Pavilhões* (Fanático), *Núcleos* (Inferno Coral) e *Comandos* (Jovem do Sport).

O grau de importância e status que os diretores dessas organizações recebem é tão considerável no seio das torcidas que a possibilidade de formar uma espécie de “célula” desse corpo é muito sedutora, e não raro identificamos conflitos internos com ameaças de “rachas” e divisões nas torcidas. Ou seja, a dimensão do grupo atinge proporções ao ponto de um só líder não abranger a todos, havendo espaço para lideranças surgirem, considerando ainda ser uma via de prestígio social, sobretudo para quem não tem alternativas. Para Simmel, o conflito intragrupal põe à prova a unidade do grupo, podendo, contudo, reforçá-la. O conflito e a rivalidade podem crescer ao ponto de autonomizar-se, o que é chamado de fissão por Evans-Pritchard; por outro lado, a organização em subcoletividades pode evitar que as pessoas se sintam menos identificadas na coletividade maior, evitando distâncias maiores com as lideranças.

⁴⁸GESTALDO, E. *Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning*. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.223-231, jul/dez. 2008.

Fenômeno contrário, identificado na teoria de Simmel, é observado no *conflito intergrupual*, ou seja, diante da existência e da ameaça das torcidas rivais de outros clubes, a Torcida Organizada tende a unir e envolver todas as divisões existentes na luta travada contra o grupo opositor, “fusão” para Evans-Pritchard, e assim, todos os *comandos, núcleos ou pavilhões* se unem durante os deslocamentos de rua (da sede até o estádio), nas arquibancadas ou nas batalhas virtuais da internet, a fim de conquistar os *troféus de guerras*⁴⁹ ou o *status* de maioria de torcedores presentes no estádio. Simmel defende que a existência de inimigos pode ser salutar para o grupo: “*a fim de que a unidade dos membros permaneça efetiva e o grupo mantenha consciência de sua unidade como um interesse vital*” (2005: 122). Sobre esse aspecto, talvez encontremos uma das justificativas para os encontros violentos que são marcados pelas *Organizadas* e realizados em locais públicos, e que são relatados pela mídia como prática de atos violentos apenas pelo prazer da desordem, uma “violência sem sentido”.

Toledo (1996) considera que sociabilidade e conflito são partes constituintes do esporte, aparecendo como que imbricados em uma só dinâmica imposta pela competição esportiva: “*Se o futebol é um provedor de formas e padrões de sociabilidade na metrópole ele também é, concomitantemente, a manifestação de conflitos, preferências, paixões, excessos e violências*”. (Toledo, 1996: 100). Mais adiante, o mesmo ratifica que não há como pensar o futebol como uma forma de sociabilidade sem pensar no conflito:

“O futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições. Retomando o aspecto lúdico em suas várias dimensões, como fruição e festa, mas também como negociação e excesso, ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores, bem como dramatiza as contradições sociais, discussão recorrente sobre as implicações do futebol. Pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade”.
(Pimenta, 1996: 105).

No desenvolvimento desta pesquisa analisei e presenciei, a respeito destes pontos alinhados acima, que alguns incidentes violentos registrados dentro e fora dos estádios recifenses, parte deles envolveram integrantes de torcidas organizadas. Acompanhando os noticiários esportivos, lendo as matérias vinculadas nos jornais de grande circulação do Estado, ou mesmo participando de alguns encontros promovidos

⁴⁹ Camisas, bonés, bandeiras, faixas e outras indumentárias da torcida rival que são conquistados durante brigas de torcidas ou ameaças de um grupo maior contra um menor.

por instituições públicas e privadas sobre a violência nos estádios⁵⁰, observo que a discussão sobre a violência nos estádios de futebol é construída na tentativa de encontrar os possíveis culpados pelos episódios, onde normalmente a responsabilidade é atribuída às torcidas organizadas. As propostas para solução do problema, pelo que observei confirmam a opinião socialmente validada no senso comum mediático, e também são direcionadas no sentido de intensificar as ações contra as práticas das Organizadas.

Esse aspecto será discutido mais adiante a partir da teoria do *estigma*, que recai sobre os *torcedores organizados*.

Como alternativa aos discursos do senso comum que remetem as Torcidas Organizadas toda a responsabilidade pela violência nos estádios, sem desconsiderar a parcela que lhes cabe proponho analisar alguns dados disponíveis juntamente com a etnografia que disponho. Assim mesmo, considero que existem diversas manifestações de violência que são observáveis no contexto do futebol brasileiro, contudo, sem a mesma repercussão pública e midiática. Tanto no entorno dos estádios (área externa), quanto em seu interior várias queixas e insatisfações foram relatadas pelos torcedores, incluindo os *organizados*, expondo problemas que dificultam ou inviabilizam a frequência aos estádios locais. Apresento, dentre as observações e interlocuções que realizei os pontos que mais despertaram atenção:

- Venda de ingressos nos locais e dias dos jogos, com formação de grandes filas e falta de informações satisfatórias, causando normalmente transtornos e incidentes que somente foram controlados pela Polícia Militar (por muitas vezes com uso de truculência);
- Inexistência de locais dentro do estádio, previamente reservados, de acordo com a compra do ingresso, causando transtornos e confusões pelos melhores lugares;
- Desorganização do espaço destinado aos portadores de necessidades especiais (cadeirantes, principalmente), quando existentes nos estádios.
- Falta de higiene dos alimentos comercializados e dos banheiros disponibilizados;
- Desorganização no entorno do estádio, sem ordenamento do trânsito, e utilização de estacionamentos clandestinos e improvisados como alternativa à falta de estrutura dos clubes promotores do evento;

⁵⁰ Participamos, no mês de novembro de 2010, do seminário *Violência nos estádios e responsabilidade civil dos clubes*, promovido pelo II fórum permanente para discussão sobre a violência das torcidas de futebol, na Faculdade Boa Viagem do Recife.

Nota-se que todos estes fenômenos, emblemáticos do ponto de vista da falta de organização no futebol, também denotam certo desleixo para com o torcedor, constituindo-se como fontes potenciais de irritação para as pessoas, elevando a ‘temperatura emocional’ e no sentido último, poderiam ser tomados como uma atitude clássica de categorias sociais mais ‘elevadas’: um certo desprezo pela *massa*, pelo *povão*.

A violência produzida na esfera futebolística não permanece apenas no âmbito das Torcidas Organizadas, estando presente dentro do campo de jogo, nos bastidores, nas relações mercadológicas entre clube/jogador, clube/torcedor, clube/empresa, etc. A violência em questão pode ser explícita, quando atinge a integridade física dos agentes que participam do jogo – torcedor, jogador, dirigente, jornalista, árbitro -, através de agressões, ou implícita, ao promover nas relações diversas do mundo da bola manipulação dos objetivos pretendidos em detrimento do esporte e dos atores que dele participam (Pimenta, 1997: 52).

Além desses pontos que apresentei o principal registro das queixas ouvidas dos próprios torcedores tem relação com o horário dos jogos noturnos. Cada vez mais tardios, visam atender aos interesses das emissoras de televisão que ganham o direito de transmissão das partidas e adaptam suas grades de horários as programações do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, e que certamente aumenta os riscos de crimes no centro e nos subúrbios do Recife e de outras Metrópoles do país. Com início próximo às 21h50 (vinte e uma horas e cinquenta minutos), esses jogos encerram-se nas madrugadas dos dias seguintes, expondo os torcedores a vários tipos de crimes, e à precariedade do transporte público, o que torna o retorno aos lares uma tarefa cansativa e de alto risco. A insatisfação com os horários dos jogos noturnos são repercutidos nos fóruns sobre futebol, tanto nas emissoras de televisão, nas rádios e nos periódicos da cidade. Em matéria publicada no espaço destinado as opiniões dos leitores em um jornal circulante no Estado de Pernambuco, retirei o seguinte relato de insatisfação:

“Futebol muito tarde – Por que os jogos de futebol começam às 21h50? Este ano, até os jogos da Série B, que antes tinham um horário diferenciado, não estão mais acontecendo assim. Gostaria de ir a esses jogos, mas infelizmente terminam muito tarde e acordamos cedo no dia seguinte. Temos ainda dificuldades de transportes e

segurança. Peço a quem tem poder que interceda para que esses jogos sejam mais cedo.”⁵¹

O que implica em dizer que, conforme acertou Morris (1981)⁵², a maior parte das violências ocorridas fora do âmbito do estádio de futebol é praticada às escondidas, de forma surpreendente, enquanto as do desporto ocorrem sob a luz do sol, aos olhos da multidão, dos meios de comunicação e da polícia, em horários previstos. Um contraste interessante, a violência coberta, o constante risco fora dos estádios, na própria sociedade, versus uma espécie de ritualização da violência pública, até mesmo ostensivamente pública. Uma violência ritualizada.

No que concerne a ‘violência pública ritualizada’, atualmente existe um acervo de experiências internacionais realizadas na tentativa de minimizar ou acabar com os transtornos praticados pelos *maus torcedores*, apontando na direção de várias possibilidades, como medidas preventivas e coercitivas e cuja iniciativa normalmente é promovida pelo poder público, contudo, viabilizadas com a participação dos meios de comunicação, torcedores não-organizados e lideranças das próprias Torcidas Organizadas. Enumerando as políticas europeias e espanholas para conter a violência nos eventos esportivos, sobretudo no futebol. Reis (2006) destaca que o maior investimento das autoridades europeias nesse propósito ocorreu após a tragédia no Estádio de Heysel, na Bélgica, no dia 29 de maio de 1985, onde durante uma partida envolvendo as equipes da Juventus, da Itália e Liverpool da Inglaterra, numa decisão de campeonato europeu, morreram 42 (quarenta e duas) pessoas após um tumulto provocado pelos *hooligans* ingleses. Também na Espanha, os esforços para controlar os atos violentos nos estádios de futebol foram intensificados após o surgimento de grupos juvenis, entre 16 (dezesesseis) e 20 (vinte) anos, os quais passaram a criar tumultos nos estádios espanhóis após a Copa do Mundo de 1982 realizada naquele país.

Relata aquela autora que mais de 40 (quarenta) países europeus já assinaram um tratado, conhecido como *Tratado Europeu n. 140*, o qual entrou em vigor em 01/11/1985, elaborado pelo Conselho da Europa⁵³. Segundo Reis (2006: 57), o Tratado recomenda, sobretudo: a presença de um serviço de segurança nos estádios e nas

⁵¹ Extraído do caderno “voz do leitor”, do Jornal do Comércio do dia 7 de agosto de 2011, página 23.

⁵² Citado por Murad (2007: 66).

⁵³ “Organização internacional fundada por dez países membros em 5 de maio de 1949, em Londres. O Conselho da Europa baseou-se nos ideais de humanismo e de tolerância da Convenção de Viena para a elaboração de políticas de esporte e de acordos internacionais de segurança” (Reis, 2006: 48).

diferentes vias de acesso; a separação das torcidas rivais; o controle da venda de ingressos; a expulsão dos causadores de tumultos; a restrição de bebidas alcoólicas; os controles de segurança; a clara distribuição de responsabilidades entre os organizadores e as autoridades públicas; a adequação dos estádios e das arquibancadas provisórias para que fique garantida a segurança dos espectadores.

Em vigor há mais de 25 (vinte e cinco) anos na Europa, o Tratado Europeu somente começou a ter eco no Brasil em 2003, mais precisamente em 15 de maio através da Lei 10.671, conhecida como “Estatuto de Defesa do Torcedor”, a qual foi alterada pela Lei 12.299 de 27 de julho de 2010⁵⁴. Assim como na Europa, o episódio do Pacaembu, citado anteriormente, ficou registrado como marco no processo de discussões e proposições de medidas em torno da violência nos estádios brasileiros. Este acontecimento provocou uma reação em cadeia em vários estados brasileiros com medidas proibitivas à atuação das Torcidas Organizadas. Em São Paulo, “*A proibição foi controlada impedindo-se a entrada de torcedores com camisas contendo distintivos ou outro tipo de alusão às agremiações torcedoras, assim como a entrada com bandeiras e instrumentos de percussão*” (Reis, 2006: 18). Algo muito parecido com os fatos relatados nesse trabalho a respeito dos incidentes do jogo Sport X Náutico do dia 24 de maio de 2011, e que iremos expor mais adiante em nossa descrição etnográfica.

O Estatuto de Defesa do Torcedor sem dúvida constitui-se num instrumento valioso no combate ao chamado *mau torcedor*, contudo, seu texto enfatiza as Torcidas Organizadas como os principais grupos fomentadores de violência nos estádios de futebol do Brasil. Todos os incidentes violentos registrados nos anos anteriores a promulgação da citada lei convergiram para a presunção de que as atitudes delituosas poderiam ser atribuídas as T.O e, portanto, que estas deveriam ser alvo especial da legislação. Portanto, após definir em seu Artigo 2º que, “*Torcedor é toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva*”, a Lei destaca à parte, o que constitui uma Torcida Organizada e as obrigações que o grupo terá com seus associados, contendo uma recomendação detalhada de um cadastro que deve ser atualizado, incluindo informações pessoais (Art. 2º). Essa recomendação, que considero

⁵⁴ O texto dessa Lei consta nos anexos do presente trabalho.

válida e necessária, do ponto de vista da prevenção também deveria, sugiro, ser estendida aos associados dos clubes de futebol como forma de ampliar o banco de informações que pode subsidiar as *autoridades competentes*⁵⁵ em casos de necessidades de identificação dos causadores de violências.

Parece-me ainda, que dentre as exigências previstas no Estatuto do Torcedor, basicamente todos os esforços feitos nos estádios de futebol do Recife, e que não são muito diferentes da realidade do país, têm sido no sentido de prevenir e combater as possíveis ações violentas dos integrantes de Torcidas Organizadas. Entretanto, enquanto as “outras violências” que foram apresentadas nas linhas anteriores não receberem igual atenção por parte do poder público há grande probabilidade de vivenciarmos outros registros de incidentes nos estádios do Brasil.

Desta maneira, como rito, o futebol compreende cenários, personagens, enredos, símbolos e significados que, em conjunto, formam uma metalinguagem, isto é, uma realidade social que não fala só de si, vai mais além. É o caso do futebol brasileiro, que ajuda na compreensão de muitas das características sociais e culturais de nossa formação (Murad, 2010: 20). Reflito, a partir desse ponto, se as práticas de violência que são registradas nos estádios do Recife e do Brasil são manifestações da violência *no* futebol e não *do* futebol.

Torcidas Organizadas e o estigma da violência

Existe uma “relação simbólica” destacada por Reis (2006), que encontra grande repercussão social quando tratamos da rivalidade entre os torcedores de futebol, sobretudo dos integrantes das Organizadas. Esse sentimento existente em torno da rivalidade clubística e incentivada entre os torcedores é utilizada freqüentemente pela mídia esportiva como instrumento que aumenta a divulgação e audiência em torno do jogo de futebol, sobretudo dos chamados *clássicos*⁵⁶, sendo ainda apropriado e explorado pelos dirigentes dos clubes na tentativa de aumentar o público pagante dos

⁵⁵ Entendemos aqui por *autoridades competentes*, os representantes do Juizado do Torcedor e da Polícia Militar.

⁵⁶ Denominam-se *clássicos* os jogos realizados entre os principais clubes de um Estado ou de uma cidade. No caso dos clubes de futebol de Pernambuco, os jogos entre as equipes do Sport, Náutico e Santa Cruz, são considerados clássicos estaduais. Estes jogos chamam mais atenção entre si, mas a mídia também tem uma concorrência particular, entre emisoras, em torno da “maior audiência”, ou seja tem interesse direto em criar fatos e repercussões.

jogos e, conseqüentemente, aumentar suas arrecadações. O desequilíbrio dessa rivalidade poderá acarretar tragédias, principalmente por causa do grande número de pessoas reunidas num único recinto, fechado, o estádio. A rivalidade pode ser um fator gerador de violência principalmente quando explorada de forma irresponsável pelos promotores do jogo. Ou seja, além de “alimentar” a tradição do futebol, a rivalidade atende a interesses econômicos e midiáticos sendo compreendida por torcedores, dirigentes e promotores do espetáculo, como algo fundamental. Essa pode ser incentivadora da disputa pacífica entre as torcidas, o que chamo de uma “rivalidade saudável”, ou assumir um caráter quase que belicoso, entre os *torcedores organizados*, já que suas motivações vão além da disputa entre seus clubes, incluindo uma disputa particular com a Torcida Organizada do clube adversário, dando forma então a uma “rivalidade prejudicial”, aos próprios torcedores e a todos que estão direta ou indiretamente ligados ao jogo.

Pensar na relação simbólica que a rivalidade entre clubes adversários, e entre Torcidas Organizadas rivais, pode produzir, sobretudo, nos torcedores mais jovens, ajuda-nos a problematizar e questionar a relação entre o crescimento das Organizadas com o aumento da violência nos estádios. Ajuda-nos a pensar também o argumento de Reis (2006): *“A violência das torcidas é associada à ampliação do quadro de jovens nas agremiações torcedoras ou o aumento da violência e a veiculação de episódios dessa natureza atraíram os jovens para se associarem às torcidas organizadas?”* (Reis, 2006: 21).

A cidade do Recife, assim como as principais cidades do país, apresenta grandes contradições sociais, onde à opulência e a riqueza convivem, lado a lado com a miséria absoluta. Como conseqüência, cria-se no Brasil, segundo Oliven (1982: 25), um “*bode expiatório*” para a discussão da violência nas grandes cidades do país, o “marginal”, figura utilizada para exorcizar os fantasmas da classe média cada dia mais assustada com a possibilidade da perda de seus bens e da convivência desagradável com aqueles que geram os males sociais. Esse papel, normalmente é atribuído ao cidadão pobre, morador das periferias e das áreas ocupadas irregularmente no espaço urbano. O “*bode expiatório*” é correntemente enfatizado pelos veículos de comunicação e até mesmo pelo discurso oficial do Estado, que tentando encontrar soluções convincentes diante da opinião pública destaca sempre a participação de “desocupados” e “menos instruídos”

nos crimes cometidos na sociedade, enfatizando a necessidade de políticas públicas de segurança e maiores investimentos para a ação policial:

“(…) quando os meios de comunicação de massa falam em ‘violência urbana’ estão se referindo quase que exclusivamente à delinquência da classe baixa, minimizando o arbítrio policial e omitindo que, na realidade, os acidentes de trabalho, a desnutrição e a miséria vitimam um número muito maior de habitantes de nossas grandes cidades”. (Kowarick e Clara Ant 1982: 32).

Em se tratando da violência nos estádios de futebol, percebe-se que a lógica é a mesma, buscam-se culpados. A partir do conceito de *estigma*⁵⁷, trabalhado por Goffman (2008), observo que sobre os integrantes das Organizadas são lançadas todas as desconfianças e acusações possíveis. As análises de Goffman sugerem que muitos termos específicos de estigma são utilizados, como forma de representação social, sem que seus significados sejam refletidos coerentemente. Isso é plenamente observável na forma de tratamento utilizada pela mídia ao fazer referência aos *torcedores organizados*. Expressões como, “vândalos”, “marginais vestidos de torcedores”, e “integrantes de galeras”⁵⁸, são algumas das formas de tratamento dadas aos torcedores pela mídia nacional. O estigma que repousa sobre as Organizadas repercute objetivamente em ações “preventivas” motivadas contra possíveis atitudes anti-sociais realizadas por parte daqueles torcedores. Em dias de *clássicos* é montado um aparato policial diferenciado em virtude da circulação de membros de T.O nas ruas da cidade. Nesses dias, a Polícia Militar de Pernambuco – PMPE - através do Batalhão de Choque, grupo especial de militares treinados para situações de conflito e *perturbação da ordem pública*⁵⁹, monta uma *escolta policial* para conduzir os integrantes das torcidas, desde suas sedes até os estádios, sob a justificativa de prevenir e evitar atitudes de vandalismo e desordem. A estas “medidas preventivas” realizadas pelo poder público chamo de “presunção de atos de violência”, ou seja, acredita-se que “Torcida Organizada na rua é sinônimo de violência”. A imagem abaixo ilustra o tratamento “especial” dado aos *torcedores organizados* em dias de jogos, fato que é reproduzido em quase todas as capitais do país:

⁵⁷Utilizamos o termo *estigma* na definição de Erving Goffman (2008), quando faz referência a um atributo profundamente depreciativo sobre alguém ou sobre um grupo de pessoas.

⁵⁸Alguns dos termos mais comuns utilizados pelos meios de comunicação para fazer referência às torcidas organizadas.

⁵⁹A título de exemplo destacamos situações de rebelião de presídios, manifestações com grande concentração de pessoas e riscos de destruição de patrimônio público ou privado, além de procedimentos de desocupação de espaços públicos.



Imagem: Polícia Militar escoltando *Torcida Jovem do Sport* da Sede do grupo ao estádio do Arruda. Disponível em: <HTTP// www.jovendosport.com.br>.

A experiência “*entre os vândalos*”⁶⁰, relatada por Buford, também sugere que a violência praticada por parte dos torcedores organizados funciona como protesto, reivindicação, ou tentativa de sair do anonimato, mesmo que inconsciente. Desempregados, sem outras opções de lazer numa cidade com alto custo de vida, desacreditados pela comunidade e/ou pela família, o momento do jogo de futebol funciona muito mais do que uma “válvula de escape”, é um momento de exibição:

“Uma escolta policial é hilariante. A mim pareceu hilariante. Não me agradava particularmente à idéia de sentir aquilo, mas era impossível negar que estivesse partilhando algo da experiência dos que se encontravam a minha volta, que, seus brados momentaneamente emudecidos pelo ruído ensurdecedor, sentiam-se agora pessoas especiais. Afinal de contas, a quem se destinam as escoltas policiais? Primeiros-ministros, presidentes, o papa – e os torcedores de futebol ingleses. (Buford, 2010: 38).

Isso que, anteriormente, chamei de “*presunção de atos de violência*”, um tipo de acusação prévia que tenta justificar todo esse aparato em torno de torcedores de futebol, além de confirmada em relatos de vários interlocutores, está nas entrelinhas da matéria publicada num jornal do Recife, por ocasião dos preparativos para o jogo da Seleção brasileira de futebol durante as Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, conforme transcrevo abaixo:

⁶⁰ Buford, B. *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

“Eliminatórias da Copa 2010 - organizadas não entrarão no Arruda - Apontadas como as maiores responsáveis pela violência no futebol, as torcidas organizadas estão proibidas de assistirem ao jogo entre Brasil e Paraguai, próximo dia 10 de junho, no Arruda, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010. A determinação vem sendo adotada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em todas as partidas da seleção no País. Os torcedores que forem ao estádio com camisas, bandeiras e faixas das organizadas serão impedidos de entrarem no Arruda. Além disso, instrumentos musicais também serão proibidos. “É uma questão de segurança”, disse o diretor técnico da CBF, Virgílio Elísio, ontem ao JC.⁶¹

Sempre que é identificada a participação de algum integrante de torcida organizada em atos violentos, antes, durante ou após os jogos, a mídia e o poder público reproduzem um histórico de transtornos creditados as torcidas organizadas, uma espécie de *dossiê*, propondo a adoção de medidas que variam desde a criação de um setor específico nos estádios para as Torcidas Organizadas, como já se vê em estados como São Paulo, por exemplo, até a extinção ou proibição definitiva desses grupos nos estádios locais. As imagens abaixo, extraídas de capas de um jornal em circulação no Recife reproduzem as propostas de “solução ao problema”:



Essa repercussão não é vista apenas no futebol de Pernambuco. Durante um encontro em São Paulo, realizado entre cronistas esportivos, dirigentes de clubes e de federações, e representantes de T.O, para tentar encontrar soluções para a violência nos estádios, três “caminhos” foram apresentados como soluções ao fenômeno: (a) *as torcidas organizadas são formadas por um “bando” de marginais e “vândalos”*

⁶¹ Publicado no Jornal do Comércio, em 26.05.2009.

inconseqüentes que devem ser banidos, não só dos campos de futebol, mas também da sociedade, ou seja, é um problema de polícia; (b) os filiados e freqüentadores das torcidas organizadas são originados nas zonas periféricas das grandes cidades, cuja omissão do Estado faz com que a violência seja a voz desses grupos diante da sociedade; (c) o fator econômico é o gerador da violência entre as torcidas organizadas, e como solução, os preços dos ingressos devem ser aumentados impedindo que esses torcedores freqüentem os estádios (Pimenta, 1997: 110).

Destaquei anteriormente, que nenhuma reflexão é feita sobre os problemas e fatores sociais que proporcionam a prática de atos violentos entre os *torcedores organizados*, contudo, os estigmas são requisitados e as soluções propostas seguem na mesma direção: *torcedores organizados são pobres, logo, violentos. O banimento dos estádios é a solução!* Como disse antes, preconceito pela “falta de civilização” do povão, algo secular no Brasil. O texto abaixo ilustra o pensamento de um repórter esportivo do Brasil:

“Tem que cobrar ingresso caro, sim (...) povão vai onde ele pode ir; agora ele só vai assistir o futebol porque o ingresso é pago pela torcida, o ingresso é pago pelo clube, senão ele não iria. Ele iria para a periferia jogar bola ou ele iria para a periferia assistir jogo de várzea ou jogar futebol de salão ou pescar ou fazer qualquer coisa; esses caras devem ser proibidos de entrar em campo, mas não proibidos por lei, por motivos econômicos.”(Palavras do Sr. Walter Silva, durante o programa SBT Repórter, exibido no dia 20.08.95).⁶²

As principais torcidas do Recife, como vimos, possuem sedes próprias e têm lojas para comercialização de seus produtos⁶³. Essa venda é feita sem nenhum critério de identificação de associados. Assim, qualquer cidadão que queira adquirir uma camisa de uma das três principais torcidas organizadas da cidade pode fazê-lo nessas lojas ou em alguns magazines da cidade. Devidamente vestida com camiseta, boné ou agasalho de uma T.O, qualquer pessoa que praticar algum ato violento ou crime, dentro ou fora dos estádios, terá sua imagem associada ao grupo cujas vestes representam. Conseqüentemente, aqui se encontra uma das razões para que potencialmente cresça a suposta confirmação do estereótipo.

⁶²Extraído de Pimenta, 1997:110.

⁶³Aprofundamos esse ponto no capítulo 4, onde destacamos as sedes das torcidas como locais de sociabilidades.

Por considerar o fenômeno das torcidas organizadas como um processo social e cultural, capaz de produzir violência, em certo contexto, mas também de sofrê-la, devemos considerar suas possibilidades de interações e compensações existentes nas relações sociais. *“Portanto, faz-se necessário ampliar e melhor fundamentar a análise, para não cairmos na tentação equivocada, tantas vezes repetida, de que futebol é violência e torcida é sinônimo de vandalismo”* (Murad, 2007: 38). Certamente torna-se necessário olhar criticamente para estereótipos, e este caso não é exceção.

Assim como a violência pode ser analisada através do futebol, por outras vias que não seja a Torcida Organizada, igualmente, através desses grupos podemos refletir, analisar e compreender outras dimensões de nossa sociedade, que não seja a violência. O terceiro capítulo será dedicado a esta possibilidade.

CAPÍTULO 2

REVELAÇÕES DE UMA ETNOGRAFIA DAS ARQUIBANCADAS VIVAS

“(...) etnografia não é mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação e, se não se propõe algum, o que vai presidir e orientar esse primeiro olhar é o senso comum. Que é o que, precisamente, se pretende evitar”. (Magnani, 1996: 37).

O estudo analítico de uma Torcida Organizada de futebol, sob o olhar antropológico, possibilita mais do que o reconhecimento da diversidade cultural. Permite-nos compreender as experiências sociais e particulares de seus integrantes, o significado atribuído aos seus símbolos, valores, hábitos, suas práticas de sociabilidades. A etnografia possibilita-nos rever estereótipos constituídos, sobretudo pelos riscos do desconhecimento e pela facilidade das generalizações apressadas, viabilizando uma *alteridade próxima*⁶⁴ que nos ajuda a problematizar e refletir, pela experiência nos estádios de futebol da cidade do Recife, os sentimentos, valores e percepções que os vários “tipos de torcedores” têm de si, como se percebem e são percebidos.

Através da etnografia, entendida como método em largo sentido, proponho um “*outro olhar*” sobre esses *torcedores organizados*, construção que somente é viabilizada quando o pesquisador entra em contato com a realidade do universo desse grupo, descrevendo e interpretando suas “lógicas”, através de suas manifestações, por muitas vezes conflituosas, mas possuidoras de significados, relevantes e reveladores. A formação do antropólogo necessita dessa experiência, classificada por Lévi-Strauss, como “experiência de campo”:

“Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se “prenderão” um conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente” (Lévi-Strauss, 1996: 416).

⁶⁴Peirano (2006: 62) utiliza o termo para designar os estudos dos fenômenos que estão próximos aos pesquisadores. No Brasil, destacam-se os estudos urbanos nas grandes cidades, sobretudo, a partir dos anos 1970.

Optando pelo estádio de futebol como espaço de exercício desta “*experiência de campo*”, encontrei um terreno fértil para o “fazer antropológico”, considerando que as diferenças estão presentes em cada setor do estádio, em cada grupo de torcedores, em cada manifestação de apoio ou protesto ao clube:

“(...) em um mundo dominado por julgamentos de valor apressados e maniqueísmos perigosos, a antropologia representa, hoje e ainda, uma possibilidade rara e valiosa de reflexão sobre fenômenos sociais, um modo de conhecimento que se caracteriza por levar sempre em conta contexto e comparação, em uma prática continuamente atenta às dimensões da linguagem e da cultura” (Peirano, 2006).

Antecedendo nossa descrição etnográfica, optei por realizar, como forma de familiarizar o leitor menos assíduo aos estádios de futebol, uma breve apresentação dos espaços físicos, divisões setoriais, personagens característicos e da lógica existente numa partida de futebol, dentro e fora do estádio. Considero que, aqueles cuja frequência nos estádios já lhes proporciona uma visão clara do que se passa nos noventa minutos de uma partida de futebol terão oportunidade de “olhar com outros olhos” as descrições e interpretações que se farão nas próximas páginas.

2.1 O ESTÁDIO: ESPAÇO E TEMPO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

“As arenas esportivas são também palcos onde os uniformes e os equipamentos especiais, próprios de cada competição, transformam pessoas comuns, submetidas às leis que regem a cidadania e a posição social econômica em geral, em pessoas especiais” (DaMatta, 2006: 147).⁶⁵

O espaço onde as Torcidas Organizadas atingem o clímax de suas performances e demonstram suas coreografias, símbolos e potencialidades, a todos os “atores” do espetáculo futebolístico, é o estádio de futebol, e o tempo de seu espetáculo perdura os noventa, ou pouco mais, minutos da partida jogada. O estádio é a “*casa*”⁶⁶ da torcida e do time que recebe a equipe visitante, ou ainda o *pedaço*⁶⁷ daqueles torcedores, e uma

⁶⁵ DaMatta, R. *A bola corre mais do que os homens: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

⁶⁶ Termo habitualmente utilizado entre torcedores, jornalistas esportivos e jogadores de futebol, fazendo referência ao local onde será realizada a partida. Ou seja, sempre que o jogo for realizado no estádio dos Aflitos, o Náutico será o time da casa, o mesmo se aplicando aos demais times e seus respectivos estádios.

⁶⁷ Adotamos, por empréstimo, o termo utilizado por Magnani (1996: p.32), para descrever *pedaço* como sendo “o espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma

rede de significados são estabelecidos através desta referência. Pertencer a essa rede “*implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer fora do pedaço, como acontece nas disputas de futebol em outros bairros, excursões (...)*”. (Magnani, 1996: 33).

O estádio de futebol, assim como a rua para o carnaval, para a procissão religiosa, e para o desfile cívico do Dia da Pátria, assume a condição de espaço simbólico que possibilita através de seu ritual principal – a partida de futebol –, que os mecanismos sociais quotidianos destacados por DaMatta (1981), o *reforço*, a *inversão* e a *neutralização*⁶⁸, propiciem afirmações e reafirmações de papéis sociais, dramatizando assim o que compõe a realidade social brasileira e como os demais rituais analisados, o momento do futebol não é diferente daqueles do mundo cotidiano, mas combinações desses momentos. Há no estádio de futebol algo que, como no carnaval, aproxima-se mais de um momento *do povo para o povo*, um rito que nos transmite um movimento dinâmico através das performances dos atletas e dos torcedores, representados pelos cânticos de apoio aos times, pela “dança” das bandeiras, e que também possibilita a vivência de experiências que contrariam a ordem comum social.

O estádio e a rua, nesta perspectiva, são locais polissêmicos que reúnem a diversidade na uniformidade, contrariando o rito existente na “rua da parada militar”. Os rituais populares são ritos que objetivam o encontro, não a separação. A ênfase está no encontro e no cerne mesmo da sociedade em sua vertente criativa fundamental que sempre se representa pelo que nós chamamos de popular (DaMatta, 1981:47). Entre a rua do carnaval e o estádio do futebol há tantas semelhanças que por vezes torna-se difícil distinguirmos, no momento da euforia, que esses espaços possibilitam, sobre qual

sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”.

⁶⁸ O termo *reforço* é utilizado pelo autor para designar relações sociais cujas posições e regras que existem não mudam conforme haja mudança de situações. Um general é sempre general, independentemente de estar no Desfile do Dia da Pátria, vestido com suas honrarias, ou num momento de lazer com a família, mas apenas há um destaque, um reforço para sua condição e papel social. A *inversão* é um mecanismo que surge quando se juntam categorias e papéis sociais que, no mundo quotidiano, estão rigidamente segregados. Assim, no carnaval, coloca-se, lado a lado, o policial e o ladrão. A *neutralização* é mais difícil de imaginar, salvo no próprio cerimonial. Como exemplo, a missa é o momento em que há uma relação de reforço, quando as oposições são ratificadas (Deus/homens; santo/pecador;) e uma relação de inversão (Deus desce sobre os homens e os homens sobem até Deus); Após o reforço vem a inversão, assim a neutralização ocorre quando ocorre a comunhão, e o pecado é perdoado.

rito estamos tratando: futebol ou carnaval, se é que no Brasil podemos idealizar essa separação.

“Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante” (Magnani, 1996: 39).

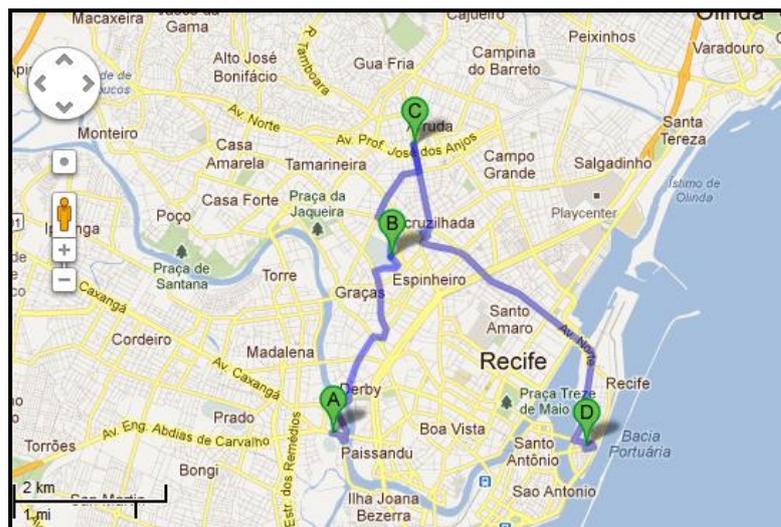
As três Torcidas Organizadas analisadas nesta pesquisa, *Fanáutico*, *Inferno Coral* e *Jovem do Sport*, possuem suas “casas”, mais de uma, sugiro, já que além dos estádios dos clubes a que estão ligadas cada uma possui uma sede social, espaço que dedicaremos mais atenção no próximo capítulo. Para este momento, fiquemos nos estádios.

Literalmente chamados de campo de pesquisa, os três “campos”, ou melhor, os três estádios de futebol da cidade do Recife, foram devidamente “dissecados” ao longo de quase 40 (quarenta) encontros. Durante os anos de 2010 e 2011, em jogos realizados pelo campeonato pernambucano, Copa do Brasil e Campeonato nacional, debrucei meu olhar antropológico sobre as dinâmicas e práticas das *Organizadas* do Recife nos estádios dos seus respectivos clubes: o estádio dos “*Aflitos*”, pertencente ao Clube Náutico Capibaribe; O estádio do “*Arruda*”, do Santa Cruz F.C; e o estádio da “*Ilha do Retiro*”, de propriedade do Sport Club do Recife⁶⁹.

Estes estádios estão relativamente próximos uns dos outros, e também em relação ao Marco Zero da cidade de Recife. A imagem abaixo⁷⁰ demonstra que a distância entre os estádios da *Ilha do Retiro* (ponto A) e dos *Aflitos* (ponto B) é de aproximadamente 3,5 Km, e deste último para o estádio do *Arruda* (ponto C) é de aproximadamente 2 km. Apesar da pouca distância geográfica, existem grandes discrepâncias quanto às características habitacionais, econômicas e sociais, entre esses bairros, conseqüentemente, entre os torcedores dos três clubes.

⁶⁹ Curioso é notar que os estádios da cidade de Recife são chamados pelos nomes dos bairros onde estão localizados: estádio José do Rego Maciel, bairro do “*Arruda*”; o estádio Ademar da Costa Carvalho, na “*Ilha do Retiro*”; e estádio Eládio de Barros Carvalho, no bairro “*Aflitos*”.

⁷⁰ Disponível em: < <http://maps.google.com.br>>.



As *caminhadas*⁷¹ que fiz pelas ruas do entorno desses “campos” em dias de jogos, proporcionaram-me observações e informações extremamente importantes, e que somadas às observações feitas nos interiores dos estádios, proporcionaram uma compreensão mais lúcida sobre as características dos torcedores que os freqüentam.

Nos arredores do *Arruda*⁷², “casa” do Santa Cruz F.C e da *Inferno Coral*, existem ruas de edificações simples, predominantemente ocupadas por pessoas das camadas populares da cidade que ainda mantêm alguns costumes e práticas pouco comuns no cotidiano das grandes cidades brasileiras, sobretudo das áreas centrais. Pude ver, por exemplo, famílias sentadas nas calçadas discutindo as resenhas dos programas de rádios locais, especializados nos debates futebolísticos, enquanto aguardavam o horário do jogo, e ao mesmo tempo em que observavam a movimentação de torcedores em direção ao estádio. Uma paisagem pitoresca, com ares de cidade de interior, própria de um bairro cercado por morros e construções irregulares. O Santa Cruz F.C é conhecido por toda cidade como o “o clube das multidões” e “time do povão”, referência ao grande número de simpatizantes que possui, sobretudo, das classes mais populares. Aqui, os torcedores chegam ao estádio de todas as formas, de bicicleta, de “carroça”⁷³, andando em grupos ou individualmente, de automóveis (que ficam estacionados nas ruas do entorno, pela falta de estacionamento) e, predominantemente, através do transporte público.

⁷¹ Sobre a caminhada como recurso da pesquisa de campo, sugiro a leitura de Magnani (1996: 36-37).

⁷² O estádio do Arruda é o maior do estado de Pernambuco, com capacidade de público estimada em até 68.000 pessoas. Normalmente utilizado em jogos da seleção brasileira. É considerado o segundo maior estádio de futebol particular do Brasil.

⁷³ Tipo de transporte movido à tração animal, principalmente por cavalos.



Imagem: Vista aérea do estádio do “Arruda” (esquerda), cercado predominantemente por residências horizontais. Disponível em: <[http:// www.estadiosbrasil.com.br](http://www.estadiosbrasil.com.br)>.

A *Ilha do Retiro*, “casa’ da Torcida Jovem do Sport, chamado pelos torcedores do Sport Club do Recife simplesmente de “*Ilha*”, localiza-se numa região mais central da cidade, próximo de importantes corredores viários, o que facilita o deslocamento através do transporte público ou de automóveis, já que vários estacionamentos particulares e improvisados existem nos arredores, mas também não é incomum observar torcedores de bicicletas e caminhando em grupos ou sozinhos, pelas movimentadas ruas do entorno. O bairro da Ilha do Retiro é caracterizado por grandes construções verticais, além de possuir o que já foi considerado o mais importante pólo médico do Nordeste, com grande concentração de hospitais, clínicas e centros de diagnósticos. O estádio tem capacidade para 35.000 pessoas e já foi palco de um jogo da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Diferentemente do que observei nos arredores do “Arruda”, a *caminhada* até a “*Ilha*” é menos tranqüila, pois existe um grande fluxo de veículos em todas as vias que dão acesso ao estádio. Aqui, os torcedores concentram-se nos bares do entorno, antes e após os jogos, e os moradores dos grandes edifícios da vizinhança acompanham a movimentação de suas varandas, não sendo registradas as reuniões típicas das calçadas das ruas do *Arruda*.

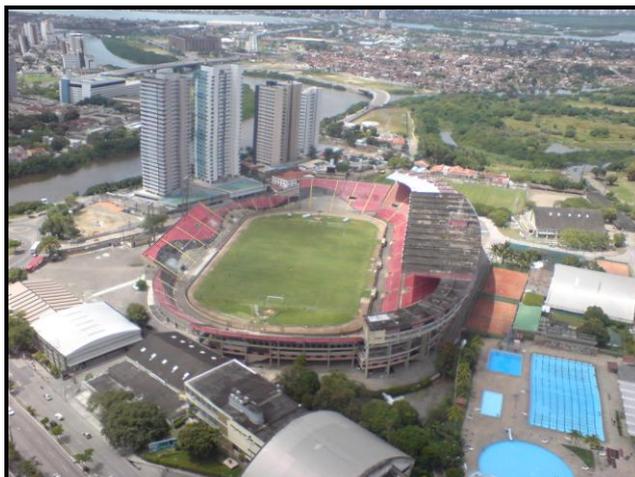


Imagem: Vista érea do estádio da “Ilha do Retiro”. Disponível em: <http://www.estadiobrasileiros.com.br>>.

A “casa” da *Fanáutico*, o estádio dos *aflitos*, nos parece o mais peculiar. Além de ser o menor dentre os três, com capacidade aproximada para 20.000 torcedores, está “encravado” numa das áreas mais valorizadas pelo mercado imobiliário da capital pernambucana, cercado por prédios residenciais de ruas estreitas, que se transformam, em dias de jogos em grandes estacionamentos à céu aberto e improvisados, dificultando o tráfego local e o deslocamento dos moradores da região, exigindo um grande sistema de planejamento por parte dos órgãos de segurança e de controle do trânsito. Os prédios são transformados em verdadeiros “camarotes privados”, já que a baixa altura das arquibancadas facilita a visualização do jogo por parte dos moradores mais próximos. Predominantemente moradia da classe média alta, é comum identificarmos torcedores bem vestidos e que se autodenominam de “elite”, fato que pode ser observado durante alguns *clássicos locais*⁷⁴ onde torcedores do Náutico balançavam cédulas de dinheiro em direção aos torcedores dos outros clubes.

Da mesma forma que observei nas proximidades da “Ilha”, muitos torcedores se concentram em bares, antes e após as partidas, mas também observei com muita frequência grupos de torcedores ao redor de veículos particulares, com música alta, proveniente de seus auto-falantes, estacionados nas estreitas ruas do bairro e alto consumo de bebidas alcoólicas, devidamente condicionadas em caixas térmicas. Nestas

⁷⁴ Denominam-se clássicos locais, os jogos em que os três principais clubes do estado. Ao jogo, Náutico x Santa Cruz, chama-se “*clásico das emoções*”; Ao jogo Sport x Santa Cruz, chama-se “*clássicos das multidões*”; e o jogo realizado entre Náutico X Sport, é chamado de “*clásico dos clássicos*”.

reuniões, vários jovens, homens e mulheres, permanecem mesmo após o início da partida, uma espécie de festa particular.

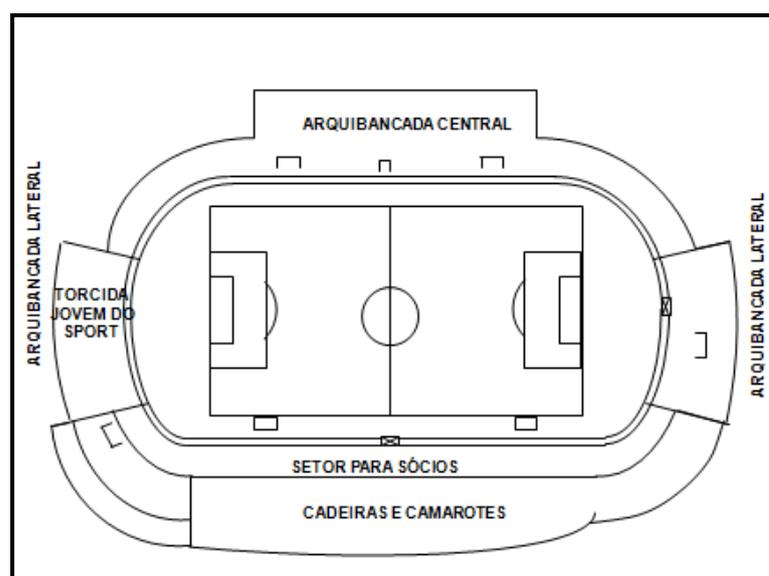


Imagem: Prédios no entorno do estádio dos aflitos (esquerda) e prédios “camarotes” em dias de jogos (direita). Fotos do autor.

2.2 OS SETORES E AS PERSONAGENS DOS ESTÁDIOS

Os estádios da cidade do Recife são divididos por setores, definidos de acordo com a posição em relação ao campo de jogo, visibilidade, conforto e estrutura, e cujos valores dos preços dos ingressos cobrados variam. Nos estádios da Ilha do Retiro e Aflitos, por exemplo, a disposição dos setores é muito semelhante, variando apenas na capacidade de público e na existência de camarotes na Ilha do Retiro. Esses estádios possuem setores para sócios, cadeiras de aluguel, arquibancadas centrais e laterais. Estas últimas são localizadas por trás das barras de gols, recebendo a maior incidência dos raios solares durante o dia, além de possuir menor conforto, ou seja, senta-se diretamente no concreto aquecido pelo sol. Nesses espaços são cobrados ingressos com preços mais populares e onde se concentram a *Fanático* e a *Jovem do Sport*, nos respectivos estádios. A arquibancada central não é tão diferente das laterais, mas possibilita uma visão privilegiada, de frente para o centro do gramado, local que normalmente é ocupado pelos estudantes que pagam a metade dos preços. Os setores mais confortáveis e caros são as cadeiras numeradas, local que é coberto por uma marquise de concreto, proporcionando sombra e proteção contra a chuva, além de possuir assentos individuais e marcados de acordo com o número do ingresso adquirido, mas dificilmente isso é respeitado. As cadeiras podem ser alugadas para o dia do jogo

ou possuem proprietários definitivos, o mesmo se observando nos camarotes localizados sobre as cadeiras numeradas. Outro setor “privado”, as sociais, dá acesso exclusivo aos sócios do clube, que pagam mensalidades⁷⁵ e gozam de mais conforto. Essas características são encontradas nos três estádios da capital, ressaltando-se que, o estádio do *Arruda* possui ainda um anel superior, espécie de pavimento sobre as outras arquibancadas, mas com as mesmas características das arquibancadas populares. Neste estádio, a torcida *Inferno Coral* fica atrás de uma das barras de gols, no anel inferior. Abaixo, tento reproduzir a distribuição dos setores do estádio da Ilha do Retiro, cujas características são próximas do estádio dos *Aflitos*:



Bebidas e alimentação

Por causa da proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios de Pernambuco, os torcedores bebem antes e após os jogos, nos bares da vizinhança. As opções de alimentação são poucas, e restringe-se aos balcões improvisados por baixo das arquibancadas ou através de vendedores ambulantes, os quais comercializam vários itens nos acessos as arquibancadas e no interior dos estádios: rádios portáteis e pilhas, pipoca, picolé, queijo na brasa, salsichão, espetinhos de carne e frango, cachorro quente e salgados, todos preparados e comercializados de forma improvisada. Os vendedores de refrigerantes e água mineral são conhecidos por “gasoseiros” e são normalmente cadastrados pelo clube, diferentemente dos demais ambulantes, os quais necessitam

⁷⁵ Nos anos de realização desta pesquisa (2010 e 2011), os preços das mensalidades cobradas pelos clubes do Recife aos seus sócios, variaram entre R\$ 30,00 e R\$ 60,00.

comprar um ingresso para vender seus produtos nos estádios. Esses produtos são comercializados durante todo jogo, mas o fluxo de torcedores é maior durante o intervalo das partidas, nos três estádios.



Imagem: No estádio dos *Aflitos*, ambulante vendendo alimentos nos setores internos (esquerda), e estrutura improvisada para venda de alimentos no espaço de acesso aos torcedores (direita). Fotos do autor.

Os representantes legais: Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Juizado do Torcedor:

Os três estádios da capital pernambucana oferecem instalações ao Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco – JETEP – normalmente em uma sala localizada abaixo das arquibancadas e cuja finalidade é julgar os crimes de menor potencial ofensivo⁷⁶ praticados no interior do estádio ou num raio de até cinco quilômetros da praça desportiva. Em todos os jogos da capital é montada uma estrutura que conta com um Juiz de Direto, um Promotor de Justiça e Defensores Públicos, possibilitando que as decisões sobre o incidente sejam tomadas no mesmo dia do jogo.

Os órgãos de Segurança Pública do Estado estão sempre presentes nas partidas de futebol da RMR. A Polícia Militar de Pernambuco - PMPE, e o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco – CBMPE, atuam diretamente na intervenção de situações conflituosas e no socorro de acidentados, enquanto que a Polícia Civil atua juntamente ao JETEP no registro de crimes e procedimentos jurídicos. Essas instituições possuem

⁷⁶ De acordo com o Código Penal Brasileiro, são os crimes cuja pena máxima prevista não supera dois anos. Segundo dados do JETEP, nos estádios de futebol do Recife, os crimes de menor potencial constituem a maioria dos registros.

bancos de dados estatísticos importantes e que foram consultados em nossa pesquisa, os quais serão apresentados mais adiante.



Imagem: Policiais Militares no estádio dos *Aflitos* (esquerda), e Corpo de Bombeiros na *Ilha do Retiro* (direita). Fotos do autor.

Os torcedores nos estádios

Pernambuco, no linguajar do futebol, destaca-se como uma das *praças*⁷⁷ mais importantes do Brasil, considerando que possui três clubes com grandes torcidas, com estádios próprios e com grandes médias de público⁷⁸ nas competições que disputam, além de um campeonato estadual com clubes que se revezam nas conquistas locais, Sport, Santa Cruz e Náutico, com 39, 25 e 20 títulos, respectivamente. Os três clubes já revelaram vários jogadores com destaque mundial e estão entre os 25 primeiros colocados no ranking nacional de clubes da Confederação Brasileira de Futebol - CBF⁷⁹. A cidade do Recife foi escolhida como uma das 12 subseções da Copa do Mundo de Futebol de 2014, que será realizada no Brasil, comprovando seu prestígio e potencial futebolístico. A partir destas informações tentei compreender alguns hábitos dos torcedores nos estádios de Recife, através da observação de suas atitudes, sobretudo os *Organizados*.

⁷⁷ Durante algumas interlocuções com torcedores idosos, escutei sempre a expressão “*praça*” quando se referiam a algum Estado do país com tradição no futebol. Também é comum ouvir esse termo nos debates sobre futebol, sobretudo nas emisoras de rádio AM.

⁷⁸ Durante o campeonato brasileiro da Série D, a quarta divisão nacional, o Santa Cruz registrou média de público superior a 30.000 torcedores por partida, enquanto que Sport e Náutico, na Série B, equivalente a segunda divisão nacional, tiveram médias próximas a 20.000 e 15.000 torcedores por jogo, respectivamente, estando entre as principais médias de público do país, entre todos os clubes de futebol das quatro divisões.

⁷⁹ Dentre os 160 clubes filiados à Confederação Brasileira de Futebol, Sport, Náutico e Santa Cruz são, respectivamente, 16º, 21º e 22º colocados no Ranking nacional.

A chegada desses torcedores aos estádios é algo interessante. Durante a pesquisa de campo, num encontro realizado no dia 05 de setembro de 2010, no jogo entre as equipes do Santa Cruz-PE *versus* Guarany-CE, válido pela quarta divisão do campeonato brasileiro, registrei, com um intervalo de 15 minutos entre as imagens, o fluxo da chegada dos torcedores da *Inferno Coral*, coletando imagens da arquibancada lateral onde normalmente ficam em dias de jogos. Essa observação, reforçada pelas palavras de um interlocutor, integrante da mesma torcida, revelou um comportamento característico desses grupos - chegam sempre juntos, dando forma ao grupo maior, proporcionando maior visibilidade e chamando mais atenção dos demais torcedores no estádio, apenas alguns chegam antes com a função de garantir o espaço no setor.

“(...) Nós chega abafando mesmo, tem que tá todo mundo junto, isso dá moral. Se chegar de miúdo, um por um, ninguém percebe, mas quando a Inferno chega é pra abafar quem tiver cantando. Se for clássico, é dobrado, não entra ninguém só, é tudo na moral!”.

Essa mesma característica foi observada na *Fanático* e na *Jovem do Sport*, contudo, pelo fato dos *Aflitos* e a *Ilha do Retiro* serem estádios menores, comparados com o *Arruda*, pude perceber que essas outras duas T.O chegam mais cedo aos estádios. Considerando que o setor onde se concentram também é ocupado por *torcedores comuns*, sugiro que esta seja uma estratégia para garantir mais espaço para o grupo, bem como evitar transtornos com o policiamento. Durante as interlocuções, tentei confirmar essa hipótese, mas não foi negada nem afirmada por integrantes da *Fanático* e da *Jovem do Sport*.

Através das imagens abaixo, tentei reproduzir esse processo de chegada das Torcidas Organizadas aos estádios, como forma de ilustração:



Foto 01 (15h15); foto 02 (15h30min); foto 03 (15h45min); foto 04 (15h55min). Fotos do autor.

Vestimentas, bandeiras e bandeirões: O “corpo” e a “pele” das torcidas organizadas

Os torcedores organizados promovem uma disputa particular, que ultrapassa os limites da partida de futebol, e por isso, incompreendidas pela maioria. A torcida organizada possui corpo e alma, possui vida.

As vestimentas e acessórios são elementos fundamentais no processo de identificação e distinção entre os integrantes de uma torcida organizada. As camisetas, os agasalhos e os bonés, por exemplo, além de preservar e ostentar as cores, os emblemas e os símbolos do grupo específico, possibilita a uniformidade e a demarcação dos territórios. Um jovem que utiliza uma camisa com as cores e símbolos do Sport, do Náutico ou do Santa Cruz, será identificado apenas como torcedor de um desses clubes, contudo, o jovem uniformizado com uma camisa de Torcida Organizada além de ser identificado como torcedor de um dos times citados, terá sua imagem associada a um grupo específico de torcedores daquele time.

A camisa é o principal elemento de identificação do grupo, a “segunda pele” dos *torcedores organizados* e chamada por eles de “*manto sagrado*”, que além de distingui-los dos *torcedores comuns*, carrega o emblema distintivo do grupo, que

também é reproduzido em outros objetos e vestes. Contudo, através da camisa o emblema da Torcida Organizada segue junto ao corpo do integrante, onde for: “*Sem o nome e o signo que o materializa, o clã não é mais sequer representável. Como ele só era possível nessa condição, explicam-se tanto a instituição do emblema quanto a importância desse emblema na vida do grupo*” (Durkheim, 1996: 244).⁸⁰ Abaixo, os emblemas das três torcidas:



Os símbolos enquanto fator de identificação e diferenciação têm uma grande importância. Usurar para si a camisa ou boné de um torcedor de um time diferente do seu constitui, para alguns, um prêmio (Santos, 2004: 115), ou seja, um troféu que aliena o traço diacrítico do outro. Durante as observações foi possível compreender o grau de importância que esses torcedores atribuem à camisa da *Organizada*. Um dos relatos representa bem isso:

“Às vezes venho pro jogo de Sport, mas gosto mesmo é de vir de “Jovem”, prefiro a camisa da “Jovem”. (Integrante da Jovem do Sport, durante interlocução).⁸¹

As bandeiras simbolizam a história, as conquistas, os símbolos e os ídolos das T.O, (que podem ou não ser atletas). Através delas identifica-se a origem da facção ou do subgrupo (cidade ou bairro), as respectivas lideranças, os grupos aliados pertencentes a outras Torcidas Organizadas de outros clubes⁸², além da capacidade de organização grupal. Pela quantidade de bandeiras existentes na torcida compreende-se a dimensão do seu tamanho, considerando que cada subgrupo estará representado por no mínimo uma bandeira. Normalmente as bandeiras preservam as cores tradicionais do time de

⁸⁰ DURKHEM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁸¹ Interlocução realizada no dia 21MAI11, antes do jogo Sport x Icasa-CE, pela série B do campeonato nacional.

⁸² Abordaremos a importância e as características das alianças criadas entre as torcidas organizadas no capítulo quatro, onde tratamos das práticas de sociabilidades entre seus integrantes.

futebol que defendem, existindo poucas torcidas que rompem esse padrão. A *Torcida Jovem do Sport* é um desses casos, e que priorizou a cor amarela, que não faz parte das cores tradicionais do clube. As bandeiras também têm a função de comunicação, semelhante à bandeira nacional, ou seja, é um costume conhecido na sociedade. Dentro dos estádios juntam-se as faixas horizontais para demarcar territórios e transmitir mensagens aos jogadores, dirigentes e outros torcedores, muitas vezes até ultrapassando os limites dos estádios, conforme visto no capítulo anterior. Fora deles, as T.O utilizam as pichações em muros e fachadas de edificações para alcançar este objetivo⁸³.



Imagem: *Torcida Inferno Coral* com faixa em sentido contrário (cabeça para baixo), em sinal de protesto contra rebaixamento do clube para a 4ª divisão (esquerda – foto do autor), e *Jovem do Sport* protestando contra rebaixamento do clube para série B (direita – coletada em globo.com/esportes).

O bandeirão é identificado como o troféu principal das Torcidas Organizadas que o possuem, e sonho de conquista de todas as rivais. Em torno deste símbolo existe uma disputa particular entre as três Organizadas pesquisadas. Representa a capacidade de mobilização e arrecadação de recursos por parte de seus integrantes, demandando ainda cuidados específicos, como a limpeza, reparos, armazenamento e transporte diferenciados, sendo utilizado em jogos importantes, como decisões de campeonatos, jogos televisionados em escala nacional e clássicos locais. Quanto maior o bandeirão maior deve ser a arquibancada onde será apresentado. Logo, o tamanho do bandeirão significa, indiretamente, a capacidade da torcida em reunir uma grande quantidade de membros em um grande estádio, uma grande ostentação de poder ou prestígio, mais simbólico do que de poder, no sentido das Ciências sociais. Abaixo, destaco o bandeirão da *Jovem do Sport* (esquerda) e o bandeirão da *Inferno Coral* (direita). Fotos do autor.

⁸³ Sobre a simbologia das pichações em vias públicas, dedicarei mais comentários durante o terceiro capítulo, quando abordo as práticas de sociabilidades.



Reunidos num mesmo espaço físico os integrantes de uma Torcida Organizada, vestidos com camisetas uniformizadas e acessórios específicos, portando, suas bandeiras, faixas e bandeirões, dão forma ao “corpo” da torcida. E neste caso, *tamanho é documento*, porque materializa em seu símbolo diacrítico máximo o seu próprio prestígio, sua dimensão.

Os cânticos e a bateria: *Voz e alma das torcidas organizadas*

A bateria ou “charanga”, constitui elemento fundamental na dinâmica e *performance* da T.O nas arquibancadas, sem a qual esse grupo não tem “vida”. Por várias ocasiões presenciei, após alguns incidentes envolvendo integrantes de Organizadas nas arquibancadas, o policiamento do estádio ameaçar recolher os instrumentos da bateria como forma de resolução do conflito, por considerar a importância que tem para o grupo. Por esse motivo, a bateria é a alma das torcidas organizadas. “*É soltando um mesmo grito, pronunciando uma mesma palavra, executando um mesmo gesto relacionado a um mesmo objeto, que eles se põem e se sentem de acordo.*” (Durkheim, 1996: 240).

Ritmadas pelas batidas da *bateria*, as torcidas *Fanático*, *Jovem do Sport* e *Inferno Coral*, entoam gritos de guerra, incentivam suas equipes, exaltam ídolos, menosprezam e agridem os torcedores adversários, principalmente a T.O rival que merece atenção especial. Ao som da mistura do maracatu com o *funk*, distinguem-se das primeiras torcidas do Estado, as quais animavam os estádios através do frevo e do samba⁸⁴. Possuindo “corpo” e “alma” as Organizadas têm vida própria. Parecem

⁸⁴ No próximo capítulo, apresento algumas mudanças na forma de torcer identificadas nos estádios de Recife, promovidas pelas torcidas pesquisadas, incluindo o ritmo das canções.

independentes dos demais torcedores no estádio e, mesmo dividindo a estrutura física e torcendo pelo mesmo time de futebol, necessitam ser diferentes. Independentemente do comportamento, dos objetivos e dos valores defendidos pelos demais torcedores no estádio, elas participam de uma competição que muitos não compreendem. Não lhes é suficiente o time do coração vencer, elas desejam mais, desejam ser maiores e mais vibrantes que a torcida adversária; uma competição paralela e por muitas vezes considerada mais importante que o jogo dos gramados.

*“(...) Já fico pensando no dia do jogo pra poder acordar cedo e ir pra sede, encontrar os nosso, e se preparar pro jogo. Se não tivesse a Jovem eu não vinha não! Só venho por causa da Jovem, num ligo se o time perde, ligo mais se a galera vem pouca, tem que ter todo mundo pra abafar a Inferno e a Fanático”.*⁸⁵

2.3 DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA EM DOIS ATOS: “AS ARQUIBANCADAS TÊM VIDA”

Importante ratificarmos, conforme destacamos na introdução desse trabalho, que a realização de uma pesquisa etnográfica com integrantes de Torcidas Organizadas é algo complexo, sobretudo no que concerne a realização de entrevistas. Desta forma, a descrição selecionada neste capítulo segue princípios de uma observação participante durante dois jogos consecutivos. Algumas entrevistas e demais coletas de informações realizadas durante a pesquisa serão apresentadas e analisadas na seção seguinte, constituindo-se em etapas igualmente importantes, já que muitos dos registros feitos a partir das observações no campo de pesquisa precisavam ser problematizados e comparados, antes de constar neste trabalho.

Optei, como objeto de descrição etnográfica, por dois jogos envolvendo o Sport Club do Recife e o Clube Náutico Capibaribe, por considerar a relevância desses jogos no contexto do campeonato pernambucano de 2011⁸⁶, além dos significados que a vitória ou a derrota trariam aos clubes e aos seus torcedores, sobretudo, por entender

⁸⁵ Coletado durante o jogo Sport X Bragantino-SP, no dia 02/11/10, válido pelo campeonato brasileiro de futebol da Série B.

⁸⁶ O campeonato pernambucano de futebol, disputado em 2011, foi marcado pela disputa da possibilidade de conquista do simbólico título de hexacampeão estadual (seis vezes consecutivas) pela equipe do Sport, que conquistara os últimos cinco campeonatos. O Náutico, único clube a possuir esse feito no futebol de Pernambuco, ainda durante a década de sesenta, tentava impedir que o rival igualasse a conquista.

que esses encontros atenderam nossas indagações de pesquisa e contemplaram a maioria dos registros importantes identificados nos demais jogos que acompanhei. A esses encontros escolhidos darei o nome de “Ato 1” e “Ato 2”.

Ato 1 – Sport X Náutico (dia 24 de abril de 2011)

Semana de clássico é sempre agitada, principalmente num jogo entre Sport e Náutico disputando as semifinais do campeonato pernambucano. O Sport, o time “casa”, buscando seu sexto título consecutivo, o “tão sonhado hexacampeonato”, e o Náutico, o “visitante”, tentando evitar essa façanha, já que detêm o privilégio de ser o único clube do Estado a ter conseguido esse feito, por volta dos anos de 1967, o que lhe permite ostentar em seu estádio o *slogan* “hexa é luxo”, recorrentemente dito nas ruas da cidade pelos torcedores do Náutico.

Domingo de sol numa cidade como o Recife, banhada pelo mar, o futebol concorre com a praia, mas tratando-se de *clássico* decisivo é importante chegar cedo ao estádio, garantir o ingresso e um bom lugar. Foi o que fiz. O jogo estava programado para as 16 horas no estádio da *Ilha do Retiro*, localizado aproximadamente a 20 minutos de minha residência, no bairro da Iputinga, área residencial de classe média baixa, zona Oeste da cidade. Esse percurso, contudo, poderia se transformar em mais de uma hora de deslocamento, dependendo do horário escolhido para tomar o ônibus. Por volta do meio dia (12 horas) já estava almoçando e preparando-me para seguir ao estádio, pois não pretendia perder os detalhes da movimentação no entorno do campo.

Tomei o ônibus perto das 13 (treze) horas, conseguindo sentar confortavelmente, e mesmo com uma movimentação já intensa na Avenida Caxangá, que liga meu bairro ao estádio, consegui saltar no ponto desejado, a cerca de 400 metros da “*Ilha*”, por volta das 13 horas e trinta minutos. Ressalto que optei pelo ônibus que faz a linha Rio Doce/Cidade Universitária, em virtude de a tarifa ser maior possivelmente estaria mais livre e seria menos solicitado nas paradas ao longo do trajeto, pois queria chegar logo para garantir o “lugar ao sol”. Durante o deslocamento escutava o som das buzinas dos

automóveis repetindo os toques característicos do Sport, *o cazá, cazá, cazá, Sport, Sport, Sport!* e do Náutico”, *Quer dançar, quer dançar, o timbu vai te ensinar!*⁸⁷

Vestido com uma camiseta de malha na cor branca, bermuda jeans e tênis pretos, pude caminhar seguramente pelos arredores do estádio sem sofrer nenhuma “gozação” ou ameaça de qualquer torcedor do Náutico, “alvirrubro” ou do Sport “Rubro-negro”, assumindo neutralidade. As ruas e avenidas que dão acesso ao “campo” ficam tomadas por vendedores ambulantes, comercializando produtos variados como camisas dos clubes, bonés, bandeiras, bebidas, fotos dos dois times, além dos alimentos, o que nos proporciona sentir de largo um cheiro agradável de “*espetinho de gato*”, como é conhecido pelos torcedores locais o churrasco vendido em tabuleiros no meio das ruas, além de outros alimentos. À medida que me aproximava das entradas do público, mas ainda no lado de fora do estádio, sentia o cheiro do “*espetinho de gato*” misturado com o cheiro dos cavalos do policiamento montado, que entre alguns galopes se aliviavam e criavam obstáculos a passagem dos torcedores.



Imagem: Movimentação na chegada ao estádio (direita) e longas filas para compra de ingressos (esquerda). Fotos do autor.

Como já havia conseguido o ingresso durante a semana do jogo entrei logo no estádio, por volta das 14 horas e quinze minutos, ficando no setor situado entre as sociais do Sport e a arquibancada lateral do placar eletrônico, reservada aos torcedores do Náutico, pois assim poderia registrar a movimentação da *Torcida Jovem do Sport*, à minha frente, e da torcida *Fanáutico*, ao meu lado direito. Com uma câmera digital nas

⁸⁷Cada um dos três principais clubes da cidade de Recife, Sport, Santa Cruz e Náutico, possuem toques característicos que são reproduzidos nas buzinas dos automóveis dos torcedores. À medida que um desses toques é realizado, identifica-se para qual clube o condutor do veículo torce. Desconheço que haja no Brasil característica análoga.

mãos e um bloco de anotações procurava registrar tudo que fosse possível, especialmente as performances e cânticos das torcidas organizadas. E lá estavam elas, no lado do Sport, na arquibancada lateral, a *Jovem* começava a dominar o setor, o qual passou a ser conhecido por todos da imprensa, órgãos de segurança e freqüentadores dos estádios como “tobogã da Jovem”. Do lado “alvirrubro”, bem próximo a mim, a *Fanáutico*, em menor número, já que não estava em sua “casa”, mas apresentando coreografias e cânticos próprios, numa espécie de “ataque-resposta” ao lado adversário. Abaixo, imagem da *Fanáutico* (esquerda) e *Jovem* (direita). Fotos do autor.



Já passavam das 15 horas e quarenta e cinco minutos quando o time do Sport pisou no gramado, seguido quase que simultaneamente pelo time do Náutico. Uma grande euforia tomou conta de todos os recantos do estádio da Ilha do Retiro. Ao meu lado, um torcedor quase “rouco” e sem voz, repetia incontroladamente em direção a grade que separava as duas torcidas dirigindo-se aos torcedores do Náutico: “*hoje o leão devora a Barbie, hoje o leão devora a Barbie, e depois a minhoca colorida!*”⁸⁸.

A entrada dos times no gramado é o ponto alto do espetáculo do futebol. Como uma espécie de cerimônia religiosa os atletas saúdam suas torcidas, enquanto o foguetório da equipe da “casa” deixa todos os presentes quase que surdos, em seguida, os jogadores posicionam-se para os registros dos fotógrafos e perfilam-se, lado a lado, para que o hino do Estado de Pernambuco seja tocado. O hino, por sinal, é abafado

⁸⁸ O Santa Cruz estava disputando a outra semifinal da competição com o Clube do Porto, de Caruaru, e tem como símbolo a cobra coral, por apresentar as cores preta, vermelha e branca em seu uniforme. Nas provocações dos adversários a coral é chamada de “minhoca colorida”. Por sua vez, o Náutico, que tem como símbolo um timbu, espécie de roedor, tem seus torcedores chamados de *Barbie*, pelos adversários, em referência às cores vermelha e branca, de seu uniforme, e como forma pejorativa de questionar a masculinidade. Processo semelhante acontece com os torcedores do São Paulo, chamados pelos adversários de bamby.

pelos cânticos das Torcidas Organizadas, que continuam as provocações recíprocas e contínuas, e poucos são os torcedores que adotam uma posição de reverência ao hino estadual. Após a conclusão do hino e dos cumprimentos regulamentares do *fair play*⁸⁹ recomendado pela FIFA, entre os jogadores das duas equipes, começa uma saudação aos jogadores do Sport conduzida pelo locutor oficial do clube, que através do sistema de som interno chama os nomes dos jogadores do time da “casa”, um a um, saudados e idolatrados pelos “rubro-negros”. Em seguida, quando todos aguardam apenas o início da partida, a torcida *Jovem do Sport* chama para si todas as atenções do estádio ao exibir seu maior “troféu”, mas tecnicamente um símbolo que materializa concretamente um sinal diacrítico, um *emblema* - uma imensa bandeira nas cores da torcida organizada com os símbolos do clube e do grupo, medindo cerca de 80 metros de extensão, e que cobre toda arquibancada onde está situado - o chamado “bandeirão”. O gesto é acompanhado por uma bandeira maior que surge da arquibancada central do estádio, esta de propriedade do próprio clube, e outra menor, que também faz referência a torcida *Jovem do Sport*, de forma que praticamente todas as arquibancadas passam a ser cobertas por enormes bandeiras.

Após o recolhimento das bandeiras da torcida do Sport a resposta da *Fanáutico* é imediata, logo surgindo uma grande bandeira na cores do Náutico sobre os torcedores alvirrubros. Embora menor que o “bandeirão” dos adversários, os torcedores do Náutico demonstram todo orgulho e amor pelas cores do seu clube, sobretudo por estarem fora de “casa”. Abaixo, imagem dos “bandeirões” da Jovem e do Sport, seguida pela imagem do “bandeirão” da *Fanáutico* (fotos do autor).

⁸⁹Expressão utilizada como incentivo ao futebol “limpo”, sem violência e com respeito entre os participantes, incluindo torcedores e dirigentes dos clubes. Como recomendação da FIFA, os jogadores das equipes adversárias se cumprimentam antes do início dos jogos.



Passada a euforia que antecedeu o início da partida, o jogo começou e as atenções se voltaram para o desempenho dos atletas, contudo, meus olhos alternaram-se entre as dinâmicas e performances das T.O e dos *torcedores comuns*, sem, contudo, descuidar dos detalhes da partida. Sempre que um dos times criava uma oportunidade real de gol, a torcida Jovem do Sport do lado “rubro-negro”, e a Fanático do lado

“alvirrubro”, encarregavam-se de incentivar os demais torcedores de seus respectivos times. O Sport fez dois gols no primeiro tempo para euforia da maioria presente no estádio, gerando provocações que partiam dos torcedores rubro-negros localizados nos setores mais próximos a torcida do Náutico. Quase no final do primeiro tempo, bem próximo a mim, um torcedor do Náutico correu em direção ao limite físico que separava as duas torcidas, imposto pelo policiamento do estádio, revidando com gestos e palavras as provocações dos torcedores do Sport. A reação do policiamento foi imediata, e ao tentar retirar um torcedor mais exaltado, o Policial Militar foi cercado por outros torcedores, incluindo integrantes da *Fanáutico*. Pelo menos uma dezena de policiais chegou como apoio ao colega gerando um grande confronto entre a torcida do Náutico e o policiamento.

Do outro lado da grade os torcedores do Sport comemoravam cada empurrão dos policiais contra os “desafetos alvirrubros” como se fosse um gol de sua equipe, mas no lado do conflito, uma espécie de “alma coletiva” se formava - no sentido proposto por Gustave Le Bon (2008)⁹⁰, ou seja, momento de amalgamação de identificação de “torcedor”, fusão de “torcedores do Náutico”, todos “alvirrubros” contra o “inimigo externo”. Senhores com filhos pequenos retiravam suas sandálias e calçados e atiravam em direção ao policiamento, torcedores da *Fanáutico*, mais jovens e dispostos posicionados como em lutas grupais, tentavam recuperar os instrumentos musicais das mãos dos policiais, que revidavam com jatos de *spray* de pimenta, uma espécie de arma não letal a fim de “solucionar” o problema. Eu tentava anotar e fotografar tudo que podia, mas tinha que proteger meus olhos e nariz do forte cheiro e ardor do gás de pimenta que se espalhava pelo ar, trazido para o outro lado da grade, pelo vento. Agora, todos nós estávamos diretamente ou indiretamente envolvidos no conflito.

Tudo aconteceu num tempo aproximado de 20 minutos, entre o final do primeiro tempo do jogo, durante todo o intervalo, terminando apenas quando o segundo tempo foi iniciado. Ao final do conflito os torcedores do Sport aplaudiram o policiamento, ao coro da torcida Jovem do Sport: “*éu, éu, éu, manda pau na Barbie Girl!*”, enquanto os “alvirrubros” protestavam: “*vergonhaah, vergonhaah, vergonhaah, polícia sem vergonhaah!*”.

⁹⁰ LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

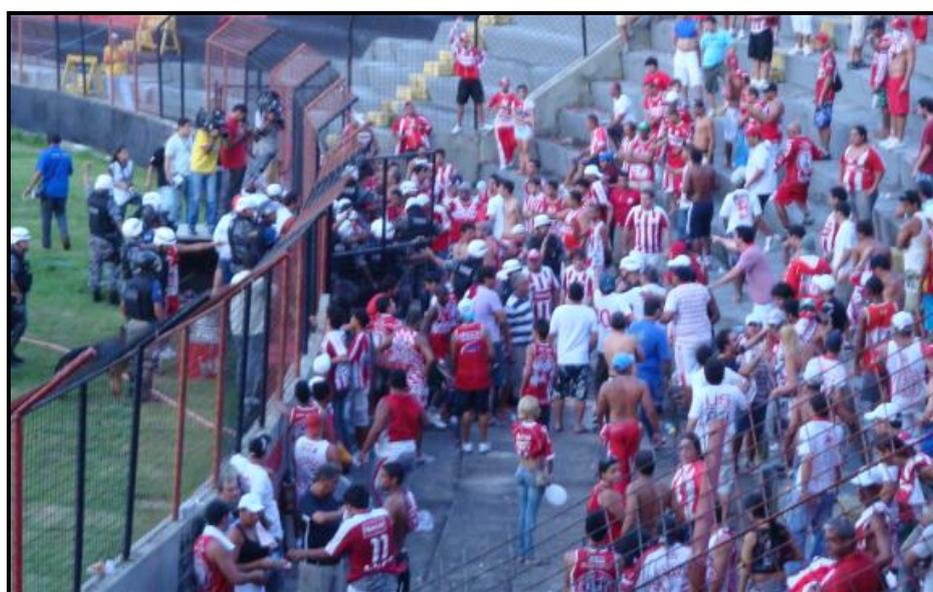


Imagem: Momento de tumulto entre torcedores do Náutico e policiamento (no topo), e retirada de torcedores pelos policiais (a baixo). Fotos do autor.

Passados os piores momentos do conflito, o jogo transcorreu no segundo tempo apenas com a emoção de um gol do Náutico e mais um do Sport, determinando o placar final favorável ao Sport por 3 gols contra 1 do Náutico. Após o apito final do árbitro, os torcedores do Náutico tiveram que deixar o estádio primeiro que os do Sport, por recomendações de segurança do policiamento, contudo, os que estavam mais próximos da grade que dividia nossos espaços físicos anunciavam que no outro final de semana, data que marcaria a segunda e decisiva partida da semifinal, o “troco” seria dado aos torcedores do Sport no estádio do Náutico: *“Lá em casa vai ser diferente, vocês vão se fuder!”*, exclamava um torcedor mais exaltado. No entanto, enquanto os torcedores do

Náutico deixavam o estádio, tristes e cabisbaixos, os torcedores do Sport comemoravam a vitória e a torcida *Jovem do Sport*, mais uma vez, conduziu o estádio a entoar um coro dirigido ao outro rival, o Santa Cruz: “*Ô tricolor, pode esperar, a sua hora vai chegar!*”

Por volta das 18 horas e quarenta minutos a torcida do Sport começou a deixar o estádio, momento em que também deixei as arquibancadas, mas com a certeza de que necessitaria comparecer ao jogo do próximo final de semana, a fim de acompanhar as repercussões que os incidentes registrados produziram. O caminho de volta para casa seria mais longo, já que necessitei tomar o ônibus num ponto mais distante, cerca de um quilômetro e meio de distância do estádio. A caminhada foi sempre movida aos comentários pós-jogo, produzidos pelos torcedores mais experientes e cautelosos, que normalmente preocupam-se em chegar logo em suas residências com receio da violência e dos transtornos produzidos pelos mais exaltados nas ruas da cidade após um grande clássico. A este grupo me integrei e tomei o ônibus, chegando em casa por volta das 19 horas e cinquenta minutos. Era o fim do primeiro ato.

Entre Atos: A importância do contexto para o trabalho de campo

A semana que antecedeu o segundo jogo da semifinal do campeonato entre Náutico x Sport foi marcada por acusações entre os dirigentes dos clubes, envolvendo uma suposta proposta de suborno a um jogador do Náutico por dirigentes do Sport, mas, sobretudo, pela repercussão dos incidentes registrados na torcida do Náutico no dia 24 de maio de 2011, dia do *primeiro ato*. Nos dias seguintes ao ocorrido, os dois principais jornais em circulação na cidade do Recife estampavam em suas capas e cadernos de esportes notícias que atribuíam a Torcida Organizada *Fanáutico* a responsabilidade pela confusão que presenciei a poucos metros de onde estava. Naquela ocasião pude observar que não foram os integrantes da T.O que iniciaram a confusão, contudo, pelo fato de alguns deles, em solidariedade a um torcedor comum terem se manifestado contra o policiamento, e em defesa do torcedor que seria retirado do estádio, como fizeram tantos outros *torcedores comuns* que estavam naquela arquibancada, os

incidentes foram classificados como “*mais um ato de baderna provocado por torcedores organizados*”⁹¹.

A repercussão mais clara e contundente desse fato foi à proibição decretada por uma Portaria do Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco – JETEP – proibindo a entrada de Torcidas Organizadas nos jogos finais do campeonato, já que a principal T.O do Náutico foi considerada a grande responsável pelos incidentes com a Polícia Militar no dia 24 de maio. Assim, todas as demais estavam também proibidas, bem como seus cânticos, camisetas, faixas, bandeiras e bandeirões, tudo que faz referência a uma Torcida Organizada. Essa proibição atingiu também as T.O do Santa Cruz, caso da *Inferno Coral*, que sequer estavam presentes naquele jogo. A violência nos estádios de Pernambuco, mais uma vez, foi atribuída aos *torcedores organizados*, fruto do estigma existente. Diante desse clima de “caça às bruxas”, minha presença no estádio dos *Aflitos*, durante o segundo jogo, passou a ser uma etapa fundamental para o trabalho etnográfico. As imagens que retiramos das principais capas dos jornais de Recife expõem as repercussões do incidente:



Imagem: Capa do Jornal do Comércio do Recife, apresentando a denúncia de agressão contra a PM e o envolvimento de integrantes da *Fanático* no incidente (esquerda), e as denúncias de suborno envolvendo jogador do Náutico e dirigentes do Sport (direita). A soma desses fatos criou clima de tensão para o jogo seguinte.

⁹¹ No primeiro capítulo deste trabalho propomos uma discussão sobre o estigma existente em relação aos integrantes de Torcidas Organizadas. Aqui se verifica concretamente que a presença de alguns *torcedores organizados* já é suficiente para generalizar e confirmar o estereotipado estigma.

Ato 2 - Náutico X Sport (dia 01 de maio de 2011), estádio dos Aflitos – “casa” do Náutico

O mesmo “ritual” de deslocamento para o “campo” foi seguido, o almoço e a saída de casa tiveram que ser antecipadas, considerando que o estádio dos *Aflitos* é mais distante de minha residência e que o tráfego no local exige que o torcedor caminhe um pouco mais, pois os pontos de ônibus são mais distantes do “palco” do jogo. O mesmo “cheiro de estádio”, os ambulantes, os ônibus lotados, os veículos buzinando os toques característicos dos times, o trânsito insuportável, as provocações dos torcedores adversários, tudo dentro da mesma lógica de um grande jogo de futebol, de um clássico decisivo na cidade do Recife, visto e revisto tantas vezes em minha pesquisa de campo.



Imagem: Torcedores em deslocamento para o estádio (esquerda) e policiais fiscalizando a entrada de torcedores organizados no estádio dos *Aflitos* (direita). Fotos do autor.

As vestimentas escolhidas foram igualmente discretas, e desta vez, tive a companhia de um colega de trabalho, o “J.B”. Sendo rubro-negro, o J.B facilitou duplamente meus objetivos naquele dia: poderia assistir ao jogo na posição oposta a do primeiro encontro, ou seja, desta vez ficaria próximo a torcida do Sport, e melhor ainda, ficamos inseridos no setor onde normalmente a *Torcida Jovem* ocupa em dias de jogos nos *Aflitos*, já que durante a semana acompanhei pelo site de relacionamento da torcida que seus membros compareceriam ao jogo, mesmo que proibidos.

Mas havia algo diferente em meio à “ordem natural das coisas”. As camisas, a bateria e as bandeiras das organizadas não estavam presentes no estádio, as arquibancadas estavam mais “pálidas”, sem as mesmas cores. O amarelo, tão destacado pela *Jovem do Sport*, estava proibido, e o do outro lado, na torcida do Náutico, o

vermelho da *Fanáutico*, que parece ser mais vermelho que os demais, não era visto. Não se ouviam os cânticos provocativos, pois havia a ameaça da retirada do estádio pela polícia, caso os nomes ou lemas das Organizadas fossem entoados⁹². Quando os times entraram em campo, primeiro o Sport e em seguida o Náutico, saudados por suas torcidas, ouvi apenas os aplausos e o foguetório do time da casa. O hino de Pernambuco foi ouvido com mais nitidez, muito diferente dos demais jogos que acompanhei, pois nesse momento as *Organizadas* se provocariam com cânticos próprios numa tentativa de abafar-se mutuamente. Mas o “clima” de decisão continuava presente, pois o Náutico necessitava vencer o jogo por dois gols de diferença, para, além de eliminar o adversário, continuar proferindo que “*Hexa é luxo*”, enquanto o Sport gozava da vantagem obtida no primeiro jogo. O jogo começou por volta das 16 horas.

O sol estava muito forte e naquela arquibancada destinada à torcida do Sport os raios pareciam mais intensos. Quando algum lance de perigo surgiu grupos de torcedores em ambos os lados, tentavam como fazem as *Organizadas*, animar e incentivar os demais torcedores, embora com outros cânticos. Mas no primeiro grito de gol, que foi ouvido no lado *alvirrubro* do estádio, no início do primeiro tempo, uma revelação foi feita aos que são acostumados aos estádios: Percebi claramente que algumas letras “F”, gigantes, e de algum material tipo isopor ou papelão, começaram a surgir em meio ao setor onde normalmente a *Fanáutico* se concentra. Eles estavam ali! Não tinham camisas uniformizadas nem bandeiras, mas estavam lá!

O suficiente para “incendiar” o estádio, pois os demais torcedores do Náutico, nas sociais, cadeiras de aluguel e demais arquibancadas, como em um grande coro, começaram a entoar um grito característico daquela torcida organizada após momentos de gols, mas que estava preso pela ameaça vigilante do policiamento do estádio: “*uh, fanático aê, uh fanático aê, uh fanático aê!*”. O que o policiamento poderia fazer? Retirar todos os torcedores do Náutico presentes no estádio? Eu olhava para os policiais em busca de qualquer reação, mas pareciam impotentes, e assim ficaram durante todo o jogo sempre que o coro foi repetido.

⁹²Dentre as determinações da Portaria do Juizado do Torcedor, proibia-se qualquer cântico que fizesse alusão a Torcidas Organizadas. Não eram proibidos brados de guerra dos clubes, mas nada que sugerisse a presença das T.O, e caso ocorresse, havia determinação para a retirada do estádio de quem assim procedesse.

O jogo seguiu cheio de emoções, até que, quase no final do primeiro tempo, a torcida do Sport festejou o gol de empate, e entre eles, um degrau acima do meu, J.B pulava de emoção. Outra revelação era feita: balões de aniversário na cor amarela, centenas deles, começaram a ser cheios pelo ar dos pulmões dos torcedores do Sport anunciando que a Jovem do Sport também estava ali. Em resposta ao coro entoado pela maioria alvirrubra, eles também driblaram o veto à sua maneira. Durante o intervalo as provocações típicas entre os torcedores continuaram existindo, contudo, sem nenhum incidente. O jogo foi reiniciado, mas as imagens seguintes aos dois gols vistos no primeiro tempo não saíram da minha cabeça, e tudo que desejava era ver outros gols para poder registrar mais imagens daquelas manifestações. Meu desejo foi atendido por mais três vezes.

Primeiramente o Sport fez seu segundo gol, euforia no lado rubro-negro, tristeza e silêncio no lado alvirrubro. Os balões amarelos agitavam-se constantemente e a torcida do Sport, sabendo que agora o Náutico teria que fazer mais quatro gols para obter a classificação, cantava em direção aos oponentes: “*Adeus, Barbie! Adeus, Barbie!*” Muitos torcedores do Náutico deixavam o estádio quando seu time fez o gol de empate, mas ainda faltavam ainda três gols. Por volta dos 35 minutos do segundo tempo o Náutico fez seu terceiro gol, fazendo com que a esperança voltasse para alguns e o receio tomou conta da torcida rubro-negra. Agora, o sentimento mais presente no estádio era a tensão.



Imagem: Balões amarelos indicando a presença da *Jovem do Sport* após momento de comemoração de gol. Foto do autor.

Mas, à medida que o tempo passava a torcida do Sport com seus balões amarelos nas mãos, novamente entoavam os cânticos de vitória e gozação contra a torcida do Náutico, enquanto os torcedores alvirrubros saíam do estádio. Ao final do jogo, alguns torcedores do Náutico aplaudiram a equipe, outros protestavam, enquanto que a torcida do Sport comemorava a possibilidade da conquista do tão sonhado hexacampeonato. Eu e J.B, inseridos na festa da torcida do Sport, esperamos cerca de 30 minutos para deixar o estádio, por recomendação do policiamento, e que de fato aconteceu por volta das sete horas da noite.

O retorno foi tranqüilo, e ao lado de J.B caminhei algo próximo a dois quilômetros a fim de apanhar o ônibus, o que também aconteceu sem identificarmos nenhum problema entre torcedores, apenas a tensão natural que existe após um jogo decisivo entre os comentários efusivos dos que venceram e inconformados dos que perderam.

As camisas amarelas, as vermelhas, bandeiras, baterias, nenhum símbolo ou elemento distintivo, próprio das torcidas organizadas estavam no estádio, contudo, os balões amarelos e as gigantes letras “F”, guardados como tesouros revelaram-me, naquele encontro, conforme confidenciei ao colega J.B, em meio aos gritos entusiasmados dos torcedores do Sport que *aquelas arquibancadas são vivas!*

A descrição selecionada constitui parte importante da pesquisa de campo, contudo, minhas observações e registros não se limitaram a participação em dias de jogos nas arquibancadas dos estádios do Recife. Também participei de encontros promovidos por instituições públicas e privadas, cujos debates problematizaram questões relativas à violência nos estádios, assim como acessei bancos de dados importantes de várias instituições. Na seção seguinte apresento minha experiência por outros “campos”.

2.4 ETNOGRAFIA EM OUTROS “CAMPOS”: PESQUISA DOCUMENTAL E ESTATÍSTICA

Como possibilidade de viabilizar um “*outro olhar*” sobre aqueles a quem é atribuída à responsabilidade pelo esvaziamento dos estádios, vistos como os maiores causadores de atos violentos, dentro e fora das praças desportivas do Brasil, os *torcedores organizados*, acreditei que consultando os dados estatísticos e documentos

disponíveis em entidades públicas e privadas, e que estão diretamente envolvidas com a promoção e organização das competições de futebol de Pernambuco teria maiores condições de problematizar e compreender o grau de envolvimento das Torcidas Organizadas de Recife com a violência nos estádios. Essa necessidade aumentou, sobretudo, após as experiências vivenciadas e compartilhadas na descrição feita anteriormente, principalmente em decorrência da responsabilização atribuída a *Fanático* durante a primeira partida das semifinais do campeonato pernambucano.

Constituíram-se em fontes preciosas de pesquisa a Federação Pernambucana de Futebol – FPF -, através de sua *home page* e arquivos documentais consultados na sede do órgão, além da Polícia Militar de Pernambuco, (Batalhão de Polícia de Choque) e o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, através de seus bancos estatísticos nas seções de Operações das respectivas instituições. Durante uma viagem de estudos em agosto de 2011, ao Estado de São Paulo, tive a oportunidade de acompanhar um jogo do Corinthians, observando algumas práticas da torcida *Gaviões da Fiel*, bem como os procedimentos adotados pelas instituições de segurança daquele estado em dias de jogos.

Experiência no estádio do Pacaembu, São Paulo

Algumas medidas para tentar coibir a “violência nos estádios”, como sabemos, têm relação direta com o “controle” das Torcidas Organizadas. Durante nossa breve experiência no Estado de São Paulo, no estádio do Pacaembu, observei que várias ações realizadas pelo policiamento nos estádios de Recife são idênticas as adotadas pela Polícia paulistana. O jogo entre o Sport Club Corinthians Paulista, válido pelo campeonato brasileiro da série A, contra o América-MG, no dia 3 de agosto de 2011, ilustra bem essa tendência. Nesse encontro observei uma rigorosa fiscalização por parte da PM sobre os integrantes da torcida “*Gaviões da Fiel*”, sobretudo em relação ao cadastro dos associados que é comprovado através da apresentação da carteira de identificação de sócio e camisa da torcida. Após comprovada a associação o torcedor deve ser direcionado para o setor específico das *Organizadas*, que está localizado por trás das barras de gols, assim como ocorre em Recife.

A Federação Paulista de Futebol conseguiu promover algumas alterações importantes no disciplinamento dos jogos e no fluxo de torcedores aos estádios,

sobretudo no que se refere à divisão em vários setores, numerados e identificados por cores distintas, o que facilita muito o trabalho de monitoramento dos maus torcedores. Cada torcedor tem acesso apenas pela entrada do setor para o qual comprou o ingresso. Um grupo de “facilitadores”⁹³ conscientiza e incentiva os torcedores a sentar-se na cadeira numerada que consta no bilhete. Nos ingressos há indicação precisa quanto ao setor e portão que o torcedor deve se dirigir, o que parece uma prática normal nos estádios da Europa.

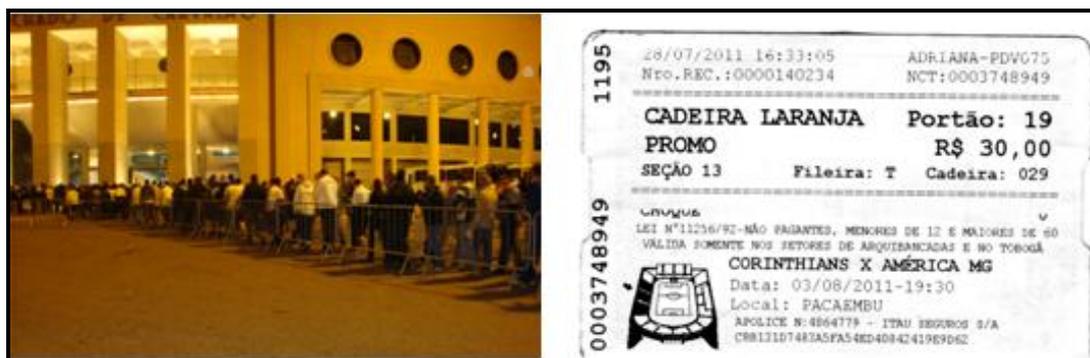


Imagem: À esquerda, foto da entrada de torcedores no estádio do Pacaembu, SP (foto do autor), e à direita, imagem de ingresso indicando o local e o número do assento no estádio.

É importante destacar que a Polícia Militar do Estado de São Paulo possui um grupo específico para trabalhar em praças desportivas – o 2º Batalhão de Polícia de Choque – diferentemente dos demais estados brasileiros, o que possibilita a especialização e treinamento constante desses profissionais melhorando o tratamento e o relacionamento com o torcedor. Isso pode ser visto no ordenamento das filas (imagem acima) e na quantidade pequena de policiais fardados dentro do estádio (muitos utilizam agasalhos), haja vista a monitoração por câmeras através de uma sala de gerenciamento. A adoção dessas medidas se não erradicou por completo a violência nos estádios paulistas, certamente diminuiu consideravelmente os transtornos que eram registrados.

Quanto à torcida, o pouco tempo de observação não foi suficiente para uma descrição mais rica e detalhada, contudo, percebi que o comportamento em geral é semelhante às torcidas de Recife. A “*Gaviões da Fiel*” é considerada a maior *Organizada* do Brasil, logo, parte de suas *performances* tem por objetivo preservar o *status* de mais antiga e mais *fiel* do país. Exibe grandes faixas e bandeiras no estádio e

⁹³Profissionais contratados pela Federação Paulista de Futebol para orientar os torcedores no interior e entorno do estádio, trabalho que antes era desenvolvido pela Polícia Militar.

mesmo em dias frios, como aquele, algo em torno de quatro graus centígrados, o grupo permaneceu cantando durante todo jogo parando apenas no intervalo. O clima faz com que outros acessórios sejam incorporados e somados a camisa da torcida, como agasalhos, gorros para frio e luvas, todos nas cores preta e branca, características do time. A partir destas observações sugiro que o *modus-operandi* das *Organizadas* de Recife foi fortemente influenciado por torcidas do Rio de Janeiro e de São Paulo, assunto ao qual dedicarei maior atenção no terceiro capítulo.

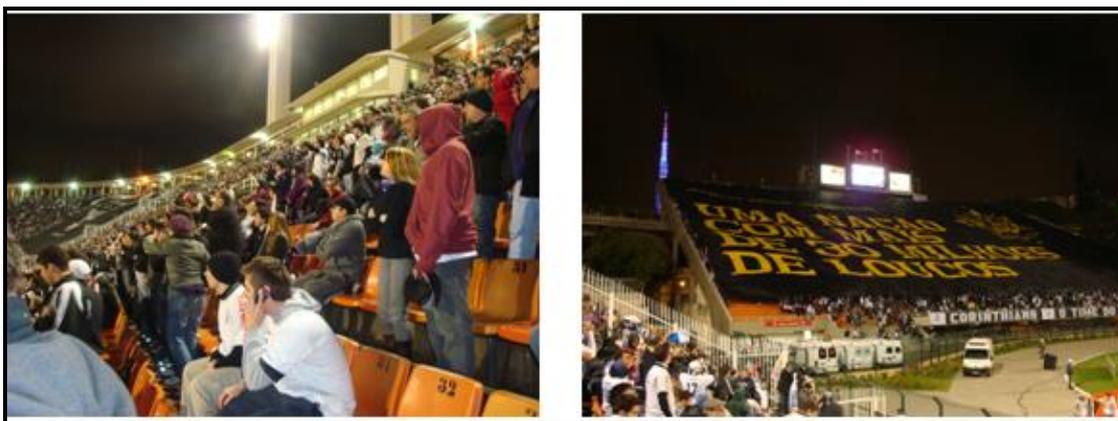


Imagem: Torcedores em assentos numerados (esquerda) e “bandeirão” da torcida “Gaviões da Fiel” (direita). Fotos do autor.

Experiência com a Federação Pernambucana de Futebol

Em fevereiro de 2008 a Federação Pernambucana realizou uma pesquisa de opinião pública com torcedores de várias regiões do Estado, objetivando através de cinco respostas, estabelecer o perfil do torcedor pernambucano⁹⁴. Os objetivos dos questionamentos foram: 1- Saber a preferência clubística dos torcedores do Estado; 2 – Se houve influência para a escolha do time do coração; 3 - Sugestões para que o torcedor sinta-se motivado a frequentar os estádios; 4 - Avaliar a administração do presidente da FPF; além de outra questão que será tratada mais adiante, após a apresentação de alguns resultados. As conclusões apresentadas revelam várias questões que devem ser analisadas e repensadas. Detivemo-nos aos números que retratam as opiniões dos torcedores da Região Metropolitana do Recife, pela maior proximidade com nosso objeto. Dentre as várias respostas relativas as melhorias para atrair os torcedores aos estádios do Recife, chamaram-nos atenção: *melhorar a segurança (54%)*,

⁹⁴Consulta realizada no site da FPF, <<http://www.fpf-pe.gov.br>>, onde todo conteúdo está disponibilizado no anexo 01 deste trabalho.

a infra-estrutura dos estádios (22,6%), melhoria nas condições de limpeza e higiene (5,8%), diminuição dos preços dos ingressos (4,6%), melhoramento do transporte público (3,4%), rever o horário dos jogos (1,5%), melhoramento no comportamento da polícia (1,1%), e acabar com as Torcidas Organizadas (1,1%). A principal resposta apresentada faz referência à *segurança pública*, (54%), cujo percentual foi superior à soma de todas as outras necessidades do torcedor, parecendo uma resposta bastante óbvia e plausível, considerando-se que os entrevistados são moradores da Região Metropolitana do Recife que possui elevada estatística de crimes violentos⁹⁵.

Analisando as demais sugestões obtidas na pesquisa da FPF, percebe-se, surpreendentemente, que há maior preocupação com fatores como higiene, preços dos ingressos e infra-estrutura do estádio do que com a presença das T.O (apenas 1,1%), aquilo que chamei anteriormente de *outras violências*. A pesquisa encomendada pela FPF apresentou como objetivo identificar os *hábitos e preferências da torcida pernambucana*, mas apresentou-nos uma contradição importante e que deve ser analisada. Uma quarta pergunta da pesquisa e apresentada agora aborda “*qual o sentimento em relação as torcidas organizadas*”. O mesmo universo de entrevistados, onde apenas 1,1% fizeram referência a T.O como fator repulsivo dos estádios, quando questionados, especificamente, sobre *o sentimento quanto às torcidas organizadas*, apresentou aproximadamente 34% (trinta e quatro por cento) defendendo que *as organizadas estimulam a violência* e 51% (cinquenta e um por cento) responderam que *afastam o torcedor do estádio*.

Não convencido pelos resultados dessa pesquisa realizei outras análises em outros dados da própria Federação. Assim, considerando que a pesquisa apontou como principal causa de afastamento do torcedor dos estádios de Pernambuco “*a presença das Torcidas Organizadas*”, outro indicativo que considero importante para ratificar, ou contestar, esses resultados é a análise da presença de público nos estádios locais nos últimos anos. Em caso de confirmação da hipótese “*torcida organizada afasta o bom*

⁹⁵ Segundo dados da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, durante o ano de 2010 foram cometidos 3.195 homicídios no Estado. O mês de novembro de 2011 teve uma média de nove homicídios diários, sendo cinco na Região Metropolitana do Recife. Este sentimento não é exclusivo dos recifenses. De acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Suplemento de Vitimização e Justiça da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) - 2009, apenas 53,0% (cinquenta e três por cento) dos brasileiros, com 10 (dez) anos ou mais se sentem seguros nas cidades onde vivem. Fonte: Caderno de Cidades do Jornal do Comércio do dia 01DEZ11).

torcedor do estádio” sugiro que a principal repercussão seria a diminuição da média de público dos estádios do Recife. Assim, analisando os números relativos à quantidade geral e a média de público, dos campeonatos pernambucanos de futebol dos últimos dez anos (2002 a 2011), divulgados pela própria FPF, dediquei atenção em compreender qual relação se deu entre a presença das Torcidas Organizadas nos estádios e a média de público nesse espaço temporal. Os dados pesquisados são apresentados na tabela abaixo:

ANO	PÚBLICO TOTAL	MÉDIA DE PÚBLICO	NÚMERO DE JOGOS
2002	315.340	3.428	92
2003	454.044	4.090	111
2004	334.652	3.638	92
2005	467.124	5.190	90
2006	591.764	6.432	92
2007	405.812	4.509	90
2008	778.449	5.897	132
2009	908.304	6.881	132
2010	1.009.073	7.007	144
2011	1.230.993	8.548	144

Tabela 1: Total e Média de público dos campeonatos pernambucanos de futebol. Fonte: FPF.

Os dados sugerem que ao longo do período considerado, em dois anos, 2004 e 2007 houve queda na média de público e de público total nos estádios de Pernambuco, tendo por referência o ano imediatamente anterior. Entretanto, a média de público nos estaduais de Pernambuco vem crescendo consecutivamente nos últimos 05 (cinco) anos, passando de 4.509 (quatro mil, quinhentos e nove) torcedores por jogo, em 2007, para 8.548 (oito mil, quinhentos e quarenta e oito) torcedores por jogo, no ano de 2011. Considerando que desde 2008 os clubes locais, Sport, Náutico e Santa Cruz vêm amargando rebaixamentos nas divisões do futebol nacional e insucessos em outras competições importantes, não considero prudente associar o aumento na média de público dos últimos cinco anos a bons resultados e títulos conquistados. Igualmente, deve ser considerada a forte concorrência que os pacotes de transmissão de jogos – *pay*

per view – por canais fechados de assinatura proporcionam, sobretudo entre os torcedores com maior poder aquisitivo. O resultado esperado nessa equação – *insucessos nas competições nacionais, concorrência dos pacotes de TV fechada, e atribuição de atos de violência às torcidas organizadas, sobretudo pela mídia local* – seria, obviamente, a redução do público nos estádios de futebol do Recife. Contudo, os dados relativos à quantidade total de público e as crescentes médias anuais, sinalizam uma direção contrária.

Em busca de outras fontes importantes para reflexão sobre o assunto procedi a uma análise dos dados obtidos junto ao Batalhão de Choque da Polícia Militar de Pernambuco, responsável pelo policiamento nos dias de jogos realizados na capital pernambucana, bem como nos registros de atendimentos emergenciais feitos pelo Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco nos estádios, além das estatísticas do Juizado do Torcedor.

Dialogando com a Polícia Militar de Pernambuco e o Corpo de Bombeiros

Diante do estigma da violência e desordem que recai sobre os componentes das organizadas seria plausível acreditar que os setores dos estádios que são ocupados por esses torcedores registrariam os maiores e mais graves incidentes nos estádios de futebol do Recife. A PMPE, através do Batalhão de Policiamento de Choque, possui um importante acervo de dados sobre o registro de incidentes nos estádios de futebol. O acesso a essas informações possibilitou-me compreender que a maior parte dos incidentes registrados no interior dos estádios da capital, referentes a ocorrências policiais, acontece nos setores destinados aos sócios ou àqueles que alugam ou possuem cadeiras numeradas e cujos preços cobrados em dias de jogos são mais elevados, quando comparados aos setores freqüentados pelos *torcedores organizados*. No estádio da Ilha do Retiro, por exemplo, o setor de cadeiras cativas tem preço médio de R\$ 50,00 (cinquenta Reais) por jogo, bem superior aos R\$ 10,00 (dez Reais) cobrados, em média, por um ingresso da arquibancada onde ficam localizadas as torcidas organizadas do Sport Club do Recife⁹⁶. Durante o primeiro semestre de 2010, quando foram realizados o campeonato pernambucano e Copa do Brasil, a PMPE realizou aproximadamente 70 (setenta) operações em estádios da capital. As principais ocorrências registradas

⁹⁶ Preços médios cobrados durante o Campeonato Pernambucano de 2011. Informações disponíveis em <<http://www.fpf.com.br/boderô>>.

referem-se a *condutas inconvenientes*, ligadas a ingestão de bebida alcoólica (58,2%), *desacatos* (12,9%), *tumultos* (12,9%), *crimes contra a administração pública* (6,45%), *vias de fato*⁹⁷ (6,45%), e *resistência a prisão* (3,22%). Desses registros, 58% dos incidentes aconteceram nos setores de cadeiras cativas ou sociais dos três estádios.

O Corpo de Bombeiros é responsável pela prevenção de acidentes e atendimentos emergenciais nos jogos realizados nos três principais estádios da cidade de Recife. Tive acesso a 18 (dezoito) relatórios de prevenções realizadas durante o ano de 2010, sendo escolhidos 06 (seis) de cada estádio (*Ilha do Retiro, Aflitos e Arruda*). Priorizei os *clássicos* e jogos importantes cuja expectativa de público seria superior a 15.000 pessoas. Os principais motivos de acionamento dos bombeiros foram para atendimentos a *problemas clínicos*⁹⁸, provocados pela temperatura alta nos jogos diurnos, associada a uma alimentação inadequada e pouca hidratação, além de quedas provocadas pelos desníveis das arquibancadas e ingestão de bebidas alcoólicas. Eventualmente são registradas situações de pânico e tumulto provocados pela superlotação de alguns setores, principalmente nos *clássicos*, o que expõe a falta de cuidado e atenção com a venda de ingressos por parte dos organizadores. Também são registradas *lesões corporais*⁹⁹ decorrentes de desentendimentos entre torcedores do mesmo clube¹⁰⁰. O estudo revela que, durante o primeiro semestre de 2010, foram realizados 85 (oitenta e cinco) atendimentos, sendo 26 (vinte e seis) na *Ilha do Retiro*, 36 (trinta e seis) no estádio do *Arruda* e 23 (vinte e três) nos *Aflitos*. Desse total, 31,7% foram registrados nas sociais dos três estádios, e 18,8% nos setores ocupados pelas Torcidas Organizadas. A tabela abaixo foi elaborada para facilitar a identificação do quantitativo de incidentes, nos três estádios da capital:

⁹⁷ Termo usado pela PMPE ao se referir a desentendimentos com agressões físicas.

⁹⁸ Desmaios, desconfortos gástricos, vômitos e diarreia, tontura, pressão alta, cefaléia, entre outros.

⁹⁹ Ferimentos na face, fraturas em braços e pernas, cortes pelo corpo, traumas de crânio, etc.

¹⁰⁰ Dados obtidos junto a Divisão de Operações do Comando de Bombeiros da Região Metropolitana.

Setor	Ilha do Retiro	Arruda	Aflitos	Total de incidentes por setor	Percentual total
Arq. Central	7	7	3	17	20%
Sociais	7	12	8	27	31,8%
Arq. T.O	4	9	3	16	18,8%
Cadeiras	5	2	2	9	10,5%
Arq.popular	3	6	7	16	18,8%
Total	26	36	23	85	100

Os resultados alcançados, a partir da análise dos dados fornecidos pela PMPE e pelo CBMPE, não apresentam uma relação direta entre os incidentes registrados e os setores onde as torcidas se concentram. O que se nota, contudo, é uma ampla *espetacularização* e exploração midiática promovida pelos órgãos de comunicação que repercutem os incidentes envolvendo *torcedores organizados* mesmo que não sejam os causadores destes episódios, como se fossem os únicos responsáveis pela violência no futebol, isso parece comprovadamente falso. Da mesma forma, ao contrário do que pensam àqueles que são pouco familiarizados com o mundo do futebol ou daquilo que é noticiado na mídia esportiva, dentre as diversas formas de violência que podem ser praticadas em um espaço de grande concentração de público, as agressões físicas (socos, pedradas, empurrões e perfurações por objetos contundentes (pedaços de madeiras ou ferros), são fatos com pouca incidência e quando acontecem existe muito rigor por parte do policiamento nos estádios.

No discurso dos dirigentes dos principais clubes do Estado às opiniões são divergentes, sobretudo, quanto aos fatores que geram a violência nos estádios. No relato de alguns se percebe discursos vazios que apenas reproduzem opiniões correntes atribuindo todas as responsabilidades da violência no futebol as Torcidas Organizadas. Contudo, outros relatos atestam que é possível uma análise mais condizente com a realidade do que aquela influenciada pelo estigma, considerando também a responsabilidade que os clubes possuem no combate a violência nos estádios.

Desconsiderar a responsabilidade dos dirigentes de clubes, os quais devem proporcionar condições dignas de higiene, segurança e conforto nos estádios, bem como dos organizadores das competições que engendram regulamentos e sistemas de distribuição de cotas televisivas que somente beneficiam os grandes clubes, da chamada “*elite*” do futebol nacional, significa reproduzir no “universo do futebol brasileiro” as mesmas desigualdades e distorções que identificamos no cotidiano das grandes cidades do Brasil.

Os documentos do Conselho da Europa concluíram que a deterioração das instalações dos estádios pode vir a ser um fator gerador de violência envolvendo espectadores de futebol dentro dos estádios, assim como a má organização do futebol e de seu espetáculo: “*Por isso considero fundamental o investimento na modernização dos nossos estádios levando-se em consideração as normas internacionais de segurança*” (REIS, 2006: 89).

Pior do que desconsiderar os motivos apresentados como geradores e potencializadores da violência nos estádios é atribuir a responsabilidade exclusiva aos torcedores integrantes de *Organizadas* e propor, como “solução final”, a extinção desses grupos dos nossos estádios, conforme expomos, principalmente quando todas as estatísticas e instrumentos de avaliação de incidentes no futebol afastam essa “evidência”. Por oportuno, destacamos duas opiniões que julgamos mais coerentes em relação ao fenômeno da violência nos estádios de futebol do Brasil, sendo a primeira obtida junto a um atleta profissional do Barueri Futebol Clube, do Estado de São Paulo, e a segunda de um conceituado comentarista esportivo da televisão brasileira:

“Acredito que a violência praticada no futebol vai muito além da Torcida Organizada. Os integrantes de torcidas apenas reproduzem o que têm no dia a dia de suas vidas, mas no estádio podem “colocar pra fora” todas as angústias. Penso que a Torcida Organizada é fundamental para o futebol e como jogador me sinto bem tendo a torcida organizada no estádio, porque é bom saber que aonde vamos eles estão lá, com faixas e bandeiras”.¹⁰¹

“(…) É com um constrangimento inimaginável. Eu estava vendo estas cenas aqui e não é o caso da gente fazer uma pergunta mais profunda, porque a paisagem humana que eu vi em campo era predominantemente de adolescentes, predominantemente de garotos e

¹⁰¹ Entrevista concedida ao autor da pesquisa pelo jogador Alexandre Lopes, o “Alê”, do Grêmio Barueri F.C, no dia 4 de agosto de 2011, no saguão do Aeroporto de Congonhas-SP, sobre a violência nos estádios de futebol do Brasil.

*aí eu pergunto: como nos desculpar de tudo isso? O que o Brasil tem feito pela sua infância? O que o Brasil tem feito pela sua adolescência? (...) eu não tenho a menor dúvida que nós não podemos nos considerar inocentes”*¹⁰².

No capítulo seguinte, nossas percepções e compreensões serão desenvolvidas com base nessa experiência empírica alicerçada pelas contribuições teóricas e análise documental que foram selecionadas e consideradas. Assim, pretendo expor algumas considerações e propor um “*outro olhar*” sobre as Torcidas Organizadas de futebol do Recife, discorrendo sobre suas práticas de sociabilidades, sobre as mudanças na forma de torcer introduzidas por esses grupos nos estádios locais, suas formas de identificação e representatividade, possibilitando uma análise para além da violência.

¹⁰²Texto extraído de Pimenta (1997: 109), relativo a entrevista concedida por Armando Nogueira ao programa “Apito Final” da Rede de Televisão Bandeirantes, no dia 20 de agosto de 1995, logo após a briga entre integrantes de torcidas organizadas do Palmeiras e do São Paulo, que ocasionou a morte de um torcedor dentro do estádio do Pacaembu-SP.

CAPÍTULO 3

TORCIDAS ORGANIZADAS E SUAS PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES: PROPOSTA DE UM “NOVO OLHAR”

“Enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para os outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, que, de forma renovada, continuará a ser o domínio da antropologia”. (Lévi-Strauss).

O fenômeno das Torcidas Organizadas de futebol na visão de muitos profissionais e intelectuais de diversas áreas, comentaristas esportivos, simpatizantes ou não do futebol, não passa de um movimento de jovens transgressores oriundos das classes econômicas menos favorecidas e sem nenhum sentido de existência ou coerência social, e que nutrem como objetivo único a prática de atos violentos. Essa imagem altamente negativa e estigmatizada repercute nas mais diversificadas “qualificações”, como “vândalos”, “galeras”, “marginais”, “bando”. Opiniões precipitadas sobre esses grupos sociais são apresentadas e defendidas em programas esportivos de emissoras de rádio e de canais de TV ou através de reportagens escritas nos jornais e revistas de grande circulação, em parte, atendendo *ao apelo por uma solução para os problemas da violência nos estádios*. Essas percepções, que são encontradas também no discurso do *senso comum* altamente influenciadas pelo discurso midiático, não são suficientes para compreender o fenômeno em todas as suas especificidades.

Dado isto, compreender o *grupo social* Torcida Organizada por “*outro olhar*”, através de sua organização social, práticas de sociabilidades e por suas repercussões na dinâmica atual do futebol brasileiro, pareceu-me o caminho mais seguro, mesmo que desafiador, contudo, possibilitará percepções mais críticas e menos influenciadas sobre o fenômeno estudado.

3.1 TORCIDA ORGANIZADA: MAIS QUE UM “BANDO”, UM *GRUPO SOCIAL*, UMA ASSOCIAÇÃO

A visão *estereotipada*¹⁰³ existente sobre as Torcidas Organizadas de Recife é semelhante ao que acontece na maior parte do Brasil, concebendo esses grupos como um *agregado*, ou seja, uma reunião de pessoas frouxamente aglomeradas que apesar da proximidade física tem um mínimo de comunicação e de relações sociais (Lakatos e Marconi, 1999)¹⁰⁴. Por esta visão, associam-se a um grupo inteiro de pessoas certas características que uma ou poucas pessoas conhecidas possuem. Os meios de comunicação de massa têm grande influência e colaboram na criação e difusão desses estereótipos. Por outro lado, a inserção no campo de pesquisa possibilita outras percepções, conforme propõe Toledo (2008),

“(…) uma análise mais atenta desses hiatos coloridos, que emergem na multidão torcedora, permite observar uma intrincada rede de práticas e condutas, tais como amizade, companheirismo, identidade, hierarquia, disputa, conflito, que transcende os usos da noção estereotipada e reificada daquilo que denominamos comportamento de massa, indo além da imediata identificação catártica com os times envolvidos”. (Toledo, 2008: 129)¹⁰⁵.

Em nenhum dos contatos que mantive com os líderes das três torcidas, ou nas observações feitas dentro e fora dos estádios, percebi qualquer orientação para a prática de atos violentos¹⁰⁶. Ao contrário, observei que há uma constante orientação para que sejam identificados os “*maus torcedores*¹⁰⁷” inseridos no grupo, de forma que sejam afastados. Percebi que muitos integrantes não comparecem as reuniões com as lideranças, espécie de “momento pedagógico”, normalmente realizado antes dos jogos

¹⁰³ Os estereótipos baseiam-se em características não comprovadas e não demonstradas, atribuídas a pessoas, coisas e situações sociais, mas que, na realidade, não existem. Os principais estereótipos referem-se à classe, etnia e religião. Pelo fato de um estereótipo salientar qualidades em vez de defeitos, não significa que deixe de ser estereótipo (Lakatos & Marconi, 1999: p.109).

¹⁰⁴ LAKATOS, E.M & MARCONI, M.A. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.

¹⁰⁵ TOLEDO, 2008 ; In MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

¹⁰⁶ No desenvolvimento desta pesquisa, tive duas oportunidades de conversar com líderes da *Jovem do Sport*, e uma com o presidente da *Inferno Coral*. Todos os contatos com a *Fanático* foram através de integrantes, em dias de jogos.

¹⁰⁷ Termo empregado aos *torcedores organizados*, principalmente pela imprensa local, sempre que algum incidente nos estádios é atribuído a esses grupos.

ou das *caminhadas*¹⁰⁸, e optam por deslocamentos em grupos menores formados por 10 a 20 pessoas e sem qualquer controle dos líderes. A falta de cadastro atualizado, sugiro, é o maior problema enfrentado pelas lideranças das T.O, já que esses grupos menores “dispersos” possivelmente são os responsáveis pela maior parte dos atos de violência ocorridos fora dos estádios e, pelo fato de utilizarem camisas e outros símbolos distintivos da *Organizada*, suas práticas violentas são vinculadas ao grupo maior. Entretanto, dentro do estádio há maior controle por parte das lideranças o que se traduz no baixo índice de episódios violentos nos setores ocupados pelas torcidas, conforme demonstrei no segundo capítulo desta pesquisa.

A proposta de uma Torcida Organizada não é de ser uma *massa*¹⁰⁹, em seu sentido sociológico, contudo, consiste em um *grupo social*, uma coletividade identificável, estruturada e contínua de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, seguindo determinadas normas, interesses e valores sociais para a consecução de objetivos comuns (Fichter, 1973: 140, *apud* Lakatos & Marconi, 1999: 119). Neste sentido, aproxima-se da definição de *associação* dada por Gilberto Freyre¹¹⁰:

“Com propósitos mais ou menos específicos formam-se dentro das comunidades, associações que alguns sociólogos definem como grupos desenvolvidos em torno de interesses particulares: grupos limitados no seu propósito e que requerem para seu funcionamento a vida ordenada de sociedade ou comunidade.” (Freyre, 1973: 148).

Para que exista uma *associação*, segundo Simmel, não basta interagir, mas é preciso ainda que os indivíduos em interação “uns com, para e contra os outros” formem de alguma maneira uma “unidade”, uma “sociedade”, e estejam conscientes disso (*Apud* Vandenbergue, 2005: 87)¹¹¹. O integrante de uma *Organizada* deve saber que suas ações são refletidas no grupo da mesma forma que as ações do grupo são

¹⁰⁸Como são chamados, pelos *torcedores organizados*, os deslocamentos realizados entre a sede da torcida e o estádio da equipe adversária, em dias de *clássicos* “fora de casa”. Durante a pesquisa acompanhei uma delas, mantendo uma distância necessária para a observação, conforme detalho mais adiante.

¹⁰⁹ Utilizo a definição de Rabuske (1986: p. 154), segundo o qual “a massa é uma caricatura da autêntica comunidade, é a ajuda mútua dos indivíduos para a idolatria, para o auto-abandono, a submersão no ‘a gente’. (...) parece que o mais importante é o sentir-se um”.

¹¹⁰ FREYRE, G. *Sociologia: Introdução ao estudo dos seus princípios*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973. 2 v.

¹¹¹ VANDENBERGUE, F. *As sociologias de Georg Simmel*. Belém: EDUFPA, 2005.

refletidas nele, já que com o grupo forma uma unidade de ordem social. Como *grupo social* a torcida necessita de *identificação*, ou seja, ser reconhecida pelos “*de dentro*” e pelos “*de fora*”, e de uma *estrutura social*, já que seus integrantes ocupam posições relacionadas e interdependentes.

Com essas considerações, alicerçado nas observações e interlocuções realizadas na pesquisa proponho um “*modelo de estrutura e organização social das Torcidas Organizadas de Recife*” a partir das características dos três grupos observados, *Fanáutico*, *Inferno Coral* e *Jovem do Sport*, considerando ainda que através dele será possível compreender que,

“Os costumes e as crenças de um povo exótico adquirem agora plenitude de significado e o comportamento nativo aparece como ação coerente e integrada. A etnografia adquire a capacidade de reconstruir e transmitir uma experiência de vida diversa da nossa, mas nem por isso menos rica, ou menos humana. (Malinowski, 1984: VII).¹¹²

Estrutura e organização social das torcidas

Considerando que nas três T.O observadas há mais semelhanças do que diferenças, em relação as suas estruturas e formas de organização grupal, esclareço que o modelo proposto foi construído a partir das características que se assemelharam e que foram percebidas em pelo menos duas delas, e que os termos utilizados pelos integrantes dos grupos foram preservados. A estrutura social decorre das posições que cada componente possui na Torcida Organizada, ou seja, do seu *status*, sendo assim composta:

a) Diretoria – Grupo de *componentes* que respondem pela administração, patrimônio, finanças, divulgação da imagem, controle do quantitativo e disciplina dos associados, além do estabelecimento de *alianças* com torcidas de Pernambuco e de outros Estados do país. É composta por um presidente, diretores setoriais, conselho fiscal e, em alguns casos, como a *Jovem do Sport*, existe um secretário. Não são atividades remuneradas, *a priori*, mas gozam de prestígio e poder dentro da torcida tendo vários benefícios e regalias, como ingressos e viagens pagas pela torcida em jogos dentro do Estado e fora dele.

¹¹² MALINOWSKI, B. *Os argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3.ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.

O *Presidente* da torcida responde civilmente e administrativamente pelos atos do grupo (vide Estatuto do torcedor), sendo o canal de ligação entre a T.O e os órgãos de segurança do Estado e a Federação estadual de futebol. Assume a condição de líder maior do grupo e através de seus atos o grupo pode gozar de boa relação com a diretoria do clube, representantes públicos e meios de comunicação. Sobre a importância do líder de Torcida Organizada encontramos paralelo nas palavras de Whyte (2005), ao analisar a importância do líder de grupos juvenis:

“O líder é o ponto focal da organização de seu grupo. Em sua ausência, os membros da gangue ficam divididos em várias pequenas cliques. (...) Os integrantes não sentem que a gangue esteja realmente reunida até que chegue o líder. (...) A reputação do líder fora do grupo tende a reforçar sua posição dentro dele, e sua posição no grupo sustenta sua reputação entre os de fora”. (Whyte, 2005: 264-265).

Os *diretores setoriais*, além de cuidar das atividades administrativas revezam-se no expediente da sede e da loja, e organizam viagens e caravanas. Decidem com qual torcida o grupo deve aliar-se, e nesta escolha, pode ser levada em consideração a maior visibilidade e lucro advindo da parceria. A divisão mais comum é feita em *diretor de vendas ou finanças*, *diretor de patrimônio* e *diretor de gestão*. Parte desses diretores, juntamente com outros *componentes*, integra o conselho fiscal, cuja principal finalidade é manter o controle das arrecadações e despesas, além de documentá-las.

b) *Associados ou componentes* – Constituem a maioria dos integrantes da torcida sendo responsáveis pelas *performances* nas arquibancadas e pela vida econômica do grupo, através de doações, pagamentos de mensalidades e compra de produtos. Não possuem funções diferenciadas ou de destaque no interior do grupo, mas dão forma e visibilidade à torcida. Dentre esses, alguns auxiliam aos diretores nas atividades da Sede ou desempenham funções específicas e que merecem grande destaque, e que proponho chamar de “*staff da torcida*”¹¹³, sendo eles: o “*integrante da bateria*”, o “*puxador*” ou “*animador*”, e o “*bandeira*”.

¹¹³ Nas ciências administrativas, o termo é utilizado para designar “os indivíduos ou grupos que, numa organização, fornecem serviços e conselhos à linha (*hierarquia forma da instituição*)” (Stoner & Freeman, 1995: p.259). O *Staff* não tem autoridade formal sobre os demais componentes do grupo, mas executam atividades importantes e fundamentais, como uma assessoria. Durante a pesquisa ficou evidente que esses “torcedores especiais” assessoram os líderes na identificação dos mais componentes, bem como, substituem os diretores em muitas ocasiões, principalmente nas viagens a outros Estados. Na verdade, parte importante e impriscindível da organização é informal.

c) **Componentes do Staff da torcida** - O “animador da torcida” ou “puxador” permanece quase todo jogo de costas para o jogo, e sua função principal é incentivar e animar os componentes através de cânticos e coreografias, podendo ainda identificar os que não estão correspondendo. Tem papel fundamental no grupo, sendo considerada pessoa de confiança dos líderes. Dependendo da quantidade de componentes presentes na arquibancada pode ser designado um segundo *puxador* para auxiliar o principal. O “bandeira” é responsável por “tremular” a bandeira da *Organizada* ou de suas *aliadas*, normalmente escolhido dentre os componentes com mais tempo no grupo e que possua habilidade no manejo do objeto, já que a bandeira é um dos “patrimônios” mais importantes da torcida. Os “integrantes da bateria”, juntamente com o “puxador”, são responsáveis pela animação do grupo através das “batidas” dos instrumentos. A bateria é fundamental na *performance* da torcida, motivo pelo qual é imediatamente retirada pelo policiamento do estádio em situações de conflito no meio da torcida.



Imagem: “Puxador” da *Fanático* (esquerda), e bandeiras da *Jovem do Sport* (direita). Disponível em: <<http://www.fanautico.com.br>; www.jovemosport.com.br>.

Dependendo da dimensão da *Organizada*, sobretudo em função da quantidade de membros, vários subgrupos ou divisões podem surgir espontaneamente sob a liderança de outros *componentes*, ou até mesmo estimulados pelo presidente e diretores da torcida, sendo então nomeados *líderes setoriais*.

d) **Subgrupos: “Pavilhões”, “Núcleos” e “Comandos”** - Esses grupos menores normalmente são bem vistos pela liderança da Torcida Organizada, sendo tratados como pontos de apoio nos bairros e municípios da Região Metropolitana, além de importantes para a divulgação da torcida, recrutamento de novos membros e no processo de *demarcação de territórios*, ponto que retomarei mais adiante. Esses subgrupos recebem

o nome de **Núcleo** na *Inferno Coral*, **pavilhão** na *Fanático* e **comando** na *Jovem do Sport*, existindo certa autonomia por parte dos *líderes setoriais*, contudo, subordinados ao controle da diretoria da torcida. Analisando a importância do líder de subgrupo, Teixeira relata:

“Para cada um dos segmentos existe um chefe que pode ser indicado ou eleito (depende da torcida) cuja função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria e os componentes sob sua responsabilidade. Cabe a esse chefe fazer reuniões, cadastrar componentes (é esperado que traga o maior número possível deles para a torcida), podendo promover festas e churrascos para arrecadar o capital necessário à produção de seu próprio material como faixas, bandeiras e adesivos. Sempre que consideram necessário ou quando solicitado, os diretores comparecem às reuniões para reforçar a autoridade e autonomia do chefe”. (Teixeira, 2008: 64)¹¹⁴.

Alguns destes subgrupos são formados exclusivamente por mulheres, sendo um ponto importante e que merece ser destacado. Reis destaca que os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens, o que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve de conquistar sua participação e ganhar seu reconhecimento (Reis, 1998: 54). Após o início das competições de futebol feminino de seleções e de clubes promovidas pela FIFA e por federações nacionais e estaduais, a partir da década de 1990, percebe-se uma maior participação de mulheres em atividades do futebol tradicionalmente executadas por homens. A eleição de Patrícia Amorim para a presidência executiva de um dos maiores clubes do país, o Flamengo-RJ, é outra importante referência¹¹⁵. Nas arquibancadas por mais que fizessem parte da “assistência”, sempre tiveram participação discreta e secundária, vistas como meras companhias de esposos, namorados ou pais. Desta forma arrisco-me a dizer que a inserção da mulher nas Torcidas Organizadas contribuiu decisivamente para o aumento e tipo de participação feminina nos estádios de futebol.

¹¹⁴ TEIXEIRA, R. C. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 1998. Dissertação de Mestrado.

¹¹⁵ Patrícia Amorim foi eleita presidente executiva do clube para o biênio 2011-2012.



Imagem: “Comando Feminino da Jovem do Sport” (esquerda); “Pavilhão feminino da Fanático” (direita). Disponível em: <<http://www.jovemdosport.com.br>>; <<http://www.fanautico.com.br>>.

Na condição de componente ou chefe de seções, a presença da mulher estimula novas adesões para as torcidas e melhora a imagem do grupo, por ser menos disposta às violências, e faz com que a estrutura administrativa dos grupos seja repensada em função da sua importância, a exemplo do grande investimento feito na produção de artigos femininos, como camisas, vestidos, diademas e outros produtos exclusivos ao consumo de mulheres. As imagens abaixo ilustram esta tendência.



Imagem: Camisas para o público feminino, à venda nas lojas virtuais da *Fanático*, *Jovem do Sport* e *Inferno Coral*.

Simmel defende que a cada posição social da estrutura social corresponde um *papel social*, o qual se apropria, por assim dizer, da personalidade do componente: “*O individuo não é nada mais que o papel que ele assume e que é percebido como tal pelos outros. Paulo não é mais Paulo, ele é o carteiro ou o policial*” (apud, Vandenbergue, 2005: 99). Assim, aceitando seu “papel” dentro do grupo o *torcedor organizado* aceita, assume e participa da vida grupal. Identifica-se com os demais integrantes ligando-se emocionalmente e passando a defender os valores da torcida como sendo dele próprio. Com estas considerações apresento o modelo abaixo, proposto como organograma comum as três torcidas pesquisadas:



3.2 IDENTIFICAÇÃO E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE RECIFE

Compreender as motivações que levam jovens de vários segmentos sociais, com experiências de vida, crenças, hábitos e valores distintos, a se reunirem num grupo estigmatizado pela prática da violência nos estádios de futebol, parece um desafio para todos os pesquisadores que se propuseram ao estudo destes grupos urbanos. Um ponto de partida importante, sugiro, seja considerar que não há como pensar a Torcida Organizada sem pensar no *torcedor comum*. Antes de integrar uma T.O o indivíduo identifica-se com um clube, com suas cores, com seus símbolos, títulos conquistados (feitos), e com relações emocionais de referência, (clube do pai, do irmão mais velho, do avô) ou mesmo para se contrapor a essa referência como forma de rebeldia e contestação, considerando que alguns interlocutores afirmaram torcer pelo clube contrário ao do pai, por aquele ser muito ausente da família. Este seria o caminho mais lógico para se pensar na ligação inicial entre um jovem torcedor com seu clube de futebol. Mas, o que faz com que esse jovem torcedor ingresse numa Torcida Organizada? Não tenho interesse, por momento, de chegar a uma resposta definitiva para esta questão, antes apresentar possibilidades que facilitem nossa compreensão sobre o tema.

“A composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo. A estrutura grupal é um produto dessas interações. A partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para a coesão do grupo. A fim de realizar suas

atividades com o grupo, há muitas ocasiões nas quais os rapazes devem fazer favores uns aos outros". (Whyte, 2005: 262).

Pertencer a um grupo social emocionalmente e socialmente intenso, que possibilite satisfação e respeito, reconhecimento a pessoa (*ser alguém*) são necessidades presentes entre os grupos jovens e que a experiência "*entre os vândalos*"¹¹⁶ possibilitou a identificação e a possibilidade de um caminho contrário ao da lógica que apresentei anteriormente, ou seja, também é possível considerar que uma Torcida Organizada seja o caminho de atração para que um jovem passe a se interessar pelo futebol e, como consequência, por um clube. Para sustentar esta proposição utilizo as palavras de um interlocutor:

"Nunca tinha vindo num campo de futebol, nem tinha time, gostava de vôlei, mas os colegas da escola mostravam fotos da Fanático, aí eu achava legal e divertido, mas os pais deles não deixavam que fossem da torcida, eles diziam que estavam na arquibancada, mas estavam na torcida organizada. Um dia vim com eles, gostei e fiquei vindo, então virei Náutico. Não sou da Fanático, mas comecei a gostar do clube pela torcida organizada". (Rubens, 19 anos, torcedor do Náutico).

Este relato, mesmo que não conste na maioria dos discursos registrados é bastante revelador e contém relações estreitas com outros fatores identificados como fundamentais na relação de atração de um torcedor a um clube de futebol, sobretudo para adesão às Torcidas Organizadas. De acordo com Santos (2004), atualmente, como palco onde as novas sociabilidades se agregam, estão basicamente os shopping centers, os estádios de futebol e alguns shows em grandes espaços, contrariando um passado em que a praça pública figurava como um marco de encontros e passagens frequentes (Santos 2004: 39).

As roupas, os acessórios, tatuagens, cor do cabelo, (no caso da *Jovem do Sport*, alguns componentes pintam o cabelo de amarelo) criam uma *identidade* em torno do grupo que além de identificá-los como torcedores de futebol constroem signos que os representam socialmente, enquanto pertencentes a um grupo diferente, distinto. Ao considerar que a *identidade* e a *diferença* estão numa relação de dependência estreita, compreendo que a *identidade* do *torcedor organizado* depende, neste sentido, do

¹¹⁶ Termo utilizado por Bill Buford para se referir ao contato que manteve durante quatro anos com os *hooligans* ingleses, em trabalho que deu origem a uma importante e referencial pesquisa sobre torcedores de futebol e violência nos estádios. Para se conhecer melhor esse trabalho, sugiro BUFORD, B. *Entre os vândalos. A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

torcedor comum e dos componentes das outras Torcidas Organizadas. Ser *Inferno Coral* significa torcer pelo time Santa Cruz F.C, mas, não “qualquer” torcedor desse clube, da mesma forma que significa não ser *Jovem do Sport* ou *Fanático*. A afirmação “sou brasileiro, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças (Tadeu Silva, 2011: 75) ¹¹⁷. A partir destas considerações concordo quando este autor defende:

“A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais”. (Tadeu Silva, 2011: 76).

O caso das torcidas de futebol, especialmente as *Organizadas*, é emblemático na medida em que andar em bando, vestindo a camisa do seu time, eles acabam diferenciando-se do todo (Santos, 2004: 38). Os rituais de cânticos, as cores das bandeiras, as coreografias previamente ensaiadas, são expressões de identidade que marcam as Torcida Organizadas, ao mesmo tempo, são instrumentos de atração para novos integrantes. Nesse contexto, a *identidade* social dos jovens passa a ser firmada na necessidade de “ser diferente”. Os símbolos, emblemas, formas de expressão, gírias e gestos, que marcam e dão forma ao *estereótipo* dos *torcedores organizados* fazem parte do processo de representação que lhes dão significado. Para Tadeu Silva (2011, 91), “*A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido*”.

Essa necessidade de “ser diferente”, que destaquei nas linhas anteriores, encontra correspondente na noção de “*identidade contrastiva*”, ou seja, quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo como que se defronta; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante dos *outros*, jamais se afirmando isoladamente (Oliveira, 1976: 36).

A importância da representação através de símbolos, emblemas, brasões, foi analisada por Durkheim (1996) como “marca distintiva” de um grupo, sinal diacrítico,

¹¹⁷ SILVA, T.T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2011.

uma identificação de pertencimento: “*Mas o totem não é apenas um nome; é um emblema, um verdadeiro brasão, cujas analogias com o brasão heráldico foram freqüentemente assinaladas. (...) O totem é, antes de tudo, o brasão de um grupo*” (Durkheim, 1996: 107).

Pensar desta forma, através de Durkheim, possibilita compreender a ligação extrema em torno da identidade grupal existente nos *núcleos, comandos* ou *pavilhões*, ou seja, nas seções existentes em cada Torcida Organizada. Mesmo com líderes próprios e até estruturas físicas próprias nos bairros de origem, ser *Fanáutico Maceió* ou *Jovem Caxangá*, identificações territoriais que podem ser modos de aproveitar as identificações preexistentes para reforçar identificação a um grupo menor com densidade interativa, através dos emblemas e símbolos, do “totem”, o grupo mantém-se unido.

“Com efeito, participa-se de um clã pela única razão de portar um certo nome. Portanto, todos os que têm esse nome são membros dele com o mesmo direito; não importa como estejam distribuídos pelo território tribal, mantêm todos, uns com os outros, (...). Em consequência, dois grupos que têm o mesmo totem são necessariamente duas seções do mesmo clã”. (Durkheim, 1996: 97).

Desta forma, ao se identificarem enquanto grupo através de suas representações, os componentes das *Organizadas* passam a desenvolver sociabilidades que se manifestam através da interação nas atividades realizadas na Sede social, no estádio, nas viagens e deslocamentos para jogos “fora de casa”, nas festas de aniversário da torcida, e durante encontros para diversas finalidades, que podem não estar diretamente vinculadas a Torcida Organizada, além das formas de comunicação existentes no grupo e entre os grupos, além das *alianças* entre torcidas, aspecto a que dedico um tópico específico. Nas linhas abaixo exponho essas experiências pouco conhecidas por quem não vivencia o dia-a-dia desses torcedores.

A Sede como espaço de sociabilidade

Uma das características principais e primordiais para a manutenção de um grupo social é a interação entre os membros, e neste aspecto, a Sede social tem papel fundamental nas relações recíprocas desenvolvidas entre os *torcedores organizados*. Local destinado para a organização administrativa da torcida, controle financeiro e cadastro dos associados, é também destinada para a guarda do patrimônio e dos bens do

grupo, como os “bandeirões”, as bandeiras, faixas, fotos de destaque em publicações, arquivo de imagens digitais e presentes recebidos por jogadores e por torcidas aliadas. É o “quartel general” da T.O simbolizando ainda o poder e o prestígio entre das torcidas.

Além da vida administrativa a Sede possibilita momentos de confraternizações, festas, comemorações de vitórias e títulos e lágrimas por derrotas, além de momentos filantrópicos, como distribuição de alimentos e brinquedos. Várias interlocuções que realizei durante a pesquisa foram promovidas nas sedes das torcidas, principalmente antes dos jogos, momento em que uma maior quantidade de membros comparece para receber as orientações dos líderes. Algumas torcidas ampliaram seu papel nos últimos anos fazendo de suas sedes não só locais de encontros e festas, mas também de solidariedade, caridade, educação, assim como de vivências de outros temas da cultura brasileira, como a música e a dança (Reis, 2006: 84).

Alguns membros a freqüentam esporadicamente, outros, contudo, quase que diariamente, conforme apresento nas interlocuções abaixo quando discutimos sobre suas participações na rotina da T.O:

“Moro longe, em Pau Amarelo, mas pelo menos uma vez eu venho (na Sede) pra ajudar na organização geral, principalmente quando tem jogo. Ajudo a ler as notícias sobre a torcida e tirar o que é bom ou ruim, o que tão falando da gente. Já tenho 14 anos na Jovem, e vou morrer aqui”. (Interlocução com componente da *Jovem do Sport*, homem, 30 anos).¹¹⁸

“Venho pra todos os jogos e vou pra Sede umas três vezes na semana, fora os dias dos jogos. Ajuda nas campanhas assistenciais e na preparação da festa, limpando as bandeiras, cortando papel, preparando bola de encher, faço de tudo pela torcida”. (Interlocução com componente da *Inferno Coral*, mulher, 25 anos).¹¹⁹

Toledo (1996, 66), ao analisar as características da sociabilidade praticada pelos *torcedores organizadas* dos clubes do estado de São Paulo, afirma que nas sedes existe a possibilidade das pessoas se reconhecerem na partilha de valores, além de “*espaços*

¹¹⁸ Interlocução realizada no dia 21 de maio de 2011, jogo entre Sport x Icasa-CE, pelo campeonato nacional.

¹¹⁹ Interlocução realizada no dia 20 de março de 2011, antes do jogo Santa Cruz x Náutico, pelo campeonato pernambucano.

vivos de pertencimento a estes grupos e de reconhecimento frente a outros”. Devido aos grupos menores existentes dentro da própria torcida, a sede proporciona uma ligação mais intensa numa espécie de “rede de amigos” (termo nativo), e que pode ser expandida para o cotidiano destes grupos.



Imagem: Festa na Sede da TUP (Palmeiras-SP), com presença da *Fanático* (esquerda); Cartaz de divulgação de festa do Núcleo Feminino da *Inferno Coral* (direita). Disponível em: <<http://www.fanautico.com.br>; www.toic.com.br>.

Analisando a importância das sedes para os torcedores de futebol ingleses, destacada por Lever (1983), observo paralelos importantes com a função das sedes das Torcidas Organizadas do Brasil:

“Embora sejam independentes dos clubes pelos quais torcem, os clubes de torcedores na Inglaterra tipicamente se instalam nas proximidades dos estádios. Ficam abertos sete noites por semana, e os torcedores aparecem para beber, jogar dardos, e conversar sobre esporte. Na medida em que seus clubes de futebol não são clubes sociais, essas organizações de torcedores muitas vezes se tornam o foco da vida social da comunidade, promovendo festas e bailes”.
(LEVER, 1983; *apud*, CUNHA, 2006: 58).

Percebo que essa possibilidade de interação se faz também através da venda de produtos nas lojas das sedes. Muitos torcedores freqüentam o espaço apenas para encontrar “colegas” fora dos dias de jogos. As salas de apoio, disponibilizadas pelos clubes nos três estádios da cidade, são utilizadas pelas torcidas em dias de jogos como uma extensão das Sedes sociais, havendo reuniões preparatórias, manutenção e conferência de materiais, orientações sobre o comportamento nas arquibancadas e distribuição dos ingressos disponibilizados pela diretoria dos clubes. Assim como o estádio é a “casa” do clube a Sede é a “casa” da Torcida Organizada.

Normas comportamentais: comunicação e demarcação de territórios

A comunicação tem papel fundamental na permanência do grupo. No caso das Torcidas Organizadas, mais do que estabelecer comunicação, no sentido de possibilitar interação bilateral, as diversas formas de linguagem utilizadas, como os gestos de cumprimento, as danças, as músicas, faixas e bandeiras, os *gritos de guerra*¹²⁰, e a demarcação de território através das pichações, têm forte significado e são fundamentais no processo de identificação do grupo. De acordo com Habermas (2003), como papel da comunicação a linguagem atende a três funções; (a) reprodução cultural e manutenção das tradições; (b) integração social e; (c) socialização da interpretação cultural das necessidades. Segundo ele,

“Quando o falante diz algo dentro de um contexto cotidiano, ele se refere não somente a algo no mundo objetivo (como a totalidade daquilo que é ou poderia ser o caso), mas ao mesmo tempo a algo no mundo social (como a totalidade de relações interpessoais reguladas de um modo legítimo) e a algo existente no mundo próprio, subjetivo, do falante (como a totalidade das vivências manifestáveis, às quais tem um acesso privilegiado)”. (Habermas, 2003: 41).

Percebendo a comunicação desta forma, compreendo que as bandeiras nos estádios de futebol além de proporcionar beleza, através de suas cores e da maneira como tremulam, “o balé das bandeiras”, possibilita a identificação do *torcedor comum* com seu clube e ainda que todos os presentes no estádio percebam as Torcidas Organizadas e, dentro destas, a existência de hierarquia e seções (*núcleos, comandos ou pavilhões*). As faixas indicam o bairro de origem da divisão e a posição ocupada pela torcida no estádio, podendo expressar demarcação de território como transmissão de apoio ou protesto. Bandeiras de Torcidas Organizadas diferentes, posicionadas lado a lado, indicam que existe *aliança* entre os grupos, fato que pode ser observado também nos jogos realizados em outros Estados do Brasil, e através da transmissão televisiva é possível perceber bandeiras de torcidas de Recife em meio a bandeiras de outros clubes do país.

Os *gritos de guerra* e as músicas entoadas nos estádios podem ter o objetivo de incentivar a torcida amada ou provocar e satirizar a torcida adversária. Em casos de

¹²⁰ Considero “gritos de guerra” todas as músicas ou cantos produzidos pelas torcidas nos estádios e que tenham a função de incentivar os clubes. Através das Torcidas Organizadas, esses cantos passaram a ser dirigidos para insultar as torcidas adversárias, em alguns momentos da partida, cantados por todo público presente.

grande rivalidade clubística, onde os jogos são chamados *clássicos*, é natural que as T.O alimentem o mesmo sentimento de ódio e desprezo pela *Organizada* adversária numa relação considerada fundamental para a manutenção da identificação, coesão e existência grupal:

“A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar que a identidade significa demarcar fronteiras significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. (Silva, 2011: 82).

Essa distinção entre o “nós” e o “eles” também é percebida através dos *gritos de guerra*, estando bem explícita na relação entre a *Jovem do Sport* e a *Inferno Coral*. Mesmo quando seus clubes, Sport e Santa Cruz, não estavam se “enfrentando”, percebi que muitas das músicas cantadas nas arquibancadas por esses grupos fazem referência ao grupo rival, conforme apresento nas letras das músicas transcritas abaixo:

“Eu sô da Inferno Coral, a torcida se garante, a maior da capital, são quinze anos de sucesso, dezesseis eu esculacho a JOVEM, quando vê corre junto com a FANALTICÚ, e no estilo da maior, no estilo diferente, a jovem e a FANALTICÚ já tem inveja da gente, e no clássico eu te digo, o céu avermelhado, a terra estremece, inferno e o bolado, e o defunto sai da cova, o peixinho sai do mar, o anjinho sai do céu, só pra vê inferno arriar! hu inferno aê! hu inferno aê!”.(Música cantada pela *Inferno Coral* nos estádios de Recife).¹²¹

“Eu sou da Jovem do Leão, Da torcida do Sport, Jovem já é tradição, Nove anos de sucesso, Dez vai ser um esculacho, Inferno quando vê, Corre junto com a fanático, E nós já somos a maior, Num estilo diferente, Inferno e Fanático, Já tem inveja da gente, No clássico eu te digo, O céu fica amarelado, A terra estremece, A jovem é um tornado, E os anjinhos descem do céu, Os peixinhos já saem do mar, Os difuntos saem da cova, Só pra ver jovem arrear, Uh! A Jovem arrea, Uh! A Jovem arrea”. (Música cantada pela *Jovem do Sport*)¹²².

A identificação extrapola o estádio e assume graus de importâncias diferentes para pessoas diferentes, uma adesão afetiva no cotidiano e que consiste de um contínuo de ser um cidadão sem maior importância cotidiana, mas que para um *torcedor*

¹²¹ Essa e outras letras de músicas da *Inferno Coral* estão disponíveis no site da torcida: <<http://www.infernocoral.com.br>>.

¹²² Disponível em: <<http://www.letras.terra.com.br>>.

organizado pode chegar a ser sua motivação de existência. Sobre os cânticos, brados de guerra e músicas das Torcidas Organizadas, Toledo (1996), em sua pesquisa sobre as torcidas de São Paulo, assim os define:

“Satíricos, jocosos, ofensivos, grotescos, engraçados, alguns criativos, enfim, estes cantos e gritos de guerra traduzem uma série de visões do outro, expressas nesses padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol. Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas filtradas, codificadas em músicas e versos, retirados da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes”. (Toledo, 1996: 64).

Além das músicas e dos *gritos de guerra*, outra importante forma de comunicação entre as torcidas é a demarcação de território feita através das pichações de edificações e de monumentos públicos. Esses grupos, normalmente durante a noite, em dias que antecedem os jogos ou após encontros na Sede social, através da pichação exibem seus símbolos característicos que estão presentes nos emblemas dos grupos, ou as iniciais do nome da torcida, principalmente nas edificações e monumentos próximos aos clubes da cidade e ao longo do trajeto que normalmente fazem para chegar aos estádios em dias de jogos. Desta forma é comum percebermos nos muros da cidade pichações contendo as iniciais TJF (*Torcida Jovem Fanático*), TOIC (*Torcida Organizada Inferno Coral*), e TJS (*Torcida Jovem do Sport*), atitude considerada como uma forma de poder simbólico e unidade grupal.

Sobre a *Jovem do Sport* é importante destacar que, como forma de assegurar a identidade do grupo, nos últimos dois anos tem sido comum a utilização dos dizeres “*bonde do Lampião*” no lugar das iniciais TJS, considerando que, além de evitar a semelhança com as iniciais utilizadas pela *Fanático*, a imagem de Lampião¹²³ tem sido percebida como estratégia de identificação com a região Nordeste. Essas práticas, percebo, têm correspondência direta com a análise feita por Durkheim quando discorre sobre a prática da pintura do totem entre os índios da América do Norte: “*Onde a sociedade tornou-se sedentária, onde a tenda é substituída pela casa, onde as artes*

¹²³ Referindo-se a Virgulino Ferreira, o “Lampião”, que no início do século XX foi líder de um famoso grupo do “cangaço”, acusado de cometer vários crimes encomendados por fazendeiros da região Nordeste, e de ter cometido vários assaltos pelo sertão nordestino. Por muitos, entretanto, é considerado um “justiceiro” e que retirava dos ricos para compartilhar com os pobres. Ficou conhecido como “rei do cangaço”.

plásticas já são mais desenvolvidas, é na madeira, nas paredes, que se grava o totem”
(Durkheim, 1996: 108).



Imagem: Figura de “Lampião” no bandeirão da *Jovem do Sport*. Foto do autor.

Alguns interlocutores afirmaram que também é uma prática comum *pichar* os locais onde a torcida consegue tomar alguma camisa ou objeto de uma torcida adversária, ou seja, um *troféu de guerra*, espécie de “marco de vitória”. Esse procedimento, sugiro, gera um “efeito em cadeia”, ou seja, uma vez identificado um “marco de vitória” da torcida adversária, o grupo “derrotado” tentará alguma conquista em outro ponto da cidade para que também tenha seus “feitos” registrados.



Imagem: Pichação com os dizeres “bonde do lampião”, demarcação de território por integrantes da *Jovem do Sport*. Foto do autor.

As “*caminhadas*” e as “*invasões*”

O crescimento do número de componentes das Torcidas Organizadas de Recife, sobretudo a partir da década de noventa, conforme apresentei no histórico deste fenômeno no capítulo primeiro, bem como a migração de jovens oriundos de outros grupos urbanos, principalmente das “*galeras de bairros*”, repercutiu diretamente no surgimento de duas importantes práticas entre as Torcidas Organizadas, a “*caminhada*” e a “*invasão*”.

Sobre esta dinâmica, destaco a importância do estudo realizado por Carlos Luna (2010)¹²⁴ sobre a inserção de integrantes das “*galeras de bairros*”, frequentadores de *bailes funk*¹²⁵, nas Organizadas dos clubes de futebol de Recife. O estudo indica que após proibição desses bailes, por parte do Ministério Público de Pernambuco, no final da década de noventa, parte considerável desses jovens percebendo semelhanças de sociabilidades entre seus grupos e as torcidas nos estádios de futebol migraram para as *Organizadas* vinculando-se, principalmente, às seções (*núcleos, comandos e pavilhões*) dos bairros, considerando que as práticas festivas e atuações criminosas desses grupos estavam limitadas aos bairros de origem através da demarcação de território.

Inicialmente sem denominação específica, o deslocamento realizado pelas Torcidas Organizadas das suas Sedes até o local do jogo, principalmente nos *clássicos*, sempre foi um momento utilizado para demonstração de poder, tamanho e coesão grupal, além de uma oportunidade para “ser visto”, ou seja, ter visibilidade nas ruas da cidade. Com a inserção de integrantes das *galeras de bairros* nas torcidas esses deslocamentos passaram a ser comparados com os “*arrastões*” praticados pelas galeras, e interpretados pela mídia, opinião pública e instituições de segurança como a reedição das práticas criminosas dos grupos de bairros.

“Com a inserção de integrantes de galeras de ‘baile de corredor’ este termo foi reinterpretado. Para as galeras, arrastão é sinônimo de uma ação que consiste em provocar um tumulto generalizado em local público, que visa aproveitar-se do apavoramento dos transeuntes

¹²⁴ Carlos Eduardo Falcão Luna. *A inserção das galeras de “baile funk de corredor” nas torcidas uniformizadas do Recife*. Recife, UFPE, monografia de Ciências Sociais, 2010.

¹²⁵ De acordo com o estudo de Carlos Luna, durante os bailes que eram realizados na periferia da cidade de Recife, várias práticas de violência, consumo de drogas e envolvimento de jovens com grupos criminosos foram registrados pela Polícia Militar, levando o Ministério Público a determinar o fechamento desses bailes, normalmente realizados em clubes dos bairros.

para assaltá-los ou tomar vantagem do deslocamento do aparato policial para o local do tumulto e aproveitar-se da vulnerabilidade das pessoas que estão no entorno”. (Carlos Luna, 2010: 26).

Como estratégia para desvincular da imagem das Torcidas Organizadas os “arrastões” das galeras, os líderes passaram a denominar esse momento de “caminhada”. O objetivo maior da *caminhada* é a “*invasão*”, ou seja, levar o maior número possível de componentes da torcida ao estádio do adversário e, como costumam dizer, “*chegar na moral*”. Invadir a “*casa*” da torcida rival é antes de tudo demonstração de poder, uma prática que mobiliza todas as torcidas durante os dias que antecedem o encontro no estádio e que é amplamente difundida nas redes sociais de relacionamento, como *Youtube*, *Orkut* e *face book*.



Imagem: “caminhadas” da *Inferno Coral* (esquerda) e da *Fanático* (direita). Disponível em: <<http://www.youtube.com.br>>.

Por sinal, a tecnologia vem sendo muito utilizada por esses grupos como forma de interação e divulgação. Contudo, ao mesmo tempo em que tem possibilitado contatos e troca de experiências, a internet, através das redes sociais, possibilita que a rivalidade entre as torcidas seja manipulada e explorada para fomentar a violência nos estádios, o que parece constituir outro problema para os líderes de torcidas. Sobre a possibilidade de conflito e cooperação na internet concordamos com Hoffnagel (2010), quando afirma que “(...) *as mesmas possibilidades que supostamente eliminariam fronteiras sociais como as de raça, gênero e etnicidade e promoveriam a justiça, a equidade econômica e a democratização – o anonimato para os usuários e o livre acesso à internet – também permitem e promovem violência e discriminação de todo tipo*” (Hoffnagel, 2010: 140).

As três torcidas observadas classificam essas práticas entre as mais importantes formas de integração e coesão grupal, entretanto, em virtude de vários incidentes

registrados, principalmente por grupos menores que se dispersavam durante os trajetos, a Polícia Militar passou a acompanhar as *caminhadas* justificando que esta medida evita transtornos à sociedade, tornando-se uma prática institucional, que se repete a cada clássico. Durante a pesquisa participei de algumas reuniões entre a PM e representantes das T.O, em dias que antecederam *clássicos* ou jogos decisivos. Nesses encontros pude observar que ficam estabelecidos o horário e o local, de onde a torcida será escoltada até o estádio, bem como as condições impostas pelo policiamento sobre as condutas e manifestações produzidas pelos torcedores, o que pode e não pode. Os grupos dissidentes que optam por deslocamentos fora da *caminhada* são vistos sempre com desconfiança, tanto por parte das autoridades públicas como pelas lideranças das torcidas.

Entre os responsáveis pelo policiamento e os líderes das torcidas observei uma relação tensa, apesar de respeitosa, entretanto, entre os componentes das torcidas percebe-se um sentimento de desaprovação ao trabalho da PM. Do outro lado, os *torcedores organizados* são vistos pelos policiais, em geral, como grupos de infratores e potenciais criminosos. A interpretação de algumas das falas contidas nas interlocuções realizadas sugere isso:

“A Polícia tem que ter mais treinamentos, específicos para o Batalhão de Choque, porque o torcedor não é presidiário. Tem que trabalhar melhor dentro e fora de campo, não coagir as pessoas. Eles têm que tratar melhor os torcedores, mas acham que todo mundo é bicho”. (torcedor, componente da *Fanático*, 17 anos de idade).

“Temos que ter muito cuidado com esses marginais transvestidos de torcedores, se fossem organizados mesmo, não cometeriam esses crimes. Quebram ônibus, roubam, fazem miséria, e tudo em nome de um time? Que torcedor que nada, por mim, não entram no estádio”. (Soldado do Batalhão de Choque da PMPE, 36 anos, 15 anos na Polícia).

Status e poder nas arquibancadas

Vista através de um televisor ou mesmo “ao vivo” no estádio, a Torcida Organizada é percebida como uma *massa*, uniforme e homogênea, não dando indícios de organização, hierarquia, *status*, ou relações de poder. Somente o olho treinado, ou estando “por dentro”, entre os *torcedores organizados*, pode-se perceber e compreender a estrutura e organização do grupo. Quando falei sobre a importância simbólica das bandeiras e faixas sugeri, entre outras possibilidades, que demarcam território, dentro do

estádio e garantem que o espaço imediatamente disposto sobre a faixa será ocupado pela torcida cujo nome ou emblema está estampado em alguns metros horizontais de tecido. Existe uma ética entre os torcedores que garante esta demarcação de espaço, mesmo que realizada por um único componente, por uma faixa ou por uma bandeira. É o suficiente para que outros torcedores reconheçam o “território” já ocupado. Durante um encontro no estádio do *Arruda*, chegando muito antes do horário da partida, perguntei a três torcedores que procuravam um local protegido do sol, entre muitos outros torcedores já presentes naquele espaço, o motivo pelo qual não ocupavam uma grande área vazia e “sombreada”, a poucos metros, obtendo como resposta: “*ali é área da Infeno, ta vendo a faixa não?*”. Possivelmente esta seria a resposta que quase todos naquelas imediações me dariam.



Imagem: Faixas da *Fanático* (esquerda) e da *Jovem do Sport* (direita). Fotos do autor.

No interior de uma Torcida Organizada as relações de poder, o *status*¹²⁶ e o prestígio são identificados através dos comportamentos e atitudes dos seus componentes, além de sua distribuição na arquibancada. Nesta análise, torna-se fundamental considerar que,

“A partir da maneira como as pessoas se apresentam dispostas uma ao lado da outra, pode-se facilmente deduzir a diferença de prestígio entre elas. Sabemos o que significa quando uma pessoa encontra-se sentada num plano mais elevado, tendo todas as demais em pé a circundá-la. Ou quando está em pé, e as demais sentadas ao seu redor (...)”. (Canetti, 1995: 387).

¹²⁶ A posição de uma pessoa relativamente à das outras com as quais mantém relações sociais. Os termos que indicam *status* sempre subentendem uma relação com alguém mais: por exemplo, filho, diretor escolar, marido, balconista. (MAIR, L. *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972; p. 17).

Baseando-me nas observações das três torcidas e realizadas nos três estádios de Recife, percebo que a *bateria* é um importante referencial, já que próximo a ela ficam localizados os diretores e o presidente da Torcida Organizada e, em sua volta, os componentes que gozam da confiança da liderança, normalmente os que têm mais tempo de torcida. O *puxador* fica um pouco mais abaixo da bateria de forma que possa ser visto por todos e estimulá-los para que sigam suas performances e acompanhem as músicas e *brados de guerra*. Os demais componentes vão se concentrando ao redor deste núcleo. Observei ainda que se um componente “*novato*” tentar se posicionar fora desta disposição habitual é chamado à atenção por um “*mais antigo*”, e assim se socializa no comportamento esperado, em que conta também antiguidade, “tempo de adesão ao grupo”. Estas observações são ilustradas nas imagens abaixo:



Imagem: Disposição dos torcedores da *Inferno Coral* na arquibancada. Foto do autor.



Imagem: *Jovem do Sport* distribuída nas arquibancadas. Foto do autor.

Nas imagens acima, as Torcidas Organizadas são representadas pelas elipses maiores. Na primeira imagem, *Inferno Coral*, nota-se que a bateria está numa posição central, juntamente com os torcedores mais antigos (elipse menor), e próximos a ela estão os líderes e o “puxador” (triângulo). Os torcedores mais novos estão posicionados no entorno desta liderança formal. Na segunda imagem, *Jovem do Sport*, a posição do centro é ocupada pelo “puxador” (triângulo), enquanto a bateria (elipse branca) e a liderança (elipse vermelha) também estão posicionadas bem próximas. Percebe-se ainda uma terceira elipse (azul) com alguns torcedores com vestes da T.O, contudo, mais distantes da organização formal. Sobre este aspecto, os líderes das três torcidas informaram que é possível alguns torcedores simpatizantes adquirirem as camisas do grupo, contudo, sem participar ativamente de todas as atividades grupais, ou mesmo, como uma etapa de adaptação e “encorajamento” (termo nativo usado pelos líderes). O posicionamento dos torcedores antigos (que é outra hierarquia, que se revela somente aqui, mas que é importante entre os não - líderes), também é importante, sendo referência para o posicionamento dos mais novos. A liderança formal com frequência é observada ao lado da bateria, posição que possibilita visibilidade e, suponho, controle sobre o grupo.

As bandeiras são dispostas à medida que as seções (*núcleos, pavilhões* ou *comandos*) chegam à arquibancada, as com maior tempo de existência também são posicionadas nas proximidades dos líderes, denotando o *status* que possuem na organização do grupo. Entre elas a seção feminina, percebida nas três Torcidas

Organizadas, com sua respectiva bandeira, espécie de pavilhão do subgrupo, tremulada por uma “bandeira” – torcedora.

Entre as bandeiras uma tem papel destacado pela dimensão. O “bandeirão” representa o prestígio e a grandeza da torcida, já que requer grande investimento financeiro para sua confecção e capacidade de mobilização dos membros para carregá-la e exibi-la nos estádios. Quanto maior o bandeirão, maior a força da torcida. A torcida *Gaviões da Fiel*, do Corinthians Paulista, possui o maior dentre os bandeirões das T.O do país, com aproximadamente 250 m x 35 m (8.750 m²), enquanto que a *Inferno Coral* tem o maior de Pernambuco e quinto maior do Brasil, medindo cerca de 175 m x 45 m, ou seja, 7.875 metros quadrados ¹²⁷.



Imagem: “bandeirão” da *Inferno Coral*, considerado o quinto maior do Brasil. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com>>.

Através do modelo proposto acredito ser possível uma compreensão das Torcidas Organizadas bem distinta daquela que caracteriza a *massa*¹²⁸. Se por um lado apresenta-se no momento mais visível e crucial de sua ‘função torcedor’ como unidade, um só coletivo, e percebida como grupo social, a torcida possui hierarquia, valores, relações afetivas e de poder, necessidades, divisões, coesão. Consolida-se, portanto,

¹²⁷ De acordo com o ranking dos 10 maiores bandeirões do Brasil, publicado e disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com>>.

¹²⁸ Segundo Canetti, na *massa*, nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo se passa então como que no interior de um único corpo (Canetti, 1995: p.14).

“Na medida em que ganharam corpo, marcando presença não só nos estádios, mas também nas relações dos grupos com a sociedade, estabeleceram novos padrões de comportamento aos seus membros, que buscavam auto-afirmação através da vestimenta da identificação grupal e da falsa superioridade de um grupo sobre os outros. Neste sentido, houve necessidade de se criar uma estrutura burocrática capaz de oferecer suporte à entidade e satisfação aos interesses dos simpatizantes que desejavam fazer – ou já faziam – parte de seus quadros associativos”. (Pimenta, 1997: 77).

3.3 RELAÇÕES DE ALIANÇA E SUAS INFLUÊNCIAS NA MUDANÇA DO MODUS OPERANDI DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DE RECIFE

No primeiro capítulo desta pesquisa, após destacar as características das primeiras Torcidas Organizadas do Brasil e as mudanças na organização, perfil dos componentes e dinâmica destes grupos, ocorridas ao longo dos últimos vinte anos, sugeri que o fenômeno das *alianças entre torcidas*¹²⁹ foi determinante. Até o início da década de 1990 as Torcidas Organizadas, de Estados diferentes, mantinham poucos contatos e as informações eram obtidas através das publicações da mídia e das transmissões de jogos pela televisão.

Os poucos e breves contatos aconteciam quando os torcedores viajavam para acompanhar seus clubes nos jogos de competições nacionais, como Copa do Brasil e campeonato brasileiro. Nesta época, sugiro, não podemos falar em *alianças*, mas numa “aproximação simpática” possibilitada principalmente pela identificação que alguns clubes mantinham através de características semelhantes, a exemplo dos times da Portuguesa de Desportos-SP e Vasco da Gama-RJ, fundados pelas colônias portuguesas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, ou ainda por clubes com as mesmas cores dos uniformes (os rubro-negros, os tricolores, os alvirrubros)¹³⁰. Na medida em que as competições nacionais passaram a ser disputadas em divisões distintas, em grupos de 20 equipes, e com duração de um semestre¹³¹, os contatos entre as

¹²⁹ Termo que se tornou clássico na Antropologia a partir das análises de *sistemas de parentesco*, utilizado por Lévi-Strauss para designar o parentesco por alianças matrimoniais, casamento.

¹³⁰ Durante a década de 1980 e início dos anos noventa, por exemplo, percebia-se que muitos torcedores do Santa Cruz torciam à favor do São Paulo (possuem as mesmas cores e uniformes muito semelhantes), quando esta equipe jogava contra o Sport ou Náutico.

¹³¹ Até 1986, o campeonato brasileiro era realizado por mais de 60 clubes, tendo algumas edições da década de setenta superado cem participantes. Era comum alguns clubes jogarem apenas as fases iniciais, sendo eliminados em no máximo dez partidas. A partir de 1987 passou a ser disputado em

Organizadas de Estados diferentes passaram a ser intensos, aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades. Ao receber os componentes de uma Torcida Organizada de outro Estado, no aeroporto ou na rodoviária, dando-lhes hospedagem e orientando-lhes na locomoção pela cidade, mesmo que sejam do clube que será adversário durante o jogo, a torcida “nativa” possibilita aos “estrangeiros” uma relação de confiança e companheirismo, possivelmente retribuída quando os papéis forem invertidos. Esses novos contatos entre *torcedores organizados* de cidades diferentes deram origem a relação de *alianças entre torcidas*.

A troca de “gentilezas” e favores entre os grupos de torcedores, a *aliança*, é materializada através da troca de camisetas, bandeiras e faixas, representações simbólicas da fidelidade, camaradagem e amizade entre os grupos aliados e são usadas e exibidas nas arquibancadas de todo Brasil. No *Ensaio sobre a dádiva*, Mauss (1974) denomina essas trocas e retribuições de *sistema de prestações*:

“Ademais, o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, festas, banquetes, ritos, (...). Enfim, essas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo, rigorosamente obrigatórias (...). Propusemo-nos chamar a tudo isso de sistema de prestações totais”. (Mauss, 1974: 45).

Os conflitos e episódios de violência registrados nos estádios de futebol do país durante a década de 1990, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, tiveram ampla divulgação na mídia repercutindo diretamente na formação de grandes alianças de Torcidas Organizadas. Como consequência, as rivalidades estaduais entre as *Organizadas* foram estendidas para as grandes alianças nacionais, por exemplo, a *Fanático* é considerada “rival” de todas as torcidas que forem aliadas da *Jovem do Sport* ou aliadas da *Inferno Coral*. Essas *alianças* são firmadas e decididas pelos líderes de torcidas, os quais consideram as parcerias que podem ser mais importantes para a divulgação do grupo fora de sua cidade, maior capacidade de apoio logístico nas viagens, além das relações de afetividade construídas durante os encontros nos jogos. Esta nova lógica na formação de alianças é repudiada por grande parte dos *torcedores comuns*, que continuam priorizando aquela “aproximação simpática” que destaquei

divisões, tendo em média 20 clubes por cada divisão. Com este formato, os campeonatos passaram a ser mais longos, durando quase um semestre, com os clubes jogando contra todos os participantes da divisão.

anteriormente. Como exemplo, destaco a relação de *aliança* entre a *Jovem do Sport* e a *Independente*, do São Paulo F.C, bastante criticada pelos *torcedores comuns* do time do Sport, já que a camisa da *Independente* é idêntica ao uniforme do Santa Cruz F.C, maior rival do clube.



Imagem: Divulgações de alianças entre torcidas. Disponível em: <[http:// www.organizadasbrasil.com.br](http://www.organizadasbrasil.com.br)>.

Mudando a forma de torcer: novos ritmos, novas performances

Conforme apresentei anteriormente, o fenômeno das Torcidas Organizadas no Brasil provavelmente surgiu no início da década de 1970, proporcionando uma nova dinâmica na “*assistência*”¹³² dos estádios de futebol e alterando a condição do torcedor, de coadjuvante para protagonista do espetáculo. Os microfones voltados para as T.O durante as transmissões televisivas e as câmeras exclusivas que captam a festa proporcionada por esses grupos fazem parte dos recursos de transmissão utilizados pelas emissoras que transmitem os jogos. A Torcida Organizada faz parte do “*show do intervalo*”, mas está presente também nas divulgações antes dos jogos. Percebo que a mídia explora a imagem das torcidas quando tenta encontrar responsáveis e justificar os episódios de violência nos estádios, como também, para divulgar as competições que são disputadas por patrocinadores ávidos em associar suas imagens à festa produzida por esses grupos nas arquibancadas.

As *performances* das torcidas cariocas e paulistas, com seus cânticos ininterruptos durante os jogos, a exposição de seus bandeirões, e as coreografias

¹³² Até a década de 1930, os torcedores reunidos nas arquibancadas eram conhecidos como “*assistência*”, termo utilizado pela imprensa esportiva até os anos 30, definindo o status dos torcedores mais populares, que se contrapunham aos sócios dos clubes.

inspiradas nas torcidas *sulamericanas*, principalmente as argentinas¹³³, começaram a ser introduzidas nas torcidas de Recife na metade dos anos noventa, em virtude dos maiores contatos proporcionados pelas competições nacionais. A Internet teve papel fundamental neste processo já que possibilitou a formação de comunidades de relacionamento, ampliando as *alianças entre torcidas* e criando uma espécie de *estilo do torcedor organizado*¹³⁴. Inicialmente as torcidas *Fanáutico*, *Inferno Coral* e *Jovem do Sport* passaram a utilizar vestimentas¹³⁵ semelhantes às utilizadas pelas torcidas paulistas e cariocas, mesmo que inapropriadas para o clima do Nordeste, além de permanecerem em pé durante todo jogo. Posteriormente, as demais Torcidas Organizadas de Recife aderiram a esse *habitus*¹³⁶. Sobre este aspecto, discorre Bourdieu: “*Cada campo tem certas práticas, valores, estilos, gostos, restrições, em suma, um certo habitus, produzido pelas condições sociais relacionadas às posições correspondentes, e pela intermediação desse habitus e de suas capacidades estruturantes*” (Bourdieu, 1996: 144).

Durante os encontros, observei muitos torcedores que freqüentam outros setores dos estádios utilizando camisas das Torcidas Organizadas. Percebo que a influência desses grupos na dinâmica e estética dos estádios de futebol é tamanha, ao ponto de muitos dos seus códigos de identificação já serem *assimilados* como representações do próprio clube. Isso é percebido através dos gestos de saudação utilizados entre os *torcedores organizados* e que vêm sendo adotados por grande parte dos *torcedores comuns* como estratégia de identificação com o time de futebol da qual a torcida faz parte. Sobre isto, esclareço que a saudação típica dos torcedores da *Jovem do Sport* consiste em “cruzar os punhos¹³⁷”, que faz referência ao lema “*União e Atitude*” da

¹³³ As Torcidas Organizadas dos clubes do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul sempre tiveram mais contatos com torcedores de outros países da América do Sul, pelo fato de participarem regularmente da Taça Libertadores das Américas. Estas participações fizeram com que sofressem grande influência na forma de torcer, por parte daqueles, principalmente dos torcedores organizados argentinos, chamados de “*Barras Bravas*”.

¹³⁴ Andando em grupos, usando roupas coloridas, cheias de emblemas e frases de efeito, tatuagens pelo corpo ou cabelos pintados, usando bonés durante o dia ou à noite, esses torcedores conseguiram, ao longo dos anos, criar um estilo próprio, alcançando visibilidade e distinguindo-se dos *torcedores comuns*.

¹³⁵ Inicialmente restritas a uma camisa padronizada, as torcidas começaram a usar agasalhos (apropriados para climas frios), calças compridas, e bonés, sob a influência das torcidas de outros Estados.

¹³⁶ Para Mauss, “hábitos”, variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. (Mauss, 1974: 214).

¹³⁷ Segundo um diretor da *Jovem do Sport* a “união do punho cruzado” teve origem a partir da aliança entre a torcida *Tricolor Independente*, do São Paulo, com a *Jovem Fla*, do Flamengo. Atualmente é composta também pela *Máfia Azul*, do Cruzeiro, e pela *Camisa 12*, do Internacional de Porto Alegre.

aliança que integra com outras Organizadas do país. A *Inferno Coral*, por sua vez, faz uma letra “T” com os antebraços, que significa *tricolor*, fazendo alusão às três cores do clube. A *Fanáutico*, em provocação a *Jovem do Sport*, cruza os punhos com os dedos médios voltados para cima. Entre os torcedores do Clube Náutico a saudação não é tão observada, contudo, entre os *torcedores comuns* do Santa Cruz e do Sport a saudação das Torcidas Organizadas já foi assimilada como identificação dos clubes.



Imagem: Torcedor, jogador e presidente do Santa Cruz F.C (esquerda), e *Jovem do Sport* (direita), executando gestos de saudação. Disponível em: <[http// Google.com.br](http://Google.com.br)>.

Outra consequência direta das relações de *aliança entre torcidas* foi percebida através das mudanças nos ritmos, na percussão e nas melodias das músicas entoadas nas arquibancadas dos estádios de Recife. O samba, que sempre foi registrado como o “parceiro perfeito” do futebol em todo Brasil, até o início da década de noventa dividia espaço com o frevo, como os ritmos preferidos pelas torcidas recifenses. Entretanto, os contatos entre torcidas aliadas fizeram com que a *Fanáutico* e a *Inferno Coral*, inicialmente, aderissem às batidas do *funk*, o que já acontecia nas torcidas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mas foi através da *Jovem do Sport* que as mudanças mais radicais se estabeleceram.

Criada em 1995 por ex-integrantes da torcida *Gang da Ilha*, além da escolha da cor amarela para suas camisas a *TJS* inovou também na escolha do ritmo para suas canções, optando pelas batidas do maracatu¹³⁸. Essa escolha foi diretamente influenciada pelo movimento cultural denominado *manguebit*¹³⁹, que na ocasião fazia muito sucesso

¹³⁸ Maracatu é um ritmo percussivo típico de Pernambuco, de raízes africanas, trazido pelos escravos.

¹³⁹ Segundo Rodrigo Gameiro, o “Movimento Mangue ou Manguebit”, articulou as manifestações culturais da periferia de Recife à margem das administrações públicas, fincando sua diferença com os

entre os jovens de Recife e que teve como principal divulgador o cantor Chico Science, líder da banda *Chico Science & Nação Zumbi*, o que atraiu muitos jovens para o grupo, principalmente os que migraram dos bailes funk do Recife. Em virtude de grande parte dos *brados de guerra* e canções da *Jovem* estavam direcionadas as torcidas rivais, as respostas produzidas pela *Fanáutico* e *Inferno Coral* também eram dadas neste ritmo, fazendo com que se tornasse uma característica forte dessas torcidas. Desta forma, criou-se nos estádios de Pernambuco uma mistura do Funk carioca com o maracatu local.

Foi também através das relações de alianças que as torcidas pernambucanas passaram a influenciar as torcidas de outros Estados da região, principalmente durante os jogos da Copa do Nordeste. Esta influência é percebida, por exemplo, no uso das batidas do maracatu pelas torcidas *Os imbatíveis*, do Vitória da Bahia e *Mancha Azul*, do CSA de Alagoas, aliadas da *Jovem do Sport* e *Inferno Coral*, respectivamente.

Outras relações: Assistencialismo, ressocialização e afetividade

As práticas de sociabilidades observadas nas Torcidas Organizadas de Recife não se limitam aos componentes desses grupos. Pouco divulgadas, contudo muito valorizadas e efetivadas pelos *torcedores organizados*, campanhas assistenciais fazem parte da realidade dessas pessoas que se mobilizam enquanto grupo para arrecadar alimentos e roupas, doados para desabrigados e moradores das ruas da Região Metropolitana, além das constantes doações de sangue para hemocentros.

Durante a pesquisa participei de algumas palestras educativas no Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco – JETEP -, projeto desenvolvido para ressocializar os torcedores que cometeram algum crime, dentro ou fora dos estádios. Nos horários dos jogos esses torcedores ficam obrigados a comparecerem ao auditório do JETEP, em cumprimento de pena sócio-educativa, recebendo orientações através de palestras sobre temas diversos¹⁴⁰. Nos três encontros que participei realizei algumas

seus predecessores, na forma de se relacionar com a cultura popular, conectando-a com expressões globais e, ao mesmo tempo, expondo a situação de exclusão social, violência e fome dos bairros de periferia de Recife. Surgiu como uma mistura de hip-hop com maracatu. (GAMEIRO, R. *O Movimento Mangubeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. Artigo publicado VI Congresso português de sociologia. Lisboa, 2008.

¹⁴⁰ Tive oportunidade, em um dos encontros, de ministrar uma palestra sobre primeiros socorros em situações de acidentes com fogos de artifício e condutas emergenciais em casos de tumultos.

interlocuções com esses torcedores na tentativa de compreender suas percepções sobre a violência nos estádios, o sentimento em relação ao cumprimento da pena, e suas impressões sobre as Torcidas Organizadas. Abaixo, apresento algumas dessas opiniões:

“Ficar aqui é a sensação de não ter liberdade. (...) nós que somos torcedores e temos sempre costume de todas as quartas e domingos ir para os estádios, ficamos imaginando como está sendo a festa, e se a própria torcida vai fazer a festa como tem que ser feita, na paz, ao incentivar o time para grandes partidas difíceis. É ruim, como tomar cerveja quente. Nunca mais vou querer voltar”. (Júlio, 19 anos, torcedor do Santa Cruz. Sobre o sentimento de não poder frequentar o estádio).

“Nos estádios não é muito, é mais fora dos estádios, que tem mais brigas de torcidas organizadas. Pra mim, o que eu acho, é que brigas entre torcidas é negócio pra besta. Agora eu entendo que besteira eu fazia, e agora eu não faço mais. (Bruno Rafael, 23 anos, torcedor do Sport, integrante de T.O. Sobre a violência no futebol).

Considero que medidas como as desenvolvidas pelo JETEP, além de conscientizarem o torcedor sobre seu papel no futebol possibilitam, entre eles, e deles para com os executores legais das penas (psicólogos, assistentes sociais, defensores públicos), o exercício da alteridade. Percebem que, pelo fato de torcerem por clubes distintos ou comporem torcidas rivais não os fazem melhores ou piores, são todos torcedores com motivações muito próximas e que estão submetidos aos mesmos códigos de sanções sociais.

A “torcida-empresa”

O crescimento desses grupos alcançou proporções inesperadas. Já relatei que, pela inexistência de um cadastro atualizado e confiável, tentar uma estimativa do número de componentes das três torcidas observadas não seria um procedimento viável, pois as especulações atendem apenas aos interesses de uma disputa simbólica sobre “quem é maior”. De qualquer forma, adotando como parâmetro a torcida Gaviões da Fiel, do Corinthians Paulista, considerada a maior do Brasil, com aproximadamente cinquenta mil torcedores cadastrados, segundo informações da Associação Brasileira das Torcidas Organizadas, pensar que cada T.O de Recife tenha no mínimo cinco mil componentes não seria exagero, sobretudo, por considerar que as expectativas das diretorias são muito superiores a esse número. De qualquer forma, manter uma estrutura que atenda a essa quantidade e a suas necessidades não é tarefa simples, logo, os diretores das torcidas de Recife vêm desenvolvendo estratégias de captação de recursos

para investimentos que possibilitem novas aquisições, alternativas de entretenimento aos sócios e, como consequência, mais adesões.

Desfilar com uma camiseta de Torcida Organizada não é exclusividade dos componentes desses grupos, portanto, “*nas arquibancadas dos estádios, nos Shoppings, enfim, nas cidades, é prática comum jovens desfilarem com essas camisetas, tornando-os, mesmo que apenas no seu imaginário, pessoas importantes e diferenciadas*” (Pimenta, 1997: 83). O futebol torna-se mais um produto de consumo e uma nova forma de acumulação do capital, tendo um papel primordial no setor de serviços e na indústria do turismo (Reis & Escher, 2006: 28). Conscientes disso, presidentes e diretores das torcidas de Recife mantêm estruturas administrativas nas sedes sociais que se assemelham a pequenas empresas. Possuem funcionários remunerados, estoques de produtos, relação de fornecedores, controle e balanço financeiro, ou seja, um verdadeiro negócio que a partir deste estudo chamo de “torcida-empresa”. As três torcidas observadas possuem lojas onde comercializam seus produtos além de efetuarem vendas pela internet e através das relações de alianças.

Retornando ao estudo de Pimenta (1997) e considerando que as T.O não limitam suas fontes de renda à cobrança de mensalidade dos sócios, variados tipos de objetos com a marca das torcidas são vendidos, desde canecas, garrafas térmicas, cadernos, canetas, até bicicletas. Conforme mostra o autor, torcidas como *Gaviões da Fiel*, *Independente* e *Mancha Verde*, apresentam faturamento diário com a venda de souvenirs próximo a mil e quinhentos dólares a três mil dólares, por dia¹⁴¹ (Pimenta, 1997: p.85). Sendo assim, o que se observa nesse percurso de pouco mais de um século de futebol no Brasil é um deslocamento radical de finalidade. De diversão descompromissada e elitizada, o principal esporte brasileiro passou a fenômeno de massa e, na fase atual, a produto de consumo midiático (Gurgel, 2006: 17).

Adequadas e inseridas neste contexto, através das arrecadações, as Torcidas Organizadas compram ou alugam estabelecimentos para as Sedes, compram terrenos, contratam funcionários, estabelecem relações que ultrapassam a lógica inicial dos primeiros grupos de *torcedores organizados*, a saber, *torcer e incentivar, de forma coletiva, o clube do coração*. É mais que isso, inclusive, negócio. Diante da importância

¹⁴¹ A pesquisa de Pimenta foi realizada nos últimos anos da década de noventa, supondo-se que hoje essa arrecadação possa ser maior.

do assunto e escassez de fontes, considero relevante a produção de outras pesquisas sobre a relação “torcida-empresa”, tarefa que pretendo retomar em tempo oportuno.

Breves considerações

Analisando o papel social do futebol brasileiro, DaMatta (2006) chama atenção para as possibilidades criadas por este esporte, e dentre essas, a inversão dos papéis sociais. Assim, o nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói (DaMatta, 2006: 69). Esta possibilidade, percebo, é mais bem realizada quando o grupo social analisado é uma Torcida Organizada de futebol, pois

“Fazer parte de uma torcida organizada – identificado com os símbolos visuais utilizados – dá ao indivíduo a sensação de ser respeitado e temido. Nas relações do cotidiano, as pessoas são sufocadas pelas transformações radicais na sociedade que instaura um processo de luta pela sobrevivência e faz com que o anonimato seja uma constante. A Torcida Organizada apresenta-se como uma possibilidade de aniquilar o anonimato e estabelecer uma identidade, oferecendo auto-afirmação e poder aos seus integrantes”. (Pimenta, 1997: 97-98).

As observações das sociabilidades destes grupos me permitiram compreender que o jovem morador da periferia de Recife, na organização do grupo, pode conquistar *status* maior que o jovem morador da beira-mar, zona sul e área nobre da cidade, fato que talvez não possa ser repetido em outra sociabilidade fora dos estádios. A roupa padronizada da Torcida Organizada, sem distinção de grifes, as canções de efeito, os gestos simbólicos de cumprimento, constituem aspectos da representação simbólica dos componentes de uma T.O que os identifica, agrega e distingue. É na diferença e semelhança que sua identidade de *Jovem do Sport*, *Fanáutico* ou *Inferno Coral* está construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação foi de, através das sociabilidades identificadas entre os componentes da *Fanático*, *Inferno Coral* e *Jovem do Sport*, as três maiores Torcidas Organizadas de Pernambuco, apresentar a viabilidade e o início de uma aproximação real e etnográfica de compreender estes grupos sociais através de outras práticas distintas da violência, ultrapassando-a, proposta que foi denominada de “*outro olhar*”. Essa pesquisa não pretendeu exaurir o objeto, antes, criar novas possibilidades de abordagem sobre a temática que se apresenta como campo fértil aos estudos antropológicos.

A violência existente *no* futebol brasileiro é consequência de vários fatores complexos e interdependentes. A desestruturação das relações sociais existentes na sociedade maior, sobretudo, provocada pelo comprometimento das relações primárias, afetivas e familiares, e pela desigualdade nas condições sócio-econômicas da população, como moradia, distribuição de renda, acesso à saúde e a educação de qualidade, são identificadas pela literatura como condições que potencializam a violência e a agressividade, principalmente nos grandes centros urbanos do país.

Enquanto fato social, o futebol apresenta-se como “metáfora ou teatralização” deste contexto social (DaMatta, 2006), como espaço propício para a repercussão das condições geradoras da agressividade e da violência presentes na sociedade, seja pelo caráter competitivo do esporte, ou mesmo, pela capacidade de reunir num único espaço físico, o estádio, personagens oriundos de variados segmentos sociais com suas respectivas características e valores. Assim, a manifestação da agressividade e da violência registrada nos estádios do Brasil não é exclusividade dos grupos de *torcedores organizados*, está presente também nos dirigentes, jogadores de futebol e *torcedores comuns*.

Enquanto os episódios de violência registrados nos estádios brasileiros continuarem a ser tratados de forma imediatista e isolados, como “casos de polícia”, as mesmas ações que foram utilizadas para reprimir a violência urbana através de políticas de segurança pública serão aplicadas aos problemas do futebol brasileiro, ignorando as origens sociais desses fatos. Desta forma, conceber que a violência nos estádio de

futebol está vinculada predominantemente às Torcidas Organizadas é repetir o mesmo equívoco histórico que por anos afirmou que pobreza é sinônimo de violência.

O futebol assumiu grande importância na cultura popular brasileira principalmente a partir da década de 1930, momento em que o poder público utilizou-se de estratégias populistas e nacionalistas para obtenção do apoio social. Assim, percebe-se que os estádios passam a ser os locais propícios para a manifestação de atos reivindicatórios ou ufanistas, a exemplo das campanhas contra a ditadura militar ao longo das décadas de 1970 e 1980. Ao lado disso, o anonimato que a multidão proporciona, o sentimento de impunidade provocado pela ausência de medidas de controle dos órgãos públicos, as precárias condições de organização dos estádios - falta de conforto e higiene nas instalações dos clubes, grandes filas em dias de jogos e horários tardios das partidas -, são considerados fatores que estimulam a agressividade e a violência nos estádios de futebol.

As Torcidas Organizadas brasileiras assumiram um modelo de gestão e organização burocratizadas, principalmente a partir do período ditatorial militar (1964-1985), o que possibilitou a formação de grupos cada vez maiores e adaptados as demandas do futebol profissionalizado e midiático. Possuem administrações próprias, mantendo-se através da venda de produtos, cobrança de mensalidades e, em certos aspectos, da ajuda dos clubes. Seus integrantes são basicamente jovens entre 13 e 30 anos de idade, estão em busca da construção de suas identidades sociais e de sociabilidades que muitos não vivenciam em suas vidas cotidianas.

O aumento vertiginoso de jovens associando-se às Torcidas Organizadas pode ser explicado, segundo Pimenta (1997), pelo fascínio e pela idéia de segurança que o grupo pode proporcionar, diante de uma sociedade de sobrevivência, de concorrência, de luta de todos contra todos, ou melhor, de um contra todos. A experiência de campo possibilitou compreender que esses jovens são atraídos, inicialmente, pelas performances e pela estética dos grupos, mas, principalmente, pelas relações de alianças, cooperação, solidariedade grupal, fidelidade, inclusão social, identidades coletivas, amizades, acolhimento, afetividade, companheirismo, pertencimento. A torcida também lhes proporciona visibilidade e prestígio social. Dentre estas

sociabilidades destacam-se as *relações de alianças*, estabelecidas entre as Torcidas Organizadas do Recife com torcidas de outros Estados do país.

Estas alianças contribuíram para modificar a forma de torcer nos estádios da capital pernambucana bem como desses outros locais. Estruturadas inicialmente para proporcionar apoio logístico e segurança, durante as viagens de torcedores pelo Brasil, as *Relações de aliança* foram estabelecidas a partir da década de 1990, intensificando-se no início dos anos 2000, modificando profundamente as características de organização destes grupos sociais, suas formas de representações, e a forma de torcer nos estádios. As influências são percebidas também entre os “torcedores comuns”, que assimilaram os gestos de cumprimento, gritos de guerra e *performances* das Organizadas. A gestão administrativa das maiores T.O recifenses também foi alterada, sobretudo, pelo aumento de componentes e pela abertura de novas possibilidades comerciais. Entretanto, os maiores impactos das alianças são percebidos nas arquibancadas, onde representações identitárias, como as cores dos uniformes e mascotes dos clubes, antes fundamentais na configuração das rivalidades, têm sucumbido diante dos novos valores incorporados pelas alianças, as quais possuem uma lógica própria.

As bibliografias consultadas possibilitaram compreender que, tanto os estudiosos que se dedicam ao estudo específico do fenômeno das Torcidas Organizadas, quanto os que estudam a possível relação entre violência/esporte, *a priori*, defendem que não se pode associar a imagem desses grupos, “exclusivamente”, aos atos de violência registrados nos estádios de futebol, ou mesmo, como os únicos responsáveis.

Na mesma direção, os registros documentais disponibilizados pelas instituições públicas responsáveis pela segurança nos estádios do Recife, após analisados, apresentam resultados que podem ser utilizados para questionar e problematizar os argumentos que responsabilizam os *torcedores organizados* pelo afastamento dos “*bons torcedores*” dos estádios e pelos atos de violência nas praças desportivas. Devemos considerar que o *logos* do discurso acadêmico, então, tem que ser diferente do midiático. Esse seduz pelo imediatismo/sensacionalismo, e por isso domina a informação, não pode dominar, também, a formação (Murad, 2006: p.22).

Diante disto e considerando a relevância dos estudos já produzidos para a compreensão do significado e da importância das Torcidas Organizadas, no contexto do

futebol e da sociedade, compreendemos ser possível também “*relativizar*” o olhar sobre este objeto, numa atitude semelhante a que é defendida por Cardoso de Oliveira,

“(...) uma atitude epistêmica, eminentemente antropológica, graças à qual o pesquisador logra escapar da ameaça do etnocentrismo – essa forma habitual de ver o mundo que circunda o leigo, cuja maneira de olhar e de ouvir não foram disciplinadas pela antropologia” (Oliveira, 2006: p.33).

Por conseguinte, a partir de tudo que foi possível analisar e compreender, a partir das práticas de sociabilidades entre os *torcedores organizados* dos clubes de futebol do Recife, a principal contribuição que se oferece através desta pesquisa é demonstrar a viabilidade e possibilidade de lançar, sobre as Torcidas Organizadas de futebol, um “*outro olhar*”, outra compreensão sobre o fenômeno que não esteja restrita ou relacionada ao estudo da violência, constituindo-se, assim, campo fértil e laboratório rico de possibilidades para as Ciências Sociais do Brasil.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- AQUINO, I. S. *Como escrever artigos científicos – sem “arrodeio” e sem medo da ABNT*. 5. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.
- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOSCHI, R. R (org.). *Violência e cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papirus, 2006.
- BRASÍLIA-DF. Lei nº 10.671, de 15 mai. 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <www.organizadasbrasil.com.br>. Consulta em 2011.
- BROMBERGER, C. *Le match de football: Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Maison des Sciences de l'home, 1995.
- BUFORD, B. *Entre os vândalos: A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CARDOSO de OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. Rio de Janeiro: Biblioteca pioneira de Ciências Sociais, 1976.
- _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- LUNA, C. E. F. A inserção das galeras de baile funk de corredor nas torcidas uniformizadas do Recife. Recife, 2010. (Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, UFPE, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais).
- CASTELLS, M. *A sociedade em Rede: a era da informação*. São Paulo: Paz e terra, 2007.
- CASTRO, A. *Existem judeus em Fortaleza? Um estudo sobre identidade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). PPGS, Universidade Federal do Ceará, 2003.
- CAVIGNAC, J; CARVALHO, M. R.; REESINK, E. B. *Negros no mundo dos índios: Imagens, reflexos, alteridades*. Natal: EDUFRN, 2011.
- COPANS, J; GODELIER, M.; TORNAY, S.; BACKES-CLEMENT, C. *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?* São Paulo: Edições 70, 1971.

CUNHA, F. A. *Torcidas de futebol: espetáculo ou vandalismo*. São Paulo: Scortecci, 2006.

DaMATTA, R. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

_____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores associados, 2005.

DUNNING, E. “Figurando” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. *Dossiê: Revista de Ciências Sociais da UFC*. Fortaleza, v.42, n.1, p.11-26, 2011.

_____. *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: Paidotribo, 2003.

DURKHEM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, N. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. *História da Antropologia*. 2. e.d. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE FUTEBOL. Informações atualizadas sobre a FPF. Disponível em: <<http://www.fpf-pe.gov.br>>. Acesso em 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.

FICHTER, J.H. *Sociologia*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973.

FREYRE, G. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

GAMEIRO, R. *O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. In: VI Congresso português de sociologia. Lisboa, 2008.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1989.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GURGEL, A. *Futebol S/A: A economia em campo*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Biblioteca tempo universitário 84, 2003.
- HOBBSAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.
- HOFFNAGEL, J.C. *Temas em antropologia e lingüística*. Recife: Bagaço, 2010.
- HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre: UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 14, n. 30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEVER, J. A. *A loucura do futebol*. São Paulo: Record, 1983).
- LINHARES, M. Y. (Org.). *História Geral do Brasil*. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.
- MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- MAIR, L. *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972
- MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3.ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.
- MARIVOET, S. *Uma perspectiva teórica do hooliganismo no futebol*. Horizonte, Lisboa: Livros horizonte, V.8, 1992.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MORRIS, D. *A tribo do futebol*. Milão: Publicações Europa-América, 1981.
- MURAD, M. *A violência e o futebol*. Dos estudos clássicos aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

OLIVEN, R. G. *Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília-DF, 1992.

_____. *A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. *Uma antropologia no plural. Três experiências contemporâneas*. Brasília-DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PERNAMBUCO. TJPE, Portaria nº 001/11, 28 abr. 2011. Disponível em <<http://www.jconline.com>>. Acesso em 2011.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de futebol. Aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

PRIORI, M. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

RABUSKE, E.A. *Antropologia filosófica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, H. H.B. *Futebol e violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H.B; ESCHER, T. A. *Futebol e sociedade*. Brasília: Líber livros, 2006.

REZENDE, C. B. COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – periódico do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Ceará – UFC. n. 1(1970) – Fortaleza, UFC, 2011.

RIAL, C. *Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre: UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, Ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIVIÈRE, C. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Editora edições 70, 1995.

SANTOS, T. C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, T.T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2011.

SIMMEL, G. *A natureza sociológica do conflito*. São Paulo: Ática, 1993.

- SOUZA, A. A. *Juizado do torcedor: penas, processo e inclusão social*. Recife: Edições bagaço, 2007.
- SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. São Paulo: 161-178, 1994.
- STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. *Administração*. 5.ed. Rio de Janeiro: PHB, 1995.
- TEIXEIRA, R. C. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGSA, UFRJ, 1998.
- TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.
- _____. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista da USP*, n. 22, p. 92-101, 1994.
- _____. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Autores associados/ANPOCS, 1996. 176 páginas.
- VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Zimmel*. Belém, EDUFPA, 2005.
- VELHO, G. *O fenómeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- VELHO, G (org.). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

ANEXO A

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 10.671, DE 15 DE MAIO DE 2003.

[Mensagem de veto](#)

Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências.

[Texto compilado](#)

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES Gerais

Art. 1º Este Estatuto estabelece normas de proteção e defesa do torcedor.

Art. 1º-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 2º Torcedor é toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva.

Parágrafo único. Salvo prova em contrário, presumem-se a apreciação, o apoio ou o acompanhamento de que trata o **caput** deste artigo.

Art. 2º-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

I - nome completo; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

II - fotografia; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

III - filiação; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

IV - número do registro civil; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

V - número do CPF; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

VI - data de nascimento; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

VII - estado civil; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

VIII - profissão; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

IX - endereço completo; e [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

X - escolaridade. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 3º Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da [Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990](#), a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo.

Art. 4º [\(VETADO\)](#)

CAPÍTULO II

DA TRANSPARÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO

Art. 5º São asseguradas ao torcedor a publicidade e transparência na organização das competições administradas pelas entidades de administração do desporto, bem como pelas ligas de que trata o [art. 20 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998](#).

~~Parágrafo único. As entidades de que trata o caput farão publicar na internet, em sítio dedicado exclusivamente à competição, bem como afixar ostensivamente em local visível, em caracteres facilmente legíveis, do lado externo de todas as entradas do local onde se realiza o evento esportivo:~~

- ~~I - a íntegra do regulamento da competição;~~
- ~~II - as tabelas da competição, contendo as partidas que serão realizadas, com especificação de sua data, local e horário;~~
- ~~III - o nome e as formas de contato do Ouvidor da Competição de que trata o art. 6º;~~
- ~~IV - os borderôs completos das partidas;~~
- ~~V - a escalação dos árbitros imediatamente após sua definição; e~~
- ~~VI - a relação dos nomes dos torcedores impedidos de comparecer ao local do evento desportivo.~~

§ 1º As entidades de que trata o caput farão publicar na internet, em sítio da entidade responsável pela organização do evento: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

I - a íntegra do regulamento da competição; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

II - as tabelas da competição, contendo as partidas que serão realizadas, com especificação de sua data, local e horário; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

III - o nome e as formas de contato do Ouvidor da Competição de que trata o art. 6º; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

IV - os borderôs completos das partidas; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

V - a escalação dos árbitros imediatamente após sua definição; e [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

VI - a relação dos nomes dos torcedores impedidos de comparecer ao local do evento desportivo. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 2º Os dados contidos nos itens V e VI também deverão ser afixados ostensivamente em local visível, em caracteres facilmente legíveis, do lado externo de todas as entradas do local onde se realiza o evento esportivo. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 3º O juiz deve comunicar às entidades de que trata o caput decisão judicial ou aceitação de proposta de transação penal ou suspensão do processo que implique o impedimento do torcedor de frequentar estádios desportivos. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 6º A entidade responsável pela organização da competição, previamente ao seu início, designará o Ouvidor da Competição, fornecendo-lhe os meios de comunicação necessários ao amplo acesso dos torcedores.

§ 1º São deveres do Ouvidor da Competição recolher as sugestões, propostas e reclamações que receber dos torcedores, examiná-las e propor à respectiva entidade medidas necessárias ao aperfeiçoamento da competição e ao benefício do torcedor.

§ 2º É assegurado ao torcedor:

I - o amplo acesso ao Ouvidor da Competição, mediante comunicação postal ou mensagem eletrônica; e

II - o direito de receber do Ouvidor da Competição as respostas às sugestões, propostas e reclamações, que encaminhou, no prazo de trinta dias.

§ 3º Na hipótese de que trata o inciso II do § 2º, o Ouvidor da Competição utilizará, prioritariamente, o mesmo meio de comunicação utilizado pelo torcedor para o encaminhamento de sua mensagem.

~~§ 4º O sítio da internet em que forem publicadas as informações de que trata o parágrafo único do art. 5º conterá, também, as manifestações e propostas do Ouvidor da Competição.~~

§ 4º O sítio da internet em que forem publicadas as informações de que trata o § 1º do art. 5º conterá, também, as manifestações e propostas do Ouvidor da Competição. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 5º A função de Ouvidor da Competição poderá ser remunerada pelas entidades de prática desportiva participantes da competição.

Art. 7º É direito do torcedor a divulgação, durante a realização da partida, da renda obtida pelo pagamento de ingressos e do número de espectadores pagantes e não-pagantes, por intermédio dos serviços de som e imagem instalados no estádio em que se realiza a partida, pela entidade responsável pela organização da competição.

Art. 8º As competições de atletas profissionais de que participem entidades integrantes da organização desportiva do País deverão ser promovidas de acordo com calendário anual de eventos oficiais que:

I - garanta às entidades de prática desportiva participação em competições durante pelo menos dez meses do ano;

II - adote, em pelo menos uma competição de âmbito nacional, sistema de disputa em que as equipes participantes conheçam, previamente ao seu início, a quantidade de partidas que disputarão, bem como seus adversários.

CAPÍTULO III

DO REGULAMENTO DA COMPETIÇÃO

~~Art. 9º É direito do torcedor que o regulamento, as tabelas da competição e o nome do Ouvidor da Competição sejam divulgados até sessenta dias antes de seu início, na forma do parágrafo único do art. 5º.~~

Art. 9º É direito do torcedor que o regulamento, as tabelas da competição e o nome do Ouvidor da Competição sejam divulgados até 60 (sessenta) dias antes de seu início, na forma do § 1º do art. 5º. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 1º Nos dez dias subseqüentes à divulgação de que trata o **caput**, qualquer interessado poderá manifestar-se sobre o regulamento diretamente ao Ouvidor da Competição.

§ 2º O Ouvidor da Competição elaborará, em setenta e duas horas, relatório contendo as principais propostas e sugestões encaminhadas.

§ 3º Após o exame do relatório, a entidade responsável pela organização da competição decidirá, em quarenta e oito horas, motivadamente, sobre a conveniência da aceitação das propostas e sugestões relatadas.

~~§ 4º O regulamento definitivo da competição será divulgado, na forma do parágrafo único do art. 5º, quarenta e cinco dias antes de seu início.~~

§ 4º O regulamento definitivo da competição será divulgado, na forma do § 1º do art. 5º, 45 (quarenta e cinco) dias antes de seu início. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 5º É vedado proceder alterações no regulamento da competição desde sua divulgação definitiva, salvo nas hipóteses de:

I - apresentação de novo calendário anual de eventos oficiais para o ano subseqüente, desde que aprovado pelo Conselho Nacional do Esporte – CNE;

II - após dois anos de vigência do mesmo regulamento, observado o procedimento de que trata este artigo.

§ 6º A competição que vier a substituir outra, segundo o novo calendário anual de eventos oficiais apresentado para o ano subseqüente, deverá ter âmbito territorial diverso da competição a ser substituída.

Art. 10. É direito do torcedor que a participação das entidades de prática desportiva em competições organizadas pelas entidades de que trata o art. 5º seja exclusivamente em virtude de critério técnico previamente definido.

§ 1º Para os fins do disposto neste artigo, considera-se critério técnico a habilitação de entidade de prática desportiva em razão de colocação obtida em competição anterior.

§ 2º Fica vedada a adoção de qualquer outro critério, especialmente o convite, observado o disposto no [art. 89 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.](#)

§ 3º Em campeonatos ou torneios regulares com mais de uma divisão, será observado o princípio do acesso e do descenso.

§ 4º Serão desconsideradas as partidas disputadas pela entidade de prática desportiva que não tenham atendido ao critério técnico previamente definido, inclusive para efeito de pontuação na competição.

Art. 11. É direito do torcedor que o árbitro e seus auxiliares entreguem, em até quatro horas contadas do término da partida, a súmula e os relatórios da partida ao representante da entidade responsável pela organização da competição.

§ 1º Em casos excepcionais, de grave tumulto ou necessidade de laudo médico, os relatórios da partida poderão ser complementados em até vinte e quatro horas após o seu término.

§ 2º A súmula e os relatórios da partida serão elaborados em três vias, de igual teor e forma, devidamente assinadas pelo árbitro, auxiliares e pelo representante da entidade responsável pela organização da competição.

§ 3º A primeira via será acondicionada em envelope lacrado e ficará na posse de representante da entidade responsável pela organização da competição, que a encaminhará ao setor competente da respectiva entidade até as treze horas do primeiro dia útil subsequente.

§ 4º O lacre de que trata o § 3º será assinado pelo árbitro e seus auxiliares.

§ 5º A segunda via ficará na posse do árbitro da partida, servindo-lhe como recibo.

§ 6º A terceira via ficará na posse do representante da entidade responsável pela organização da competição, que a encaminhará ao Ouvidor da Competição até as treze horas do primeiro dia útil subsequente, para imediata divulgação.

~~Art. 12. A entidade responsável pela organização da competição dará publicidade à súmula e aos relatórios da partida no sítio de que trata o parágrafo único do art. 5º até as quatorze horas do primeiro dia útil subsequente ao da realização da partida.~~

Art. 12. A entidade responsável pela organização da competição dará publicidade à súmula e aos relatórios da partida no sítio de que trata o § 1º do art. 5º até as 14 (quatorze) horas do 3º (terceiro) dia útil subsequente ao da realização da partida. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CAPÍTULO IV

DA SEGURANÇA DO TORCEDOR PARTÍCIPE DO EVENTO ESPORTIVO

Art. 13. O torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas. [\(Vigência\)](#)

Parágrafo único. Será assegurado acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

I - estar na posse de ingresso válido; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

III - consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

VI - não arremessar objetos, de qualquer natureza, no interior do recinto esportivo; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

VII - não portar ou utilizar fogos de artifício ou quaisquer outros engenhos pirotécnicos ou produtores de efeitos análogos; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

VIII - não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza; e [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

IX - não invadir e não incitar a invasão, de qualquer forma, da área restrita aos competidores. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

Parágrafo único. O não cumprimento das condições estabelecidas neste artigo implicará a impossibilidade de ingresso do torcedor ao recinto esportivo, ou, se for o caso, o seu afastamento imediato do recinto, sem prejuízo de outras sanções administrativas, civis ou penais eventualmente cabíveis. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\)](#).

Art. 14. Sem prejuízo do disposto nos [arts. 12 a 14 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990](#), a responsabilidade pela segurança do torcedor em evento esportivo é da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo e de seus dirigentes, que deverão:

I – solicitar ao Poder Público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

II - informar imediatamente após a decisão acerca da realização da partida, dentre outros, aos órgãos públicos de segurança, transporte e higiene, os dados necessários à segurança da partida, especialmente:

- a) o local;
- b) o horário de abertura do estádio;
- c) a capacidade de público do estádio; e
- d) a expectativa de público;

III - colocar à disposição do torcedor orientadores e serviço de atendimento para que aquele encaminhe suas reclamações no momento da partida, em local:

- a) amplamente divulgado e de fácil acesso; e
- b) situado no estádio.

§ 1º É dever da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo solucionar imediatamente, sempre que possível, as reclamações dirigidas ao serviço de atendimento referido no inciso III, bem como reportá-las ao Ouvidor da Competição e, nos casos

relacionados à violação de direitos e interesses de consumidores, aos órgãos de defesa e proteção do consumidor.

~~§ 2º Perderá o mando de campo por, no mínimo, dois meses, sem prejuízo das sanções cabíveis, a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo que não observar o disposto no caput deste artigo. [\(Revogado pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)~~

Art. 15. O detentor do mando de jogo será uma das entidades de prática desportiva envolvidas na partida, de acordo com os critérios definidos no regulamento da competição.

Art. 16. É dever da entidade responsável pela organização da competição:

I - confirmar, com até quarenta e oito horas de antecedência, o horário e o local da realização das partidas em que a definição das equipes dependa de resultado anterior;

II - contratar seguro de acidentes pessoais, tendo como beneficiário o torcedor portador de ingresso, válido a partir do momento em que ingressar no estádio;

III – disponibilizar um médico e dois enfermeiros-padrão para cada dez mil torcedores presentes à partida;

IV – disponibilizar uma ambulância para cada dez mil torcedores presentes à partida; e

V – comunicar previamente à autoridade de saúde a realização do evento.

Art. 17. É direito do torcedor a implementação de planos de ação referentes a segurança, transporte e contingências que possam ocorrer durante a realização de eventos esportivos.

~~§ 1º Os planos de ação de que trata o caput:~~

§ 1º Os planos de ação de que trata o caput serão elaborados pela entidade responsável pela organização da competição, com a participação das entidades de prática desportiva que a disputarão e dos órgãos responsáveis pela segurança pública, transporte e demais contingências que possam ocorrer, das localidades em que se realizarão as partidas da competição. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

I - serão elaborados pela entidade responsável pela organização da competição, com a participação das entidades de prática desportiva que a disputarão; e

II - deverão ser apresentados previamente aos órgãos responsáveis pela segurança pública das localidades em que se realizarão as partidas da competição.

§ 2º Planos de ação especiais poderão ser apresentados em relação a eventos esportivos com excepcional expectativa de público.

§ 3º Os planos de ação serão divulgados no sítio dedicado à competição de que trata o parágrafo único do art. 5º no mesmo prazo de publicação do regulamento definitivo da competição.

~~Art. 18. Os estádios com capacidade superior a vinte mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infra-estrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente. [\(Vigência\)](#)~~

Art. 18. Os estádios com capacidade superior a 10.000 (dez mil) pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 19. As entidades responsáveis pela organização da competição, bem como seus dirigentes respondem solidariamente com as entidades de que trata o art. 15 e seus dirigentes, independentemente da existência de culpa, pelos prejuízos causados a torcedor que decorram de falhas de segurança nos estádios ou da inobservância do disposto neste capítulo.

CAPÍTULO V

DOS INGRESSOS

Art. 20. É direito do torcedor partícipe que os ingressos para as partidas integrantes de competições profissionais sejam colocados à venda até setenta e duas horas antes do início da partida correspondente.

§ 1º O prazo referido no **caput** será de quarenta e oito horas nas partidas em que:

I - as equipes sejam definidas a partir de jogos eliminatórios; e

II - a realização não seja possível prever com antecedência de quatro dias.

§ 2º A venda deverá ser realizada por sistema que assegure a sua agilidade e amplo acesso à informação.

§ 3º É assegurado ao torcedor partícipe o fornecimento de comprovante de pagamento, logo após a aquisição dos ingressos.

§ 4º Não será exigida, em qualquer hipótese, a devolução do comprovante de que trata o § 3º.

§ 5º Nas partidas que compõem as competições de âmbito nacional ou regional de primeira e segunda divisão, a venda de ingressos será realizada em, pelo menos, cinco postos de venda localizados em distritos diferentes da cidade.

Art. 21. A entidade detentora do mando de jogo implementará, na organização da emissão e venda de ingressos, sistema de segurança contra falsificações, fraudes e outras práticas que contribuam para a evasão da receita decorrente do evento esportivo.

Art. 22. São direitos do torcedor partícipe: [\(Vigência\)](#)

I - que todos os ingressos emitidos sejam numerados; e

II - ocupar o local correspondente ao número constante do ingresso.

§ 1º O disposto no inciso II não se aplica aos locais já existentes para assistência em pé, nas competições que o permitirem, limitando-se, nesses locais, o número de pessoas, de acordo com critérios de saúde, segurança e bem-estar.

~~§ 2º missão de ingressos e o acesso ao estádio na primeira divisão da principal competição nacional e nas partidas finais das competições eliminatórias de âmbito nacional deverão ser realizados por meio de sistema eletrônico que viabilize a fiscalização e o controle da quantidade de público e do movimento financeiro da partida.~~

~~§ 3º O disposto no § 2º não se aplica aos eventos esportivos realizados em estádios com capacidade inferior a vinte mil pessoas.~~

§ 2º A emissão de ingressos e o acesso ao estádio nas primeira e segunda divisões da principal competição nacional e nas partidas finais das competições eliminatórias de âmbito nacional deverão ser realizados por meio de sistema eletrônico que viabilize a fiscalização e o controle da quantidade de público e do movimento financeiro da partida. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 3º O disposto no § 2º não se aplica aos eventos esportivos realizados em estádios com capacidade inferior a 10.000 (dez mil) pessoas. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 23. A entidade responsável pela organização da competição apresentará ao Ministério Público dos Estados e do Distrito Federal, previamente à sua realização, os laudos técnicos expedidos pelos órgãos e autoridades competentes pela vistoria das condições de segurança dos estádios a serem utilizados na competição. [\(Regulamento\)](#)

§ 1º Os laudos atestarão a real capacidade de público dos estádios, bem como suas condições de segurança.

§ 2º Perderá o mando de jogo por, no mínimo, seis meses, sem prejuízo das demais sanções cabíveis, a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo em que:

I - tenha sido colocado à venda número de ingressos maior do que a capacidade de público do estádio; ou

II - tenham entrado pessoas em número maior do que a capacidade de público do estádio.

III - tenham sido disponibilizados portões de acesso ao estádio em número inferior ao recomendado pela autoridade pública. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 24. É direito do torcedor partícipe que conste no ingresso o preço pago por ele.

§ 1º Os valores estampados nos ingressos destinados a um mesmo setor do estádio não poderão ser diferentes entre si, nem daqueles divulgados antes da partida pela entidade detentora do mando de jogo.

§ 2º O disposto no § 1º não se aplica aos casos de venda antecipada de carnê para um conjunto de, no mínimo, três partidas de uma mesma equipe, bem como na venda de ingresso com redução de preço decorrente de previsão legal.

~~Art. 25. O controle e a fiscalização do acesso do público ao estádio com capacidade para mais de vinte mil pessoas deverá contar com meio de monitoramento por imagem das catracas, sem prejuízo do disposto no art. 18 desta Lei. [\(Vigência\)](#)~~

Art. 25. O controle e a fiscalização do acesso do público ao estádio com capacidade para mais de 10.000 (dez mil) pessoas deverão contar com meio de monitoramento por imagem das catracas, sem prejuízo do disposto no art. 18 desta Lei. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CAPÍTULO VI

DO TRANSPORTE

Art. 26. Em relação ao transporte de torcedores para eventos esportivos, fica assegurado ao torcedor partícipe:

I - o acesso a transporte seguro e organizado;

II - a ampla divulgação das providências tomadas em relação ao acesso ao local da partida, seja em transporte público ou privado; e

III - a organização das imediações do estádio em que será disputada a partida, bem como suas entradas e saídas, de modo a viabilizar, sempre que possível, o acesso seguro e rápido ao evento, na entrada, e aos meios de transporte, na saída.

Art. 27. A entidade responsável pela organização da competição e a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo solicitarão formalmente, direto ou mediante convênio, ao Poder Público competente:

I - serviços de estacionamento para uso por torcedores partícipes durante a realização de eventos esportivos, assegurando a estes acesso a serviço organizado de transporte para o estádio, ainda que oneroso; e

II - meio de transporte, ainda que oneroso, para condução de idosos, crianças e pessoas portadoras de deficiência física aos estádios, partindo de locais de fácil acesso, previamente determinados.

~~Parágrafo único. O cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a vinte mil pessoas.~~

Parágrafo único. O cumprimento do disposto neste artigo fica dispensado na hipótese de evento esportivo realizado em estádio com capacidade inferior a 10.000 (dez mil) pessoas. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CAPÍTULO VII

DA ALIMENTAÇÃO E DA HIGIENE

Art. 28. O torcedor partícipe tem direito à higiene e à qualidade das instalações físicas dos estádios e dos produtos alimentícios vendidos no local.

§ 1º O Poder Público, por meio de seus órgãos de vigilância sanitária, verificará o cumprimento do disposto neste artigo, na forma da legislação em vigor.

§ 2º É vedado impor preços excessivos ou aumentar sem justa causa os preços dos produtos alimentícios comercializados no local de realização do evento esportivo.

Art. 29. É direito do torcedor partícipe que os estádios possuam sanitários em número compatível com sua capacidade de público, em plenas condições de limpeza e funcionamento.

Parágrafo único. Os laudos de que trata o art. 23 deverão aferir o número de sanitários em condições de uso e emitir parecer sobre a sua compatibilidade com a capacidade de público do estádio.

CAPÍTULO VIII

DA RELAÇÃO COM A ARBITRAGEM ESPORTIVA

Art. 30. É direito do torcedor que a arbitragem das competições desportivas seja independente, imparcial, previamente remunerada e isenta de pressões.

Parágrafo único. A remuneração do árbitro e de seus auxiliares será de responsabilidade da entidade de administração do desporto ou da liga organizadora do evento esportivo.

Art. 31. A entidade detentora do mando do jogo e seus dirigentes deverão convocar os agentes públicos de segurança visando a garantia da integridade física do árbitro e de seus auxiliares.

Art. 31-A. É dever das entidades de administração do desporto contratar seguro de vida e acidentes pessoais, tendo como beneficiária a equipe de arbitragem, quando exclusivamente no exercício dessa atividade. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 32. É direito do torcedor que os árbitros de cada partida sejam escolhidos mediante sorteio, dentre aqueles previamente selecionados.

§ 1º O sorteio será realizado no mínimo quarenta e oito horas antes de cada rodada, em local e data previamente definidos.

§ 2º O sorteio será aberto ao público, garantida sua ampla divulgação.

CAPÍTULO IX

DA RELAÇÃO COM A ENTIDADE DE PRÁTICA DESPORTIVA

Art. 33. Sem prejuízo do disposto nesta Lei, cada entidade de prática desportiva fará publicar documento que contemple as diretrizes básicas de seu relacionamento com os torcedores, disciplinando, obrigatoriamente: [\(Vigência\)](#)

I - o acesso ao estádio e aos locais de venda dos ingressos;

II - mecanismos de transparência financeira da entidade, inclusive com disposições relativas à realização de auditorias independentes, observado o disposto no [art. 46-A da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998](#); e

III - a comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva.

Parágrafo único. A comunicação entre o torcedor e a entidade de prática desportiva de que trata o inciso III do **caput** poderá, dentre outras medidas, ocorrer mediante:

I - a instalação de uma ouvidoria estável;

II - a constituição de um órgão consultivo formado por torcedores não-sócios; ou

III - reconhecimento da figura do sócio-torcedor, com direitos mais restritos que os dos demais sócios.

CAPÍTULO X

DA RELAÇÃO COM A JUSTIÇA DESPORTIVA

Art. 34. É direito do torcedor que os órgãos da Justiça Desportiva, no exercício de suas funções, observem os princípios da impessoalidade, da moralidade, da celeridade, da publicidade e da independência.

Art. 35. As decisões proferidas pelos órgãos da Justiça Desportiva devem ser, em qualquer hipótese, motivadas e ter a mesma publicidade que as decisões dos tribunais federais.

§ 1º Não correm em segredo de justiça os processos em curso perante a Justiça Desportiva.

~~§ 2º As decisões de que trata o caput serão disponibilizadas no sítio de que trata o parágrafo único do art. 5º.~~

§ 2º As decisões de que trata o caput serão disponibilizadas no sítio de que trata o § 1º do art. 5º. [\(Redação dada pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 36. São nulas as decisões proferidas que não observarem o disposto nos arts. 34 e 35.

CAPÍTULO XI

DAS PENALIDADES

Art. 37. Sem prejuízo das demais sanções cabíveis, a entidade de administração do desporto, a liga ou a entidade de prática desportiva que violar ou de qualquer forma concorrer para a violação do disposto nesta Lei, observado o devido processo legal, incidirá nas seguintes sanções:

I – destituição de seus dirigentes, na hipótese de violação das regras de que tratam os Capítulos II, IV e V desta Lei;

II - suspensão por seis meses dos seus dirigentes, por violação dos dispositivos desta Lei não referidos no inciso I;

III - impedimento de gozar de qualquer benefício fiscal em âmbito federal; e

IV - suspensão por seis meses dos repasses de recursos públicos federais da administração direta e indireta, sem prejuízo do disposto no art. 18 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.

§ 1º Os dirigentes de que tratam os incisos I e II do **caput** deste artigo serão sempre:

I - o presidente da entidade, ou aquele que lhe faça as vezes; e

II - o dirigente que praticou a infração, ainda que por omissão.

§ 2º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão instituir, no âmbito de suas competências, multas em razão do descumprimento do disposto nesta Lei.

§ 3º A instauração do processo apuratório acarretará adoção cautelar do afastamento compulsório dos dirigentes e demais pessoas que, de forma direta ou indiretamente, puderem interferir prejudicialmente na completa elucidação dos fatos, além da suspensão dos repasses de verbas públicas, até a decisão final.

Art. 38. [\(VETADO\)](#)

~~Art. 39. O torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores ficará impedido de comparecer às proximidades, bem como a~~

qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de três meses a um ano, de acordo com a gravidade da conduta, sem prejuízo das demais sanções cabíveis. [\(Revogado pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de cinco mil metros ao redor do local de realização do evento esportivo.

§ 2º A verificação do mau torcedor deverá ser feita pela sua conduta no evento esportivo ou por Boletins de Ocorrências Policiais lavrados.

§ 3º A apenação se dará por sentença dos juizados especiais criminais e deverá ser provocada pelo Ministério Público, pela polícia judiciária, por qualquer autoridade, pelo mando de evento esportivo ou por qualquer torcedor partícipe, mediante representação.

Art. 39-A. A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 39-B. A torcida organizada responde civilmente, de forma objetiva e solidária, pelos danos causados por qualquer dos seus associados ou membros no local do evento esportivo, em suas imediações ou no trajeto de ida e volta para o evento. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 40. A defesa dos interesses e direitos dos torcedores em juízo observará, no que couber, a mesma disciplina da defesa dos consumidores em juízo de que trata o [Título III da Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990.](#)

Art. 41. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios promoverão a defesa do torcedor, e, com a finalidade de fiscalizar o cumprimento do disposto nesta Lei, poderão:

I - constituir órgão especializado de defesa do torcedor; ou

II - atribuir a promoção e defesa do torcedor aos órgãos de defesa do consumidor.

Art. 41-A. Os juizados do torcedor, órgãos da Justiça Ordinária com competência cível e criminal, poderão ser criados pelos Estados e pelo Distrito Federal para o processo, o julgamento e a execução das causas decorrentes das atividades reguladas nesta Lei. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CAPÍTULO XI-A

DOS
[\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CRIMES

Art. 41-B. Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

I - promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de 5.000 (cinco mil) metros ao redor do local de realização do evento esportivo, ou durante o trajeto de ida e volta do local da realização do evento; [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

II - portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 2º Na sentença penal condenatória, o juiz deverá converter a pena de reclusão em pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de 3 (três) meses a 3 (três) anos, de acordo com a gravidade da conduta, na hipótese de o agente ser primário, ter bons antecedentes e não ter sido punido anteriormente pela prática de condutas previstas neste artigo. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 3º A pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, converter-se-á em privativa de liberdade quando ocorrer o descumprimento injustificado da restrição imposta. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 4º Na conversão de pena prevista no § 2º, a sentença deverá determinar, ainda, a obrigatoriedade suplementar de o agente permanecer em estabelecimento indicado pelo juiz, no período compreendido entre as 2 (duas) horas antecedentes e as 2 (duas) horas posteriores à realização de partidas de entidade de prática desportiva ou de competição determinada. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

§ 5º Na hipótese de o representante do Ministério Público propor aplicação da pena restritiva de direito prevista no art. 76 da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, o juiz aplicará a sanção prevista no § 2º. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 41-C. Solicitar ou aceitar, para si ou para outrem, vantagem ou promessa de vantagem patrimonial ou não patrimonial para qualquer ato ou omissão destinado a alterar ou falsear o resultado de competição esportiva: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 41-D. Dar ou prometer vantagem patrimonial ou não patrimonial com o fim de alterar ou falsear o resultado de uma competição desportiva: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 41-E. Fraudar, por qualquer meio, ou contribuir para que se fraude, de qualquer forma, o resultado de competição esportiva: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 41-F. Vender ingressos de evento esportivo, por preço superior ao estampado no bilhete: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 1 (um) a 2 (dois) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Art. 41-G. Fornecer, desviar ou facilitar a distribuição de ingressos para venda por preço superior ao estampado no bilhete: [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Pena - reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos e multa. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

Parágrafo único. A pena será aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o agente for servidor público, dirigente ou funcionário de entidade de prática desportiva, entidade responsável pela organização da competição, empresa contratada para o processo de

emissão, distribuição e venda de ingressos ou torcida organizada e se utilizar desta condição para os fins previstos neste artigo. [\(Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010\).](#)

CAPÍTULO XII

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 42. O Conselho Nacional de Esportes – CNE promoverá, no prazo de seis meses, contado da publicação desta Lei, a adequação do Código de Justiça Desportiva ao disposto na [Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998](#), nesta Lei e em seus respectivos regulamentos.

Art. 43. Esta Lei aplica-se apenas ao desporto profissional.

Art. 44. O disposto no parágrafo único do [art. 13](#), e nos arts. [18](#), [22](#), [25](#) e [33](#) entrará em vigor após seis meses da publicação desta Lei.

Art. 45. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de maio de 2003; 182^º da Independência e 115^º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Agnelo Santos Queiroz Filho
Álvaro Augusto Ribeiro Costa

Este texto não substitui o publicado no DOU de 16.5.2003

ANEXO B

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Juizado do Torcedor.

Rua do Futuro, 99, Graças- Recife-PE- Fone: +55 81 3228.4568- CEP: 52.050-010

PORTARIA Nº 001/2011

EMENTA: Proíbe o acesso das denominadas “torcidas organizadas” aos Estádios de Futebol da Capital do Estado de Pernambuco e aos entornos dos mesmos, nos jogos válidos pelas semifinais e finais do Campeonato Pernambucano Coca Cola 2011 de Futebol Profissional, organizado pela Federação Pernambucana de Futebol- FPF e dá outras providências.

O Doutor AILTON ALFREDO DE SOUZA, Juiz de Direito do Juizado do Torcedor, no uso de suas legais atribuições, notadamente no que dispõe a Lei Complementar Estadual nº 163, de 17 de dezembro de 2010 e, principalmente no que dispõe o Estatuto do Torcedor, com as alterações da Lei Federal nº 12.299 de 27 de julho de 2010, cujos dispositivos referentes a espécie se transcreve:

Art. 4o A Lei no 10.671, de 15 de maio de 2003, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 1o-A, 2o-A, 13-A, 31-A, 39-A, 39-B e 41-A, e do Capítulo XI-A, com os arts. 41-B, 41-C, 41-D, 41-E, 41-F e 41-G:

“Art. 1o-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos.”

“Art. 2o-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade.

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações:

- I - nome completo;
- II - fotografia;
- III - filiação;
- IV - número do registro civil;
- V - número do CPF;
- VI - data de nascimento;
- VII - estado civil;
- VIII - profissão;
- IX - endereço completo; e
- X - escolaridade.”

“Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Juizado do Torcedor.

Rua do Futuro, 99, Graças- Recife-PE- Fone: +55 81 3228.4568- CEP: 52.050-010

esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei:

- I - estar na posse de ingresso válido;
- II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de

gerar ou possibilitar a prática de atos de violência;
 III - consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança;
 IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo;
 V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos;
 VI - não arremessar objetos, de qualquer natureza, no interior do recinto esportivo;
 VII - não portar ou utilizar fogos de artifício ou quaisquer outros engenhos pirotécnicos ou produtores de efeitos análogos;
 VIII - não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza; e
 IX - não invadir e não incitar a invasão, de qualquer forma, da área restrita aos competidores.

Parágrafo único. O não cumprimento das condições estabelecidas neste artigo implicará a impossibilidade de ingresso do torcedor ao recinto esportivo, ou, se for o caso, o seu afastamento imediato do recinto, sem prejuízo de outras sanções administrativas, civis ou penais eventualmente cabíveis.”

“Art. 31-A. É dever das entidades de administração do desporto contratar seguro de vida e acidentes pessoais, tendo como beneficiária a equipe de arbitragem, quando exclusivamente no exercício dessa atividade.”

“Art. 39-A. A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos.”

“Art. 39-B. A torcida organizada responde civilmente, de forma objetiva e solidária, pelos danos causados por qualquer dos seus associados ou membros no local do evento esportivo, em suas imediações ou no trajeto de ida e volta para o evento.”

Considerando os atos de violência e vandalismo perpetrados pelas denominadas “torcidas organizadas” na cidade do Recife, sobretudo em dias de jogos envolvendo as equipes de futebol profissional do Clube Náutico Capibaribe, Santa Cruz Futebol Clube e Sport Clube do Recife, fatos do conhecimento público e notório de toda a sociedade recifense, inclusive com depredações e atentados contra a segurança do transporte público coletivo;

Considerando que no campeonato em curso, o clima de acirramento entre as torcidas desses clubes, tem tomado proporções alarmantes, com potencial para abalar a ordem pública, em que pese os esforços de integração das forças públicas de segurança;

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Juizado do Torcedor.

Rua do Futuro, 99, Graças- Recife-PE- Fone: +55 81 3228.4568- CEP: 52.050-010

Considerando que integrantes das “torcidas organizadas” estão trocando desafios de enfrentamento para os próximos jogos, via e-mails e redes sociais, ajustando luta aberta nos estádios de futebol e entorno;

Considerando que as torcidas organizadas, legalmente definidas no art. 2º-A, poderão ser legalmente impedidas de comparecerem aos eventos desportivos, quando promoverem tumulto, praticarem ou incitarem a violência, conforme dispõe o art. 39-A, também do Estatuto do Torcedor;

Considerando, finalmente, que conforme determina o Estatuto do Torcedor, “A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades

recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos.”

R E S O L V E:

Art. 1º: Fica proibido o acesso das denominadas “torcidas organizadas” aos Estádios de Futebol da Capital do Estado de Pernambuco e aos entornos dos mesmos, nos jogos válidos pelas semifinais e finais do Campeonato Pernambucano Coca Cola 2011 de Futebol Profissional, organizado pela Federação Pernambucana de Futebol- FPF.

Art. 2º: Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, a qual fica condicionada à prévia aprovação pelo Egrégio Conselho Superior da Magistratura do Estado de Pernambuco.

Art. 3º: Revogam-se as disposições em contrário.

Recife (PE), 28 de abril de 2011.

AILTON ALFREDO DE SOUZA.
Juiz de Direito.